

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM

RODRIGO CARVALHO SOUSA

**FM 96,7: OS CAMINHOS SONOROS NO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DA
PRIMEIRA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO PIAUÍ E DAS PRÁTICAS
JORNALISTICAS**

TERESINA
2025

RODRIGO CARVALHO SOUSA

**FM 96,7: OS CAMINHOS SONOROS NO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DA
PRIMEIRA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO PIAUÍ E DAS PRÁTICAS
JORNALISTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Processos e Práticas em Jornalismo

Orientador: Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes

TERESINA

2025

RODRIGO CARVALHO SOUSA

**FM 96,7: OS CAMINHOS SONOROS NO PROCESSO DE IMPLANTAÇÃO DA
PRIMEIRA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO PIAUÍ E DAS PRÁTICAS
JORNALISTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Linha de Pesquisa: Processos e Práticas em Jornalismo

Aprovada em: ____/____/____.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Paulo Fernando de Carvalho Lopes (Orientador)

Profa. Dra. Lívia Moreira Barroso (Examinadora)

Profa. Dra. Norma Maria Meireles Macêdo Mafaldo (Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a Deus e toda espiritualidade que me acompanha, pela força e proteção que sempre me deram. Aos meus pais, Antônio Alberto Ferreira de Sousa e Lina Maria de Meneses Carvalho de Sousa que me deram tudo, custearam todos os meus estudos e são os principais responsáveis por todas as minhas conquistas e pelo cidadão que me tornei, dedico ainda as minhas irmãs queridas, Raquel Karoline Carvalho de Sousa e Geise Carvalho Sousa, que me incentivaram e me apoiaram nessa trajetória e aos meus sobrinhos amados, Ana Carolina Carvalho Monte, Lavínia Carvalho Matos, Ivan Guilherme Oliveira Carvalho e Lauro Viana Carvalho, pelo amor que sempre me ofereceram e que foi determinante para eu seguir com esse sonho.

Agradeço também ao meu orientador, Paulo Fernando de Carvalho Lopes que não só nesse trabalho, mas em outros projetos aos quais trabalhamos teve a paciência de me ensinar e me incentivar a buscar ser um profissional cada vez melhor. Dedico ainda aos membros da banca examinadora Lívia Moreira Barroso, Norma Meireles e a todos os professores e professoras do PPGCOM da UFPI, Ana Regina Rego, Jacqueline Lima Dourado, Samantha Castelo Branco, Monalisa, Gustavo Said e Gustavo Silvano também aos professores Vitor Sandes e Olívia Cristina Perez do departamento de pós-graduação em ciência política da UFPI que ministraram para mim a disciplina de métodos qualitativos e quantitativos.

Aos colegas da turma do mestrado que batizamos de “QUALIS”, Karolene Veras, Yuri Pontes, Francisco Luanderson, Bianca, Henrique Douglas, Romário Fárias, Debora Macedo, Fátima Castro, Fabrine Rocha, Lis Herbelle.

Muito obrigado!

RESUMO

Esta pesquisa visa analisar de forma crítica a história da FM 96,7, a primeira rádio universitária do Piauí, vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI). Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa e participante, no qual o próprio autor esteve diretamente envolvido nas atividades da emissora, o que permitiu uma compreensão aprofundada do objeto de estudo. O trabalho busca compreender o processo de criação, implantação e transformação da rádio, seu papel pioneiro na comunicação sonora universitária e seu compromisso com o tripé acadêmico da pesquisa, ensino e extensão. Também são abordadas questões relativas à internacionalização, aos desafios enfrentados e às conquistas ao longo da trajetória da FM 96,7. Além disso, analisam-se as rotinas produtivas, as práticas jornalísticas adotadas, as contribuições da emissora para o radiojornalismo universitário e sua importância na formação de egressos. A pesquisa fundamenta-se em autores como Deus (2003), Moreira (1991), Mustafá *et al* (2017, 2018), entre outros, que discutem o papel social e formativo das rádios universitárias e sua inserção no campo da comunicação pública. Ao final, conclui-se que a Rádio Universitária da UFPI consolidou-se como um espaço estratégico de formação prática em jornalismo, de difusão do conhecimento científico e de fortalecimento da radiodifusão pública no estado.

Palavras-chave: Rádio Universitária; FM 96,7; UFPI; Práticas jornalísticas; Jornalismo piauiense.

ABSTRACT

This research aims to critically examine the history of FM 96.7, the first university radio station in the state of Piauí, affiliated with Universidade Federal do Piauí (UFPI). It is a case study with a qualitative and participatory approach, in which the author was directly involved in the station's activities, allowing for an in-depth understanding of the subject. The study seeks to explore the creation, implementation, and transformation of the radio station, its pioneering role in university audio broadcasting, and its commitment to the academic pillars of research, teaching, and outreach. It also addresses topics such as internationalization, the challenges faced, and the achievements throughout FM 96.7's trajectory. Furthermore, it analyzes production routines, the journalistic practices adopted, the station's contributions to university radio journalism, and its significance in the training of graduates. The research is based on authors such as Deus (2003), Moreira (1991), and Mustafá et al. (2017, 2018), among others, who discuss the social and educational role of university radio and its place within the field of public communication. In conclusion, the study finds that UFPI's university radio has established itself as a strategic space for practical journalism training, the dissemination of scientific knowledge, and the strengthening of public broadcasting in the state.

Keywords: University Radio; FM 96.7; UFPI; Journalistic Practices; Piauí Journalism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 A RÁDIO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL	12
2.1 Conceito de rádio universitária.....	15
2.2 Estudos e pesquisas sobre rádio universitária no Brasil.....	16
3 HISTÓRIAS PARA CONTAR: A IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO PIAUÍ.....	21
3.1 Antes da implantação da 96,7 da UFPI: uma possível disputa	21
3.2 O contexto político que influencia o desenvolvimento do seguimento universitário.....	24
3.3 O alicerces para o seguimento universitário no estado: surge a FM 96,7 da UFPI	25
3.4 Início das transmissões e os primeiros programas	30
3.5 Segunda fase: mudança de direção na emissora	38
3.6 FM Universitária passa a integrar a Rede Nacional de Rádios Públicas.....	46
3.7 Momento de crise: do <i>impeachment</i> à pandemia	48
3.7.1_ Os efeitos da pandemia de Covid-9 na rotina produtiva da Rádio Universitária da UFPI	49
3.7.2 Governo Bolsonaro e os cortes das universidades.....	53
3.8 A queda da torre da emissora	53
4 RÁDIO UNIVERSITÁRIA COMO AMBIENTE PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS	56
4.1 A Rádio Universitária da UFPI e seu papel na formação discente	66
4.1.2 A Rádio Universitária da UFPI: um espaço de oportunidades e diversidade profissional.....	80
4.1.3 O legado dos que chegaram primeiro.....	97
4.1.4 Os desafios da emissora da UFPI no setor de recursos humanos	98
5 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFPI DE 2011 A 2024.....	100
5.1 Surgimento do radiojornalismo da Rádio Universitária da UFPI.....	100
5.2 Construção da redação da rádio.....	103
5.3 O Jornal da Universitária e o avanço da produção jornalística da Rádio da	

UFPI	103
5.3.1 A construção da notícia do Jornal da Universitária	105
5.3.2 O fazer notícia do Jornal da Universitária	107
5.3.3 Grandes reportagens e premiações.....	109
5.3.4 Festas e campanhas da Rádio Universitária.....	112
5.4 A FM 96,7 de 2020 a 2024	113
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE A	130
APÊNDICE B	131
APÊNDICE C	132
APÊNDICE D	134
APÊNDICE E.....	136
APÊNDICE F	138
APÊNDICE G	140

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa descrever a história da primeira Rádio Universitária do Piauí, a FM Universitária 96,7, vinculada à Universidade Federal do Piauí (UFPI), bem como a implantação e as práticas jornalísticas associadas à emissora. O estudo busca compreender como se deu o processo de criação e desenvolvimento da rádio, destacando o pioneirismo na comunicação e na educação local, além dos desafios e conquistas enfrentados ao longo de sua trajetória. Ademais, tem-se como objetivo analisar as rotinas produtivas, as práticas jornalísticas adotadas e suas contribuições para o desenvolvimento do radiojornalismo no estado do Piauí.

Antes, porém, é preciso destacar alguns pontos relevantes sobre o campo de pesquisa das rádios desse segmento e apresentar os caminhos metodológicos escolhidos para alcançar o objetivo central deste trabalho.

Nesse sentido, o problema de pesquisa do qual partimos é: como ocorreu o processo de criação, implantação e transformação da FM 96,7 da UFPI e das práticas jornalísticas da primeira rádio universitária do Piauí? Assim, temos como objeto de estudo a Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí, que opera em sinal aberto por intermédio da frequência modulada FM 96,7, na região da chamada Grande Teresina.

O objetivo geral consiste em descrever o processo de criação, implantação e mudanças da rádio e do departamento de jornalismo da FM 96,7. Os objetivos específicos são:

1. Compreender o contexto histórico e político que possibilitou a implantação da primeira rádio universitária do Piauí.
2. Analisar as práticas e os processos jornalísticos adotados pela rádio FM 96,7 da UFPI, desde sua fundação até o ano de 2024;
3. Identificar os desafios e conquistas enfrentados pela emissora ao longo de sua história, incluindo os impactos de crises políticas, econômicas e sanitárias, como a pandemia de COVID-19;
4. Avaliar o papel da rádio universitária como ambiente de formação prática para estudantes e impacto na formação de profissionais de comunicação e de jornalismo para o cenário radiojornalístico piauiense;
5. Contribuir como registro histórico da primeira rádio universitária do Piauí, destacando sua relevância para a comunicação pública e educativa no estado.

No que tange à metodologia, esta pesquisa constitui um estudo de caso e pesquisa bibliográfica. O estudo de caso permite desvendar um fenômeno a partir da análise profunda de um único caso (Ventura, 2007). Esse método conta com muitas técnicas utilizadas por pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas (Yin, 2001).

Comparando o estudo de caso com pesquisas históricas, Yin (2001) evidencia o papel da observação direta e das entrevistas para a melhor compreensão do contexto do fenômeno a ser investigado, fato que muitas vezes fica limitado aos estudos históricos. Sendo assim, a observação e as entrevistas são oportunas neste caso para melhor compreensão das práticas jornalísticas da emissora, possibilitando a coleta de diversas informações.

Recorre-se também à pesquisa bibliográfica. Conforme Gil (2008, p.69) “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Dessarte, foram utilizados artigos, livros sobre jornalismo, rádio, rádios universitárias e informações documentais sobre a implantação da FM da UFPI. A pesquisa é conduzida por referências bibliográficas que embasam o estudo quanto à concepção e ao funcionamento das rádios universitárias, produção de rádio e prática radiofônica.

Ao longo do projeto, utiliza-se como referências pesquisas bibliográficas de autores como Sônia Virgínia Moreira, Nair Prata, Gisela Ortrivano — que tratam do ensino do radiojornalismo e de rádios universitárias — além de Sandra de Deus, Valcir Zuculoto, Marcelo Kischinhevsky, entre outros.

Quanto ao tipo, trata-se de uma pesquisa descritiva, pois descreve-se a implantação e desenvolvimento da 96,7 da UFPI, assim como as práticas jornalísticas da primeira rádio universitária do Piauí. Já quanto à abordagem, define-se a pesquisa como qualitativa, uma vez que se busca compreender e descrever como se deu a implantação e o desenvolvimento da rádio e as práticas jornalísticas desenvolvidas.

Para coleta de dados, utilizou-se a técnica de entrevista com roteiro aplicado a personagens que, de alguma forma, contribuíram com a implantação ou atuaram na rádio universitária. Entende-se que esse recurso foi fundamental para a obtenção dos resultados desta, pois, por meio das informações fornecidas pelos entrevistados, foi possível entender de forma mais concreta como a Rádio Universitária da UFPI surge, desenvolve-se e apresenta suas práticas jornalísticas, sobretudo com a participação

dos discentes do curso de Comunicação da UFPI.

Em relação ao *corpus* da pesquisa, delimitou-se o recorte temporal para observação a partir de 2011, quando surgiram os primeiros programas da emissora, período também em que a emissora contou com a presença dos primeiros profissionais e estagiários, encerrando-se em 2024. Vale destacar que este pesquisador atuou na emissora de 2011, quando surgiram os primeiros programas, e permanece até o presente momento da realização desta pesquisa (2024), experiência que instigou a realização deste estudo.

Colocados tais pontos, acrescenta-se que a dissertação está estruturada em introdução, quatro capítulos e considerações finais; os quais abordam diversos aspectos do ambiente laboratorial para explicitar a questão em curso e alcançar o objetivo maior.

Começa-se com “A rádio universitária no Brasil”, em que se busca resgatar a história das primeiras rádios universitárias do Brasil, apresentar conceitos sobre rádios universitárias, elaborados por estudiosos do tema, e reunir pesquisas desenvolvidas ao longo dos últimos.

Em seguida, “Histórias para contar: a implantação e desenvolvimento da primeira rádio universitária do Piauí”, realiza-se uma retrospectiva histórica sobre a emissora em estudo; no caso, a Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí, destacando desde a implantação até as diversas fases, mudanças de direção e surgimento dos primeiros programas. Destaca-se, ainda, o contexto político que influencia o seguimento, tanto para o crescimento quanto para os momentos de crise.

No Capítulo “Rádio Universitária como ambiente para práticas jornalísticas”, destaca-se, com base nos conceitos de estudiosos que abordam o tema, as missões e funções de uma rádio universitária, além da importância do ensino do jornalismo na formação profissional e da relação entre as novas diretrizes curriculares e a ênfase no ensino prático. Apresentam-se aspectos dessas emissoras, como a da UFPI, com sua função educativa.

Já o capítulo “As práticas jornalísticas da rádio universitária da UFPI de 2011 a 2024” busca descrever as práticas jornalísticas da rádio que opera na frequência 96,7, com alcance na região da Grande Teresina. Neste capítulo, identificam-se as diferenças da produção jornalística em uma emissora pública em relação à comercial, apresenta-se um contexto histórico da implantação do radiojornalismo, enumeram-se as práticas desenvolvidas pela equipe e apresenta-se o processo de produção de

notícia no Jornal da Universitária. Tudo isso para descrever como ocorrem as práticas jornalísticas da Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí.

Por fim, apresentam-se as contribuições finais, destacando que a Rádio Universitária da UFPI foi planejada e executa seu perfil educativo, colaborando com a formação dos estudantes e corroborando a ideia de rádio laboratório.

2 A RÁDIO UNIVERSITÁRIA NO BRASIL

Os estudos sobre rádio e mídia sonora ganharam densidade no Brasil nas últimas duas décadas, com a crescente inserção de pesquisadores dedicados ao tema em programas de pós-graduação e a consolidação de espaços de reflexão acadêmica altamente qualificada, como o Grupo de Pesquisa (GP) Rádio e Mídia Sonora da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM, ativo desde 1991) e a Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede Alfredo de Carvalho – Alcar), que, desde 2011, passou a contar com o Grupo de Trabalho (GT) História da Mídia Sonora.

Se os estudos comunicacionais podem ser considerados recentes, pois surgem ainda no século XX, quando se fala em rádio universitária acrescenta-se a escassez de pesquisas sobre o segmento. Isso porque boa parte das emissoras universitárias surgiu recentemente, embora consoante Mustafá (2019), a pioneira, a rádio vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tenha sido inaugurada em 1953.

Ainda conforme Kischinhevsky *et al.* (2018), outras emissoras passaram a compor o cenário nacional. A segunda emissora universitária do país surgiria apenas dez anos mais tarde, essa ligada a Universidade Federal de Itajubá, em Minas Gerais, inaugurada em 1961, após essa, surge a Universitária AM de Pernambuco, que hoje opera em frequência modulada como nome de rádio Paulo Freire.

A Rádio Universitária da Universidade Federal de Goiás (UFG), inaugurada em 1962, que, em conformidade com informações do portal da emissora, teria sido a primeira a receber a concessão na condição de rádio educativa. Ainda segundo o autor supracitado, a primeira emissora universitária a operar em frequência modulada no país foi a Rádio Universitária da Universidade de São Paulo (USP), inaugurada em 1977.

Embora, de acordo com Brasil (2022), atualmente existem mais de cem emissoras universitárias em operação no país, ainda não há uma legislação que regule, de fato, o sistema de radiodifusão universitário, como explica Zuculoto (2012):

Lembro que as rádios estatais, educativas, culturais e universitárias já somam cerca de seis centenas de veículos espalhados por todo o país. Em meio à confusão acerca de suas natureza e alinhamento legais, ainda são classificadas como componentes de um sistema educativo. Mas hoje, cada vez mais, a maior parte delas se autodenomina, se apresenta, explica e conceitua como emissora pública, mesmo as que têm estreita vinculação estatal. [...] permanecendo a confusão e indefinição das suas naturezas pela

legislação, estas rádios vêm buscando construir seu perfil público pela programação (Zuculoto, 2012, p. 72-73).

Sobre essa questão, Mustafá *et al.* (2018) explica que, sem uma legislação específica, as emissoras universitárias foram inseridas em concessões e outorgas já existentes:

Antes de tudo é importante salientar que no Brasil não existe uma legislação específica para as rádios universitárias. De acordo com a lei, existem concessões e outorgas para emissoras comerciais (AM ou FM), educativas e comunitárias (ambas em FM). Geralmente as universitárias estão inseridas no espectro da radiodifusão pública e educativa e, com algumas exceções, são consideradas comerciais, principalmente aquelas que surgiram antes da regulação da radiodifusão educativa (1967) (Mustafá *et al.*, 2018, p.9).

Legalmente, a radiodifusão universitária não existe no Brasil, apenas de fato. E, entre as emissoras vinculadas a universidades, ainda não há consenso sobre o que caracteriza esse tipo de emissora. O que já ocorre em outros países, a exemplo dos Estados Unidos, onde existem desde 1921 (Pena *et al.* 2016), ou das emissoras pioneiras da Universidade de La Plata e da Universidade Nacional do Litoral, em Santa Fé, na Argentina (Marta-Lazo; Pena, 2014).

Nesse contexto do surgimento das emissoras de radiodifusão pertencentes a institutos de ensino superior no Brasil, foi criada a primeira (e até o momento única) rádio universitária do estado Piauí: a Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí (UFPI), que opera pela frequência modulada 96,7, com alcance na capital Teresina e em algumas cidades vizinhas, como Timon, no Maranhão, e Altos, no Piauí.

Partindo dessa contextualização, é necessário apresentar outros conceitos de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, cujo objetivo é elaborar a historiografia da emissora. Para tanto, recorre-se aos conceitos de história e historiografia, utilizando como amparo teórico autores como Certeau, Heller e Hartog.

Primeiramente, é necessário compreender o conceito de história e, por meio do pensamento Certeau (1982), entende-se a história como disciplina, prática e também escrita. Sobre isso, o autor frisa que:

[...] a história enquanto uma escrita está submetida a uma ordem cronológica do discurso, a uma arquitetura harmoniosa do texto e ao fechamento do artigo ou livro, mesmo que se acredite em uma pesquisa histórica, a qual nunca se esgota em suas possibilidades de estudo (Certeau, 1982, p. 94).

Para o autor, a história como escrita depende da forma como o historiador a elaborou em sua prática, acrescentando que a construção da narrativa histórica ocorre por intermédio da relação com o limite no qual se insere a atividade histórica.

Ainda consoante Certeau (1982), a escrita da história se faz por meio de uma prática social e, assim sendo, uma de suas funções seria assumir um caráter didático. Dessa forma, apresenta-se aqui, de forma linear e cronológica, a história da Rádio Universitária da UFPI, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor.

Nesse processo histórico, destacam-se alguns marcos fundamentais, desde a idealização, fundação e inauguração até as mudanças de gestão. Vale destacar que o autor deste trabalho é um pesquisador participativo da trajetória da emissora, atuando como funcionário desde 2011, quando foram lançados os primeiros programas, e permanece até o momento atual desta pesquisa (2024), o que lhe confere um olhar privilegiado de observador.

Heller (1997) destaca que os cortes temporais funcionam como pontos de ruptura essenciais às periodizações históricas, permitindo compreender que os cortes transformam determinados acontecimentos ou séries deles em passados, para que se possam produzir outros futuros. O autor afirma ainda:

O que chamo de corte, que é – em outras palavras – compreender a descontinuidade na continuidade, é o princípio organizativo de toda obra historiográfica e, conseqüentemente, uma ideia universalmente constitutiva da historiografia (Heller, 1997, p. 130).

Os marcos históricos funcionam como facilitadores da compreensão da construção historiográfica do objeto de estudo desta pesquisa, pois, dessa forma, entende-se que o texto, por ficar cronologicamente organizado em marcos temporais, além de facilitar a compreensão de quem lê, como mencionado anteriormente, proporciona maior clareza para quem desejar investigar com profundidade o processo histórico da emissora.

Em concordância com Hartog (1996), como uma expressão temporal, entende-se que os regimes não marcam apenas o tempo de forma neutra, mas também organizam o passado como uma sequência estruturada de páginas.

Apesar de obedecer a uma ordem cronológica, ao apresentar desde a ideia de criação da rádio universitária, passando por suas fases e mudanças de gestão, até o ano de 2024, compreende-se que contar ou retratar uma história não possui uma finitude, podendo, mediante outras investigações e achados, a narrativa apresentada neste trabalho ser apresentada ou até mesmo alterada após sua conclusão. Nesse sentido, segundo Albuquerque:

Pensar como historiador, às vezes, é difícil, porque significa termos que

admitir que determinadas verdades, determinadas certezas, determinados caminhos que achamos os mais corretos, os mais indiscutíveis, podem e serão tragados pelo tempo, se não tivermos a capacidade de ressignificá-los, de atualizá-los, de redefini-los. Ser historiador é lidar com a morte de todas as coisas, inclusive de nossas certezas mais queridas (Albuquerque Júnior, 2006, p. 211).

Retomando Certeau (1982), a história enquanto escrita está submetida a uma ordem cronológica do discurso, a uma arquitetura harmoniosa do texto e ao fechamento do artigo ou livro, mesmo que se considere que uma pesquisa histórica nunca se esgota em suas possibilidades de estudo.

Contudo, entende-se que, para narrar ou descrever uma história, é necessário escolher o melhor método possível, buscar fatos e evidências que sustentem o relato, cabendo ainda ao historiador a consciência de que seu trabalho de escavação e investigação de um processo histórico nunca se encerra.

2.1 Conceito de rádio universitária

Sem uma definição legal, para adotar um conceito para radiodifusão universitária, é necessário recorrer à leituras e aos estudiosos que norteiam o entendimento da temática.

A rádios universitárias surgem como espaço para iniciar ou aprimorar conteúdos estudado por alunos de comunicação nas salas de aula, sendo, portanto, responsáveis, em tese, por uma formação mais completa dos acadêmicos, que conseguem, por meio de emissoras pertencentes às IES nas quais estudam, aplicar na prática a teoria estudada — é a rádio enquanto laboratório. E, embora não se possa apresentar um conceito fechado para o que seja uma rádio universitária, infere-se que:

O conceito de rádio universitária ou emissora universitária se estabelece como um vínculo de comunicação radiofônica de uma determinada comunidade acadêmica, representando de forma direta ou indireta a instituição de ensino a que está vinculada. Os laboratórios radiofônicos podem estruturar-se a partir de módulos de elaboração, edição, produção e veiculação de programas, orientado pelos docentes da disciplina e supervisionado por monitores (Maluly, 2013, p 37).

Já Ventín (2018) salienta que são encontrados três objetivos missionários nas rádios universitárias: a difusão do conhecimento, a extensão acadêmica e a formação empírica de estudantes universitários. Para Lopez (2019), as rádios universitárias são atualmente mais do que um espaço de experimentação do conteúdo ministrado em sala de aula, mas sim, como um laboratório fundamental para haver conexão entre o processo de ensino-aprendizagem.

Na perspectiva de Spenthof (1998), são quatro as funções básicas que explicam

e justificam a existência das rádios universitárias: a divulgação da produção universitária, a canalização da política de extensão das universidades, a atividade laboratorial e a democratização da comunicação e do conhecimento.

Adota-se, aqui, o entendimento da rádio universitária como ambiente concebido para a comunicação pública e espaço de formação para futuros profissionais do jornalismo.

2.2 Estudos e pesquisas sobre rádio universitária no Brasil

Assim como o surgimento da rádio universitária no Brasil, as pesquisas relacionadas ao campo também ocorreram tardiamente, intensificando-se apenas nas últimas décadas do século XX, apesar de as pesquisas e a disseminação científica terem sido objetivos principais da rádio educativa entre os anos de 1920 e 1930. Nessa época, as emissoras com tal viés buscavam constituir uma radiodifusão com fins culturais (Moreira, 1991). Contudo, o tema passou a receber maior atenção de pesquisadores, sobretudo das áreas de comunicação e jornalismo, por teses, dissertações e artigos acadêmicos que exploram a temática em diversos aspectos.

Nessas primeiras décadas do século XXI, esse crescimento das pesquisas em torno do rádio e, mais recentemente, das mídias sonoras, avança no país em consonância com o surgimento e ampliação dos programas de pós-graduação, com estudos interdisciplinares e espaços de reflexão acadêmica nas áreas de comunicação e jornalismo, além da consolidação de grupos de pesquisa (Kischinhevsky *et al.* 2017). Ainda no entender dos autores, embora já se possa encontrar diversos trabalhos científicos sobre a rádio universitária, eles ainda são escassos e, portanto, ainda existe muito a se pesquisar e explorar sobre a temática.

Diante de um corpus ainda em expansão, destacam-se alguns trabalhos relacionados à Rádio Universitária no Brasil, assim, é apresentada uma amostra de autores e de temáticas diversas sobre o campo. Pelegrini e Ferreira (2006) ressaltam o papel da Rádio Universitária como um instrumento cultural, destacando a relação da Rádio Universidade FM 106,9, de São Luís (MA), com a comunidade.

Mustafá *et al.* (2018) aponta o papel das novas rádios universitárias com transmissões hertzianas e on-line de Santa Catarina, que surgiram entre 1997 e 2010.

Sob a perspectiva de analisar como são geridas as Rádios Universitárias no Brasil, Mustafá *et al.* (2018) identificam os desafios enfrentados por essas emissoras, analisando as diferentes formas de administração e constando que, apesar dos avanços, muitas ainda carecem de investimento em infraestrutura e em recursos

humanos. Os autores compreendem que a pesquisa deve ser ainda ampliada para que se possa ter com maior clareza a cartografia do campo da radiodifusão universitária no país.

Em outra pesquisa, Mustafá *et al.* (2017) elaboram um recorte cartográfico das rádios universitárias do Rio Grande do Sul, verificando os tipos e características da programação dessas emissoras. Reconhecerem, ainda, que se trata de um primeiro esforço para a elaboração da cartografia do referido campo, eles constatarem que o número desse tipo de emissora deve crescer ainda mais nos próximos anos. Os autores relatam as dificuldades de se aprofundarem mais no tema e sugerem que em um momento posterior esse trabalho pode ser aprofundado.

Por sua vez, Sandra de Deus, uma das pioneiras no estudo da rádio universitária no Brasil, realizou diversas investigações sobre o tema. Em Deus (2003), a autora traz uma reflexão ao analisar as rádios das universidades federais, propondo alterações de programação e definição de funções na Rádio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul:

O conceito de rádio universitária pública, que não consta na Legislação brasileira sobre radiodifusão e ainda não está presente nos debates acadêmicos do campo do jornalismo está intimamente ligado a função laboratorial destas emissoras, já que pertencente a uma instituição de ensino superior, mas também fortemente assentado ao seu papel social, já que possui caráter público (Deus, 2003).

A autora destaca o papel das rádios universitárias como uma importante ferramenta para ações extensionistas nas instituições de ensino superior em que estão inseridas e fazer uma provocação para que seja iniciado um debate sobre a função social dessas emissoras.

As rádios universitárias transmitidas apenas pela internet, isto é, que não possuem sinal aberto em frequência modulada (FM) ou amplitude modulada (AM), chamadas Rádios Web Universitárias, também têm sido objeto de estudo. Yoshida, Leszczynski, Deus (2005) retratam tal modelo de emissora como ferramenta tecnológica aplicadas ao processo educacional.

Deus (2003) reflete sobre a necessidade de se buscar um conceito de rádio universitária pública, que segundo a autora ainda não está presente nos debates acadêmicos de jornalismo também não existe uma legislação brasileira sobre esse tipo de radiofusão.

O papel da rádio universitária como um instrumento de mediação cultural

também está entre os assuntos que normalmente são pesquisados. Pelegrini e Ferreira (2006) apresentam a função da Rádio Universidade FM 106,9, de São Luís (MA), enquanto intermediadora entre produtores de cultura da cidade, artistas e o público da emissora. Os autores exaltam a forma como a emissora vem construindo uma relação com a comunidade no que tange a divulgação e promoção da cultura.

A partir do estudo de caso da FURB FM, emissora mantida pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), Vargas e Reis (2004) afirmam que as emissoras universitárias servem como canais de promoção institucional da entidade que as mantém. Comassetto *et al.* (2016) ressaltam a importância que a rede educativa da Universidade Federal do Pampa (Unipampa) tem na integração da universidade com a comunidade em que ela está inserida.

Além da forma como são geridas e mantidas, outro objeto de estudo dos pesquisadores é a implementação das emissoras ligadas às instituições de ensino superior. Pezzo *et al.* (2006) discorrem sobre o processo de implantação da Rádio e TV da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e a experiência da instituição na implementação das suas emissoras universitárias.

Por intermédio das pesquisas, podemos considerar que existe uma grande diversidade entre as emissoras de rádio universitária Brasil afora, diferenças de conteúdo, de programação, de gestão e manutenção, além de diferenças em estrutura física e recursos humanos. Ota e Maluly (2014) fazem uma comparação entre as rádios da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e, apesar de ambas serem pertencentes às instituições de ensino superior, os autores constatarem várias diferenças entre elas.

Para Fonseca (2007) as rádios universitárias vão além do papel educador, elas também funcionam como difusoras de cultura e são alternativas às rádios comerciais. O autor faz tal constatação ao comparar a programação jornalística de quatro rádios universitárias federais do Rio Grande do Sul: a Rádio da Universidade (UFRGS), a Federal FM (UFPEl), a Rádio Universidade AM (UFMS) e Rádio Universidade FM (FURG).

As rádios universitárias como espaço de experimentação para alunos das instituições de ensino superior em que estão inseridas também são objeto de estudo dos pesquisadores. Silva (2017) constata que as emissoras funcionam como um ambiente laboratorial ao analisar as rotinas produtivas da Rádio Gazeta AM. Várias pesquisas sobre a rádio universitária estão presentes também no *e-book* “Rádios

universitárias: experiências e perspectivas”, Albuquerque e Meireles (2019).

No Piauí, as pesquisas relacionadas ao assunto começaram após a inauguração da primeira emissora de Rádio Universitária do estado pertencente à UFPI. Que aconteceu com a chegada do professor e doutor do curso de Comunicação da UFPI, Paulo Fernando de Carvalho Lopes, à direção da rádio e ainda com a implantação do Mestrado em Comunicação na referida instituição.

Para Lopes e Souza (2020), as rádios universitárias funcionam como espaços de fortalecimento de uma política pública em radiodifusão. Os autores fazem essa constatação ao discorrerem sobre como os indicadores - chave ajudam a pensar o desafio das rádios universitárias em equacionar a relação formação de profissionais, programação e interesse público de modo a consolidar uma radiodifusão pública que fortaleça a democracia.

Ainda sobre isso, Lopes e Souza (2019) destacam a relevância da proposta de indicadores-chave com base nos marcos conceituais de emissoras públicas federais. Para isso, fazem uma reflexão teórica a partir de conceitos de autores que trabalham a ideia das rádios universitárias sob um aspecto da radiodifusão pública.

É o caso, por exemplo, da dissertação de mestrado de Araújo Sousa (2020), com o título “Rádios universitárias consignadas pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC): análise de indicadores-chave em emissoras do Norte e do Nordeste do Brasil”. Já no artigo “Processo de implantação da Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí”, de autoria de Roberto de Araújo Sousa e Paulo Fernando de Carvalho Lopes, é trabalhado o processo de implantação da primeira Rádio Universitária do Piauí, pertencente à UFPI.

No artigo “Gêneros radiofônicos em programações de *web* rádios públicas brasileiras”, Paulo Fernando de Carvalho Lopes em parceria com Mariana Gomes dos Santos analisaram os gêneros radiofônicos presentes na programação de duas *webrádios* de universidades públicas federais: a Rádio Ponto UFSC, da Universidade Federal de Santa Catarina, e a Webrádio UFABC, da Universidade Federal do ABC paulista. A ideia do trabalho foi traçar diferenças e semelhanças na programação de *web* rádios universitárias.

O artigo, “Rádios universitárias: gêneros radiofônicos e gêneros musicais na FM universitária da UFPI”, de Denise de Alencar Nascimento, tornou-se um capítulo do livro “A comunicação e os contextos comunicativos”, escrito por Edwaldo Costa e Tácio Assis Barros. Nele, os autores fazem um levantamento dos modelos e práticas

das rádios universitárias do Brasil por meio da Rádio Universitária da UFPI

Já na dissertação de mestrado de Urziana de Moraes (2020), intitulada “Análise do conteúdo do radiojornal 1ª edição da FM Universitária da UFPI”, realizou-se uma análise do conteúdo noticioso produzido no radiojornal 1ª edição da FM Universitária a partir de preceitos legais para rádios desse segmento.

Adotando-se como base esses estudos, podemos considerar que a Rádio Universitária é um campo de pesquisa muito abrangente, em que se desenrola diversos aspectos relacionados às rádios universitárias. Entre eles, os estudos sobre a programação das emissoras, o processo de criação, a legislação de funcionamento, os gêneros radiofônicos e musicais que apresentam, a contribuição para a radiodifusão pública e como contribuem enquanto espaço laboratorial e formador de profissionais, entre outros aspectos.

3 HISTÓRIAS PARA CONTAR: A IMPLANTAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DO PIAUÍ

Neste capítulo, busca-se apresentar os movimentos para implantação da FM da UFPI por meio de pesquisa em fontes documentais e com pessoas que fizeram este processo acontecer. Logo, serão descritos os contextos políticos-governamentais, a construção do espaço onde passaria a funcionar a emissora, bem como os primeiros programas e transmissões.

3.1 Antes da implantação da 96,7 da UFPI: uma possível disputa

A pesquisa sobre a trajetória de implantação da Rádio Universitária da UFPI permitiu-nos conhecer e confrontar versões sobre a outorga para seu funcionamento. É sabido que a “coisa pública” é regida também por poderes que vão além do legal, em razão de perpassarem pelos poderes do jogo político. Assim, uma possível disputa com o poder legislativo estadual teria sido um dos primeiros pontos a ser superado para que a emissora pudesse de fato existir. Esta pesquisa buscou fontes e documentos para apresentar a possível celeuma e seus envolvidos.

Para encontrar respostas sobre uma possível disputa de concessões entre a Universidade Federal do Piauí e a Assembleia Legislativa do Piauí (Alepi), buscamos conversar com pessoas que fizeram parte do processo de implantação da Rádio Universitária da UFPI e da TV Assembleia da Alepi. Por conseguinte, tentamos conversar sobre o assunto com o reitor da UFPI à época em que a rádio foi inaugurada, Luís de Santos Júnior, que permaneceu no cargo nos anos de 2004 a 2012, mas não tivemos retorno. Tentamos também conversar com o ex-presidente da Assembleia, Themístocles Filho, que por meio de sua assessoria se recusou a falar. Por fim, buscamos ainda o primeiro diretor da TV Assembleia, o jornalista Tony Trindade, que não nos deu retorno até a conclusão deste trabalho.

Ainda assim, mesmo com os obstáculos aos quais se sujeitam as pesquisas, logramos algum êxito nessa investigação, visto que o primeiro diretor da Rádio Universitária da UFPI, Paulo Henrique de Gonçalves Vilhena Filho, que permaneceu na posição de 2008 a 2013, nos forneceu algumas informações. Em suas declarações, Vilhena destacou que não possui conhecimento específico sobre a possível disputa de concessão da UFPI com a Alepi. No entanto, lembrou parte da trajetória da Rádio Universitária, o que traz algum contexto histórico ao caso.

Segundo Vilhena (2024), em 2006/2007, o professor Júnior conseguiu uma

concessão de FM junto ao Ministério das Comunicações, com o apoio técnico da Empresa Brasil de Comunicação (EBC). A EBC enviou engenheiros para Teresina na fase inicial do projeto, até que a licença definitiva fosse obtida. Um dos engenheiros da EBC foi responsável por elaborar o projeto técnico da emissora.

Vilhena (2024) também mencionou que, inicialmente, a ideia era criar uma rádio voltada para o Departamento de Comunicação da UFPI. No entanto, ele decidiu ampliar o escopo do projeto, transformando-a em uma rádio institucional da universidade como um todo, com o aval do reitor da época. A emissora foi planejada para operar em um prédio próprio, com estrutura adequada e subordinada diretamente à Reitoria. A potência de 5 kW também influenciou a decisão de que a rádio não seria apenas um laboratório experimental, mas sim um veículo de comunicação para toda a comunidade acadêmica e para a sociedade.

Do lado da Alepi, conversamos com o primeiro diretor da FUNDALERGIS, fundação responsável pela implantação da TV Assembleia, Edimar Rodrigues, que disse desconhecer qualquer tipo de disputa de concessão:

Eu garanto que não houve disputa da Alepi com a UFPI. A outorga da TV Assembleia e da rádio Assembleia foi solicitada pela FUNDALERGIS, foi uma fundação que foi instituída em 2005 como premissa para que a Assembleia Legislativa se habilitasse a conseguir a outorga, não tendo, portanto, nenhuma relação de troca ou qualquer tipo de acordo com a Universidade Federal do Piauí. (RODRIGUES, informação verbal, jan. 2025) ¹

Outro personagem importante na implantação da TV Assembleia foi o diretor técnico da emissora Fernando Melo, que garante ter participado de todo o processo para que a Assembleia do Piauí implantasse o seu canal de TV e diz também desconhecer qualquer tipo de disputa ou troca entre a Universidade e a ALEPI:

A história que eu saiba é que a TV Assembleia surgiu como um sonho do então deputado Themístocles Filho, que queria implantar a primeira TV legislativa de sinal aberto. O Themístocles fez uma via sacra com muitas negociações políticas para conseguir a outorga da emissora. A briga que eu conheço foi essa. Eu acredito que há informações truncadas em relação a essa possível disputa com a Universidade Federal do Piauí. Participei do processo todo e não me recordo de nenhuma disputa nesse sentido (RODRIGUES, informação verbal, jan. 2025).

O diretor técnico da TV Assembleia, Fernando Melo, acrescenta que um

¹ As entrevistas mencionadas ao longo deste trabalho foram realizadas oralmente com os participantes e concedidas diretamente ao autor, não tendo sido publicadas nem arquivadas em repositórios acessíveis ao público. Por isso, são citadas como informação verbal, conforme as normas da ABNT (NBR 10520/2023).

possível embaraço entre as partes não tem fundamento, uma vez que os processos de outorga de concessão no Ministério das Comunicações e Anatel são individualizados. Assim, “Não tem lógica ter qualquer tipo de troca ou disputa de concessões entre a Alepi e a UFPI, pois cada uma tem seus processos distintos junto ao Ministério das Comunicações e à Anatel. É todo um processo administrativo complexo.” (RODRIGUES, informação verbal, jan. 2025).

Nesse contexto, buscamos também a contribuição do professor Eliezer Menda, que atuou como coordenador de comunicação da UFPI, cargo que hoje equivale à Superintendência de Comunicação. Ele forneceu informações relevantes sobre o processo de instalação da Rádio Universitária e mencionou aspectos relacionados à concessão. Em suas palavras:

Eu não acompanhei o processo de concessão, mas sim o de instalação com o Toshiiro, que era o técnico enviado pela EBC. Nessa época, eu ocupava o cargo de coordenador de comunicação da UFPI, o que equivale ao de superintendente. A questão da concessão se dá em 2005, quando o Luiz Júnior era o reitor e o prof. Iônico Silva era o coordenador de comunicação. Eu assumi a coordenação em 2006, quando a concessão foi homologada pelo governo federal. Daí, coordenei todo o processo de instalação, aquisição de equipamentos e construção do prédio, além da nomeação do prof. Paulo Vilhena como primeiro diretor da rádio, que concluiu o processo desde a fase experimental até a inauguração oficial. (RODRIGUES, informação verbal, jan. 2025).

Eliezer Menda também destacou que a questão da concessão, segundo o reitor da época, se deu em duas frentes: a concessão de um canal de rádio FM e uma outra de TV. Ele explicou que “A de rádio havia um canal disponível, e o de TV havia uma concessão em nome da Fundação Humberto Reis da Silveira, pertencente à Assembleia Legislativa, mas que até então estava ociosa.” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Segundo Menda, a UFPI tentou um acordo com a fundação em torno da concessão da TV, já que, por estar ociosa, ela poderia requerer a reversão da concessão para si. Ele mencionou:

Houve, até onde eu sei, uma costura política entre a Reitoria e o presidente da Assembleia para que a concessão da rádio tivesse o engajamento político para que fosse transformada em concessão educativa para a UFPI, em troca da desistência desta para o canal de TV. Não, a da rádio era uma concessão privada. A costura política era transformar a concessão comercial ou privada para a educativa, com o apoio político da bancada federal. As universidades não podem requerer uma concessão comercial. Portanto a UFPI abriu mão daquela concessão de TV com o compromisso de ter a prioridade de concessão quando abrisse um novo edital de disponibilidade de canal de TV educativa para Teresina pela Anatel (Rodrigues, informação verbal, jan.

2025).

Essas informações fornecidas por Eliezer Menda sugerem que houve, de fato, uma negociação política envolvendo a concessão da rádio e da TV, embora não tenha sido caracterizada como uma disputa direta entre a UFPI e a Alepi. A falta de documentação oficial e a recusa de alguns envolvidos em comentar o assunto dificultam a confirmação desses detalhes. No entanto, as declarações de Menda oferecem um panorama mais claro das estratégias políticas que podem ter influenciado o processo de concessão da Rádio Universitária da UFPI.

Portanto, embora não seja possível afirmar categoricamente que houve uma intercorrência durante o processo licitatório, as evidências apontam para uma complexa negociação política que envolveu a concessão de rádio e TV, refletindo o cenário de coronelismo eletrônico que ainda persiste no Brasil. Sem respostas concretas, não se pode afirmar neste trabalho que a concessão da Rádio Universitária foi conquistada por uma troca ou disputa da UFPI com a Assembleia Legislativa do Piauí, embora se saiba que historicamente no país as concessões de emissoras muitas vezes servem como moeda de barganha política.

De acordo com Lima (2008), o chamado coronelismo eletrônico é um fenômeno que ocorre no Brasil desde a década de 30. Isto é, a união concede concessões de rádio e TV como moeda de troca, principalmente por apoio político, embora a Constituição Federal de 1988 proíba este tipo de conduta. Por isso, a pesquisa continua aberta a novas fontes e documentos que possam esclarecer ainda mais esse capítulo da história.

3.2 O contexto político que influencia o desenvolvimento do seguimento universitário

Para contar a história da implantação da primeira emissora de Rádio Universitária do Piauí, é preciso entender o contexto político que se encontravam o país no período em que foi constituída. De acordo com Pieranti (2017), foi a partir do primeiro governo Lula (2001-2004) que se iniciaram, embora de forma tímida, os primeiros debates de política pública sobre radiodifusão. A grande discussão inicial era sobre qual modelo de TV digital seria implantado no Brasil, terminou-se por ser escolhido o modelo japonês.

A opção feita pelo modelo japonês, com melhorias introduzidas pelas pesquisas brasileiras, viria a resultar no Sistema Brasileiro de TV Digital Terrestre (SBTVD-

T), definido pelo decreto nº 5.820, de 29 de junho de 2006, publicado no dia seguinte. Antes dele, o decreto nº 4.901, de 26 de novembro de 2003, publicado no dia seguinte, já instituíra o sistema, ainda sem definição do padrão tecnológico de algumas características básicas inerentes a ele (Pieranti, 2017).

Em meio ao processo de implantação da TV digital, Governo Lula, nos primeiros anos de seu mandato, ainda conforme Pieranti (2017), também se preocupou em dar novos rumos para a radiodifusão pública brasileira. No ano de 2003, segmentos da mídia comunitária universitária e educativa passaram a contar com o apoio do Ministério da Cultura.

De acordo com o autor supracitado, as mudanças do período passam a ser percebidas no conteúdo jornalístico produzido e exibido pela Radiobrás que passou a ter uma abordagem mais plural. Foi nesse período, também durante a gestão de Eugênio Bucci, que se buscou transformar as emissoras estatais em públicas. Eventos para se discutir o modelo ideal de radiodifusão pública no país começaram a ser realizados, como o I Fórum Nacional de TVS públicas, realizado em 2005 com o patrocínio do Governo por intermédio do Ministério da Cultura, cujo propósito foi discutir soluções para o setor.

As discussões do I Fórum Nacional de TVS públicas estenderam-se até 2007. Ainda segundo Pieranti (2017), o evento terminou com o discurso do presidente destacando a importância de se criar uma estrutura pública de comunicação. Assim, no mesmo ano, após estudar vários modelos de radiodifusão, o Governo extingue a Radiobrás e cria a Empresa Brasil de Comunicação (EBC).

O Governo Federal estudou os diferentes modelos de radiodifusão pública existentes no mundo e dedicou-se à elaboração do marco que viria a ser a Medida Provisória nº 398, de 10 de outubro de 2007. A nova Empresa Brasil de Comunicação (EBC) seria a responsável pelas emissoras de radiodifusão pública vinculadas ao governo federal, bem como por continuar produzindo e programando os meios de comunicação e conteúdos estatais que seriam mantidos, tais como a NBr e a Voz do Brasil (Pieranti, 2017).

3.3 O alicerce para o seguimento universitário no estado: surge a FM 96,7 da UFPI

Em 10 de outubro de 2005 tem início a trajetória para implantação da Rádio FM Universitária 96,7. Nessa data, a Empresa Brasileira de Comunicação (Radiobrás) por

meio do convênio RDB/DIJUR/N.054/2005 autoriza a Universidade Federal do Piauí a implantar uma emissora de rádio aberta em frequência modulada na Grande Teresina. Antes da inauguração, a emissora, em 2007, passou a integrar a recém criada Empresa Brasil de Comunicação, fruto da fusão entre a Empresa Brasileira de Comunicação e a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto.

A construção e implantação da primeira emissora universitária do estado surge no período em que a UFPI teve como reitor o professor Luís Júnior. A ideia de criar a emissora surgiu, segundo ele, a partir de uma observação sobre o cenário da comunicação no campus bem antes de ser reitor da instituição. Dessarte, afirmou que “Eu cansei de ver quando eu ia para a biblioteca ou ia para o restaurante, a rádio “papagaio” que era só o quê? Um pequeno equipamento muito simples” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

A rádio, à época, não passava de um dispositivo rudimentar, com uma caixa de som amarrada em uma coluna no Departamento de Comunicação Social. O professor relata que se impressionou com o fato de que essa pequena rádio que não tinha sinal aberto foi responsável por formar grandes profissionais da comunicação local. Ainda de acordo com o ex-reitor, os professores ensinaram vários profissionais que hoje estão na mídia local, nos melhores veículos.

Já como reitor da Universidade Federal do Piauí, o professor Luís Júnior relata que o seu desejo de criar algo mais robusto e capaz de oferecer melhores condições para os alunos do curso de Comunicação Social da UFPI pôde ser concretizado. Ele enfatizou:

Minha visão foi sempre de dar condições de todas as unidades através dos seus cursos elaborarem um projeto de APCN para a pós-graduação. E aí nós começamos a construir os primeiros laboratórios específicos para a pré-graduação e o curso de Comunicação Social não foi diferente” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Para que o projeto da implantação da Rádio Universitária da UFPI fosse concretizado, era preciso buscar por autorizações e recursos. Com a decisão em mente, o reitor Luiz Júnior relata que procurou entender como outras universidades conseguiram estabelecer suas rádios universitárias. De acordo com ele, a maioria das universidades seguiu um caminho burocrático via o Congresso Nacional para conseguir a concessão, o que envolvia uma longa espera. No entanto, por meio de colegas reitores, o Professor Luís Júnior descobriu um caminho mais curto para a criação da rádio. Segundo ele, “Eu descobri que a maioria das universidades

caminhou via Congresso Nacional, e aí a burocracia é grande. Mas, eu descobri através dos meus colegas um outro caminho, que seria via a EBC (Empresa Brasileira de Comunicação)” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

A partir dessa descoberta, o professor foi para Brasília e entrou em contato com a EBC, onde, segundo ele, teve uma conversa inicial com técnicos e com o presidente da instituição, que na época era um professor da USP. Assim, detalhou que o processo para a criação da rádio envolvia a elaboração de um projeto, que deveria ser protocolado e aprovado pela EBC, “Eu fui atrás na EBC, falei com muitos técnicos, inclusive na época com o presidente”, contou” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Após a elaboração do projeto com a ajuda de um técnico de Brasília, que também veio à Teresina para verificar o local ideal para a instalação da antena, o professor protocolou o pedido na EBC. No entanto, a tramitação do processo não foi rápida. Ele revelou que estava demorando, mas que ele tinha pressa, porque era seu primeiro mandato e queria criar essa Rádio Universitária para o crescimento do curso de Comunicação Social ainda na sua gestão.

Diante da demora no processo de concessão, o reitor recorreu ao deputado federal Alberto Silva, uma figura de grande influência no Piauí. Ele explicou como se dirigiu ao deputado: “Eu liguei para ele e pedi para ele agendar uma audiência, mostrei o projeto, que já tinha os recursos para a construção do prédio e a compra dos equipamentos” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024). O deputado se mostrou disposto a ajudar e, após agendar uma audiência em Brasília, foi ao encontro do presidente da EBC para defender a importância da rádio para a UFPI.

O ex-reitor Luís Júnior lembra que Alberto Silva fez uma defesa apaixonada do projeto, com palavras que o marcaram, “O presidente demonstrou uma preocupação em dar uma concessão para uma universidade que não tinha experiência em como manter uma rádio universitária” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024). A ajuda política foi fundamental para o sucesso do projeto, e, como o professor relatou, a concessão foi finalmente assinada após a intervenção do deputado, “Ele foi lá e defendeu com aquele jeitão dele. E a concessão foi assinada. A nossa palavra foi cumprida, o projeto estava pronto, pronto para ser licitado” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

O ex-reitor Luís Junior acrescenta que a criação e operação da Rádio Universitária foram possíveis graças ao trabalho conjunto de uma equipe de

profissionais dedicados. O reitor destacou a importância de figuras-chave, como o professor Paulo Vilhena, o primeiro diretor da rádio. Luís Junior se lembrou com carinho de Vilhena, dizendo: "O Paulo Vilhena foi o primeiro, aquele que teve coragem de vestir a camisa. Ele ficava diuturnamente trabalhando, sem se importar com horários" (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Essa dedicação do diretor foi essencial para o funcionamento da rádio e para sua consolidação como um importante veículo de comunicação da universidade. O ex-reitor também enfatizou o esforço de outros membros da equipe, como o técnico Chiquinho Sousa, que foi o responsável pela instalação da torre e antena e parte técnica da emissora, além de profissionais externos à UFPI, que trouxeram experiências de outras rádios. Assim, "criamos um mutirão de técnicos e professores, e a rádio foi construída com muito zelo e responsabilidade" (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

O ex-diretor da Rádio Universitária, Paulo Vilhena, em entrevista concedida a este autor em julho de 2023, conta que a construção do prédio demorou devido à desistência da primeira construtora que ganhou a licitação. A segunda construtora licitada teve que recuperar o teto, que não foi concluído e se encontrava muito deteriorado. Ele acrescenta que, com a conclusão da obra, foi iniciada a etapa de mobiliar o prédio e instalar os equipamentos. Vilhena acrescenta que como o abrigo do transmissor havia sido construído em tempo hábil, o sistema de radiodifusão foi instalado e a geração do sinal, ainda em caráter experimental, passou a ser otimizada.

Em relação aos equipamentos, o ex-diretor explica que eles foram adquiridos por meio de pregão eletrônico e a empresa vencedora dos itens, transmissor e antenas foi a Seratel América, fabricante de equipamentos de alta qualidade, destaca. Relata também que o projeto da Rádio Universitária envolveu o pessoal das áreas técnica e administrativa, que, segundo ele, se empenharam em colaborar com muito boa vontade. Incluem-se nessa empreitada, destaca, colaboradores de dentro e de fora da UFPI, "foram muitos também muitos pleitos, quatro anos de muito esforço e dificuldades para levar o projeto até o fim" (Rodrigues, informação verbal, jul. 2023).

Entre alguns nomes que Paulo Vilhena destaca como fundamentais para a implantação da Rádio Universitária da UFPI, estão: o engenheiro Toshihiro e o diretor da Seratel América, Alexandre Sviatolpok, que foram os responsáveis pela parte técnica e burocrática, além deles ele destaca também o nome do engenheiro Trigueiro, que foi o responsável pela fundação da estrutura de solo que sustenta a torre, bem

como do abrigo do transmissor.

Acrescenta ainda outros nomes foram fundamentais para que a Rádio Universitária fosse implantada:

Importantíssimas as presenças, na equipe inicial, dos saudosos profissionais Francisco Sousa, técnico que garantia a manutenção do transmissor e das antenas, e Renato Basílio, excelente programador musical que fez um trabalho brilhante na seleção das músicas. Na mesma equipe, registraram-se a competência do responsável pelos estúdios e pela automação da rádio, Ricardo Sousa, o apoio incansável do técnico de som João Gualberto e a cobertura do servidor Justino Barbosa na parte administrativa (Rodrigues, informação verbal, jul. 2023).

Em relação às contribuições da Rádio Universitária para o Piauí, o ex-reitor Luís Junior destaca que o principal objetivo da Rádio Universitária era expandir os conhecimentos produzidos na universidade para além das fronteiras acadêmicas. Segundo ele, "o objetivo primeiro foi que a Rádio Universitária entrasse não só na academia, mas também alcançasse a região em que ela era sintonizada" (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Relatou com entusiasmo o retorno positivo que recebia dos professores e dos estudantes, especialmente daqueles que estavam distantes de Teresina: "Quantas vezes nossos professores, técnicos e estudantes trabalhavam na rádio e me davam o retorno dizendo que, no interior, a 40, 50, 60 km de distância, o sinal estava maravilhoso" (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024). Isso revela como a rádio foi capaz de superar as limitações geográficas e levar conteúdos educativos a regiões mais isoladas.

Além disso, ele lembra que o impacto da rádio na formação profissional dos alunos foi notável. O reitor compartilhou com emoção os sucessos de ex-alunos que seguiram carreiras de destaque na mídia: "Eu me lembro das duas primeiras estudantes que se especializaram em futebol, Leila do Rego Monteiro e Emanuelle Madeira, que se tornaram âncoras em grandes veículos de comunicação" (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Como primeiro diretor da emissora, o professor Paulo Vilhena, explica como se deu a ideia da instalação da primeira rádio universitária do Piauí:

Foi uma iniciativa do reitor Luís dos Santos Junior. Sabendo que havia a concessão de uma emissora FM educativa para Teresina, ele pleiteou junto ao Ministério das Comunicações que a UFPI fosse contemplada com essa concessão. Esse pleito iniciou em 2006 e, após atendido, foi deflagrado o processo de instalação em 2007, tendo sido concluído em 2010 (Rodrigues, informação verbal, jul. 2023).

Vilhena (2023) explica ainda que o processo de elaboração do projeto técnico ficou a cargo do engenheiro Toshihiro Kanegae, da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), que intermediou a tramitação em Brasília, em parceria com a UFPI. Após a edificação da torre, instalação das antenas e do transmissor, a FM Universitária foi autorizada a entrar no ar em fase experimental, tendo recebido a licença definitiva em 2010.

No ano de 2011, a emissora começa de fato a operar e produzir conteúdo. Iniciava-se o Governo Dilma Rousseff e foi nesse período, consoante Pieranti (2017), que o cenário começou a mudar em relação ao avanço das emissoras de rádio educativas no país. Nesse ano, foi aprovada a primeira portaria responsável por disciplinar as concorrências para obtenção de novas emissoras educativas, houve também maior incentivo e investimento para que emissora ligadas à instituição de ensino superior pudesse funcionar.

Portanto, destaca-se que os primeiros momentos da emissora foram de implantação de serviços técnicos de modo a garantir a operacionalização de uma futura programação. Um primeiro passo natural para posteriores divisão e criação de programas e contratação de pessoal, bem como execução do seu papel dentro da própria função de vinculação com a Universidade.

3.4 Início das transmissões e os primeiros programas

Com direção do professor Paulo Henrique de Gonçalves Vilhena Filho, no final de 2008, entrava no ar, ainda em caráter experimental, com o prefixo ZYX 844, a Rádio FM Universitária 96,7 MHz. Nos primeiros anos, a emissora exibia apenas programação musical, sob responsabilidade do diretor de programação Renato Basílio Soares. Paulo Vilhena narra que a rádio operava em caráter experimental desde a entrada do transmissor, entre 2008 a 2009.

Em 2010, segundo ele, a emissora recebeu a licença definitiva e passou a veicular sua programação. Em 2009, eram exibidos programas institucionais produzidos pela Empresa Brasil de Comunicação (EBC), período em que a equipe foi reforçada com a chegada do operador de som João Gualberto Pires de Castro, ademais, foram realizados testes operacionais para garantir a qualidade técnica necessária para a implantação da grade de programação.

Em 2011, surgem os primeiros programas produzidos pela emissora, executados por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí,

participantes da primeira seleção de estagiários: João Paulo Santos Mourão, Dalila Cristina da Silva Pereira, Nayra Macedo, Jorge André Paulino de Sousa, Pablo Felipe Cavalcante e Caio Brandão. Ainda em 2011, integram a equipe da FM Universitária, Francisco de Alves de Sousa Filho, conhecido como Seu Chiquinho, responsável pela manutenção e técnica, e Ricardo Sousa Lima, que posteriormente passou a substituir Renato Basílio Soares, falecido em 2012. O músico Rubens de Figueiredo também passou a colaborar com a programação musical da emissora. Além deles, passaram a compor o corpo de funcionários o técnico administrativo Justino Figueiredo Barbosa, a recepcionista Maria de Lourdes Oliveira Cruz e o auxiliar de serviços gerais Augusto César Silva.

O dia 9 de setembro de 2011 marca o lançamento oficial da Rádio Universitária de Teresina. A cerimônia de inauguração contou com a presença de Luiz de Sousa Santos Júnior (reitor da universidade à época), de Paulo Vilhena de Gonçalves Filho (diretor da emissora) e de outras autoridades e membros da Universidade Federal do Piauí. O descerramento de placa contou com a presença de reitores de outras universidades brasileiras e do jornalista Deusdeth Nunes, o Garrincha.

O professor Paulo Vilhena relata, em entrevista concedida em 2023 a este autor, que a inauguração formal (isto é, a inauguração do prédio) aconteceu em 14 de agosto de 2011, por ocasião do encontro de reitores do Nordeste, realizado em Teresina. Vilhena destaca que “naquele dia, muitos comentaram que era, sem dúvida, a rádio universitária mais bem instalada entre as universidades da região e uma das maiores do Brasil” (Rodrigues, informação verbal, jul. 2023).

O primeiro programa produzido pela Rádio Universitária foi o Revista Universitária, que foi ao ar pela primeira vez em 6 de outubro de 2011, apresentado e produzido pelos então estudantes do curso de jornalismo da UFPI, João Paulo Santos Mourão e Dalila Cristina Silva Pereira. O conteúdo do programa era composto por informações sobre a UFPI, sendo exibido semanalmente, sempre às sextas-feiras. A princípio, o programa era gravado.

O Universitária Esportiva foi o pioneiro entre os programas da emissora com exibição ao vivo. Apresentado por mulheres, Nayra Macedo, Emanuelle Madeira e Neyla do Rego Monteiro, trouxe uma nova proposta para o jornalismo esportivo piauiense. A estreia aconteceu no dia 6 de fevereiro de 2012. Inicialmente, o programa dispunha de meia hora de duração e era exibido de segunda a sexta, das 11h30 às 12h00. Posteriormente, passou a iniciar às 11h da manhã, ganhando mais trinta

minutos. A Foto 1 apresenta duas das apresentadoras.

Foto 1 - Neyla do Rego Monteiro e Emanuelle Madeira no comando do Universitária Esportiva



Fonte: Arquivos da UFPI.

O ano de 2012 marca o lançamento de outros programas da emissora, entre eles, o Gira Poesia, lançado em 2 de março de 2012. Produzido pela Sociedade dos Poetas Porvir, grupo de poetas estudantes da UFPI, o programa era apresentado por Dalila Cristina, André Café e Jorge André Paulino de Sousa. Além de poesias, incluía músicas e debates sobre temas do cotidiano. A Foto 2 ilustra um desses momentos.

Foto 2 - Dalila Cristina e Jorge André Paulino de Sousa no comando do Gira Poesia



Fonte: Arquivos da UFPI.

Outra produção da rádio, o Microfonia, surge no mesmo ano, com a proposta de abordar temas relacionado à cultura pop, quadrinhos, cinema e animes. Foi apresentado em sua primeira fase pelos alunos do curso de jornalismo da UFPI, Caio Brandão e Pablo Cavalcante, conforme a Foto 3.

Foto 3 - Pablo Cavalcante e Caio Brandão apresentadores do Microfonia



Fonte: Arquivos da UFPI.

Ainda em 2012, chegou para compor a equipe da Rádio Universitária o jornalista Rodrigo Carvalho, autor desta pesquisa (Foto 4). Sob seu comando, surgiu o primeiro programa com conteúdo jornalístico da emissora, o Música e Notícia, com o propósito de preencher a grade matinal da rádio. Como o próprio nome sugere, o programa misturava música e informação. O Música e Notícia ainda é exibido, sendo o mais duradouro da história da emissora.

Foto 4 - Rodrigo Carvalho no comando da primeira versão do programa Música e Notícia.



Fonte: Arquivos da UFPI.

Nesse mesmo período, teve início o primeiro programa de entrevistas da Rádio da UFPI, o Universitária Entrevista, apresentado pelo jornalista Rodrigo Carvalho, e, posteriormente, também pelo estudante de Comunicação João Paulo Mourão (Foto 5). Exibido semanalmente, sempre às sextas-feiras, o programa era gravado e recebia entrevistados no estúdio da emissora.

Foto 5 - Rodrigo Carvalho e João Paulo Mourão apresentando o Universitária Entrevista



Fonte: Arquivos da UFPI.

Outros programas surgiram na primeira fase da emissora, ainda sob a direção do professor Paulo Vilhena. Entre eles, o Clube do Vinil, que trouxe de forma pioneira o som do vinil para a rádio piauiense, apresentado pelo professor do curso de Letras da UFPI, Alcione Corrêa (Foto 6). Destaca-se também o Sintonia Jurídica, voltado à divulgação de informações e debates sobre o mundo do Direito, apresentado, em sua

fase inicial, por Renato Chaves e pelo estudante de Jornalismo da UFPI João Paulo Mourão.

Foto 6 - Professor Alcione Corrêa apresentador do Clube do Vinil



Fonte: Arquivos da UFPI.

Entre os primeiros programas da emissora, há também produções de conteúdo musical. O Puro Nordeste, com vinhetas gravadas pelo músico Lázaro do Piauí, apresentava uma hora de música nordestina raiz e era exibido de segunda a sexta, após a Voz do Brasil. O Mestre Samba, veiculado nas manhãs de domingo, apresentava o melhor do samba raiz. Além desses, o Universitária Pop, transmitido nas tardes da emissora de segunda a sexta, oferecia uma seleção de músicas pop e rock.

Com o decorrer dos anos, novos programas foram surgindo na grade da emissora, que atualmente conta com atrações dos mais diversos gêneros, desde jornalísticos propriamente dito até os voltados ao entretenimento. Programas linguagens técnicas específicas também integram a programação.

A Rádio Universitária, em sua primeira fase sob direção de Paulo Vilhena, embora contasse com muitos programas ainda em caráter experimental e programação majoritariamente feita por alunos do curso de Comunicação da UFPI, já adotava uma multiplicidade de gêneros radiofônicos que atendiam aos diferentes objetivos comunicacionais, refletindo o compromisso da emissora com a pluralidade de conteúdo.

Utilizando as classificações de gêneros radiofônicos propostas por autores como Bakhtin (1997), Nunes (2000) e Barbosa Filho (2009), podemos entender como a emissora estruturou sua grade inicial para abranger diferentes esferas da atividade humana, respeitando as particularidades de cada gênero e adaptando-os às

necessidades da audiência.

De acordo com Barbosa Filho (2009), os gêneros radiofônicos são caracterizados por meio de critérios de estilo, conteúdo e estrutura e são utilizados como estratégia de programação das emissoras de rádio.

Segundo Bakhtin (1997), o conceito de gênero radiofônico deve ser compreendido levando em consideração as especificidades de cada esfera comunicativa. Para esse autor, a concepção de gênero ultrapassa os textos literários e retóricos. Dessarte, é necessário analisar as características particulares de cada gênero radiofônico, os enunciados orais e escritos para que se chegue a uma definição clara do que vem a ser cada um deles.

Barbosa Filho (2009) destaca que os gêneros radiofônicos são trabalhados de forma diversificada pelas emissoras e sua conceituação perpassa por uma análise sociológica e histórica. Assim, podem ser analisados sob duas perspectivas: a empírica, que se refere às características discursivas que distinguem ou aproximam os textos, e a abstrata, voltada à conceituação dessas características. Tal abordagem sugere que, ao estudar os gêneros, é possível tanto observar suas propriedades externas quanto compreender as normas e regras que os definem, refletindo a complexidade e a variedade das práticas discursivas no rádio.

Seguindo a classificação de gêneros radiofônicos proposta por Barbosa Filho (2009), destacam-se os seguintes gêneros adotados pela emissora da UFPI em sua primeira fase: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicidade, propagandístico e de serviços.

O gênero jornalístico é fundamental para a estrutura da programação de uma emissora de rádio. Nessa primeira fase, evidenciam-se os programas Revista Universitária e Música e Notícia. Segundo Barbosa Filho (2009), o gênero jornalístico no rádio abrange formatos como notas, notícias, boletins, reportagens, entrevistas e comentários, sendo essencial para a disseminação de informações e construção de narrativas.

O Revista Universitária exemplifica essa proposta, com conteúdo focado na universidade e no cenário acadêmico local, enquanto o Música e Notícia apresenta um modelo de revista matinal, misturando música e informações de forma dinâmica. Ambos os programas têm como característica principal a veiculação de conteúdo informativo. Também se enquadra nesse gênero o Universitária Entrevista, o qual apresentava uma característica que, segundo Barros Filho (2009), é presente nesse

tipo de gênero: as entrevistas.

Além desses, o Universitária Esportiva, que buscava proporcionar entretenimento aos fãs de esportes, oferecia programação ao vivo com análises, notícias e opiniões sobre eventos esportivos locais e nacionais. Apesar de conter elementos do entretenimento, o foco na informação permite classificá-lo como pertencente ao gênero jornalístico.

No campo do gênero educativo-cultural, destacava-se programas Gira Poesia e Clube do Vinil, que buscavam proporcionar uma experiência estética ao público. O Gira Poesia era dedicado à poesia e à literatura, integrando debates e músicas com o intuito de envolver o ouvinte em uma experiência sensorial, conforme a definição de Barbosa Filho (2009) sobre os programas educativos e culturais. Ao incluir poesias e temas literários, o programa insere-se no gênero educativo-cultural, com forte característica artística. O formato de documentário educativo-cultural, como definido por Barbosa Filho, adapta-se à proposta do programa ao tratar da poesia de forma sensível e envolvente, ampliando o horizonte cultural dos ouvintes.

O Clube do Vinil constitui exemplo claro de um programa artístico voltado à música. Barbosa Filho (2009) menciona que o gênero musical e programas interativos de entretenimento estão entre os mais comuns nas emissoras de rádio. O programa resgatava a estética do vinil, proporcionando uma experiência sensorial diferenciada, em que a música se torna um veículo de construção de atmosferas e valorização da história sonora.

Outro gênero relevante na programação da rádio é o de entretenimento, presente com os programas Mestre Samba, Puro Nordeste e o Microfonia. O Microfonia seguia essa lógica ao abordar a cultura pop, quadrinhos, cinema e animes, explorando temas que geravam interesse e identificação junto ao público jovem e atento às tendências culturais contemporâneas. Os programas Mestre Samba e Puro Nordeste, com conteúdos musicais, também podem ser classificados como pertencentes ao gênero de entretenimento.

Quanto ao gênero publicidade, a emissora veiculava alguns *spots*, *jingles* e peças de promoção em sua grade, principalmente nos intervalos dos programas. Por ser uma emissora pública, não exibe comerciais, sendo assim, utilizou muito pouco o gênero propagandístico, com exceção da veiculação de programas eleitorais em períodos específicos.

O gênero de serviços esteve presente de forma tímida, com a exibição de notas

de utilidade pública em alguns programas. Em relação ao gênero especial, não foram apresentados programas infantis ou programas de variedades nessa fase.

O início da Rádio FM Universitária 96,7 da UFPI, embora tenha sido um marco importante para a comunicação no Piauí, não esteve isento de desafios significativos que comprometeram a qualidade e a eficácia de sua operação nos primeiros anos. A falta de uma estrutura robusta e de recursos adequados foi um dos principais obstáculos enfrentados, com reflexos em diversas etapas de implantação e desenvolvimento.

Um dos maiores problemas foi a ausência de bolsistas remunerados. O trabalho voluntário de estudantes, embora necessário e importante à formação acadêmica, acabou por sobrecarregar os envolvidos e comprometer a consistência da programação. Sem incentivos financeiros, muitos bolsistas tiveram dificuldades em dedicar-se integralmente aos projetos. A falta de interligação entre os programas ocasionava a produção de conteúdos desconexos, por conseguinte, cada um parecia ser criado de forma isolada, sem uma linha editorial coesa que unisse os diversos formatos e temáticas. A falta de uma jornada de trabalho definida para os estagiários também prejudicava a regularidade e a qualidade das produções, uma vez que não tinham um cronograma fixo de atividades, dificultando o planejamento da grade e a execução eficiente dos projetos.

Nesse contexto, a equipe era muito reduzida, composta principalmente por estudantes e apenas um jornalista formado, o que limitou a capacidade de produzir conteúdo jornalísticos com mais qualidade. A falta de uma redação estruturada também comprometeu a organização e a gestão das informações, dificultando a produção de matérias originais. O uso de materiais de terceiros, como conteúdo extraído de portais de notícias, em vez de reportagens próprias, foi uma alternativa encontrada pela equipe devido à carência de recursos e de profissionais. Tal prática prejudicou a identidade da emissora e a qualidade do jornalismo produzido.

A escassez de computadores também era um fator limitante, pois a produção de conteúdo e a organização da programação dependiam de ferramentas escassas e, muitas vezes, inadequadas. Além disso, a ausência de um carro, impedia a realização de coberturas externas com mais agilidade e qualidade. As gravações das sonoras eram feitas com equipamentos antigos, como a híbrida, que, apesar de ser funcional, oferecia qualidade de áudio precária, comprometendo a clareza e a profissionalismo das produções.

Apesar dessas dificuldades, é inegável que a Rádio Universitária 96,7 inovou em muitos aspectos já em sua fase inicial. A criação de programas com formatos inéditos para a rádio piauiense, como o Universitária Esportiva e o Gira Poesia, representou uma grande contribuição para o cenário da comunicação local, trazendo novas abordagens e conteúdos para o público. Ademais, a programação musical apresentava padrão de excelência. A emissora já despontava em seus primeiros anos como um campo de experimentação e aprendizado para os alunos da UFPI, proporcionando uma oportunidade única para o desenvolvimento de habilidades práticas no jornalismo e na comunicação.

3.5 Segunda fase: mudança de direção na emissora

A mudança de Reitoria na Universidade Federal do Piauí em 2012 também acarretou alterações na programação da emissora, impulsionando a produção de mais conteúdos exclusivos. Quando Arimatéia Dantas Lopes assumiu a Reitoria e Nadir Nogueira a Vice-Reitoria, a Superintendência de Comunicação passou a ser comandada por Jacqueline Dourado, professora doutora do curso de Jornalismo da UFPI. A professora Jaqueline, por sua vez, convidou o professor doutor Paulo Fernando de Carvalho Lopes, também do curso de jornalismo, para assumir a direção da Rádio Universitária. O convite foi reiterado várias vezes até que ele aceitou, como relata:

O convite veio em 2012, a professora Jacqueline me procurou porque ela tinha um planejamento da comunicação e ela escutava a rádio e queria implementar mudanças na rotina produtiva e implementar alguns projetos, os primeiros convites eu recusei, pois apesar de ter experiência no rádio, trabalhei na rádio Antares onde passei por várias experiências inclusive como diretor, na universidade estava ligado mais a projetos de pesquisa que sempre gostei muito, mas após ela insistir muito topei assumir a direção da emissora. (Rodrigues, informação verbal, jul. 2023).

O professor Carvalho Lopes (Foto 7) conta ainda que decidiu assumir a direção em meados de julho de 2013, após novo convite de Jacqueline Dourado. Relatou ainda que por ter grande reverência ao professor Paulo Vilhena, sentia receio em ocupar o cargo. Contudo, finalmente resolveu dizer sim após ouvir amigos e familiares e ser bem recebido pelo reitor Arimatéia Dantas Lopes.

A primeira medida tomada pela nova direção, destaca o professor, foi buscar apoio de profissionais com experiência na rádio piauiense.

A minha primeira medida foi entrar em contato com a jornalista Núbia Ramos que era diretora da Rádio Antares e pedir ajuda ela, eu estava há 15 anos fora

do mercado e precisava me atualizar acerca do funcionamento de uma emissora de rádio, ela Núbia gentilmente nos indicou dois profissionais para que eles no início nos prestarem consultoria durante alguns meses na emissora, foi aí que chegaram os jornalistas Elenita Karla e Solfiere Markan. (Rodrigues, informação verbal, jul. 2023).

Para o novo diretor, a medida essencial para começar seu trabalho, visto que profissionais com conhecimentos acerca do funcionamento de uma emissora de rádio fomentariam um projeto organizacional para emissora da UFPI.

Foto 7 - Paulo Fernando de Carvalho Lopes dirigiu a emissora de 2013 a 2021



Fonte: Arquivos da UFPI.

O professor Paulo Fernando acrescentou que ao apresentar a ideia à superintendente Jacqueline Dourado, recebeu como sugestão a contratação de dois jornalistas terceirizados. Assim, passaram a compor a equipe da Rádio Universitária, Elenita Karla e Solfiere Markan, que além de ajudarem como consultores, colaboraram com a produção dos programas e projetos da direção.

Os dois jornalistas somaram-se aos recursos humanos da emissora, que incluía o programador musical Rubens de Figueiredo, o jornalista Rodrigo Carvalho, a recepcionista Maria de Lourdes Oliveira, o auxiliar de limpeza Augusto César e o assistente técnico João Gualberto.

Além da equipe terceirizada, a emissora contava com alunos bolsistas que continuaram da gestão anterior. Manteve-se, ainda, o suporte técnico da empresa Radiotel, responsável pela manutenção do sinal da rádio, com serviços prestados por Seu Chiquinho Sousa e Ricardo Sousa. Entre as medidas tomadas pela nova direção, estava a reestruturação da rotina produtiva. Por conseguinte, os programas, antes feitos de forma individualizada, passaram a ser produzidos em conjunto com a direção. Os bolsistas passaram a cumprir jornadas de trabalho definidas, o que possibilitou maior organização das atividades.

Durante a gestão de Paulo Fernando de Carvalho Lopes, a Rádio Universitária passou por grandes transformações em sua estrutura física e técnica. A emissora passou a contar com mais linhas telefônicas, contabilizando cinco ao todo, novos computadores e *softwares*. Em 2014, após projeto vinculado ao programa Educando Com(ns)Ciências, apresentado pelo professor Alessandro Façanha, a sede da emissora contou com recursos para uma reforma estrutural. As três salas existentes (produção, secretaria administrativa e reunião) deixaram de existir e todo o espaço passou a compor a redação da emissora. Além disso, a sala da recepção foi ampliada com o deslocamento da cantina para uma área próxima à redação e à sala da direção.

A nova redação passou a contar com dezenas de computadores e mesas organizadas, inspirando-se nos *newsrooms* (redações dos principais veículos de comunicação). Esse novo ambiente facilitou a interação entre os integrantes da equipe e agilizou a locomoção, acompanhando a rotina produtiva cada vez mais intensa e produtiva dos programas e da produção conteúdo. Consequentemente, as práticas jornalísticas e as rotinas produtivas da emissora sofreram mudanças significativas.

As equipes dos mais diversos programas passaram a interagir umas com as outras, compartilhar conteúdos, trocar ideias de pautas e, com um quadro acrílico instalado no espaço da redação, todos os membros da rádio passaram a ter acesso às informações do conteúdo produzido pelos programas. Outro avanço foi a chegada de um carro de reportagens cedido pela Superintendência de Comunicação da UFPI, ampliando a possibilidade de coberturas externas e pautas que precisassem de deslocamento. Foi criada, ainda, um site da rádio com o sinal da emissora na internet.

Em 2015, após solicitação da direção da Rádio Universitária, em comum acordo com a Superintendência de Comunicação, foi lançado um edital de concurso para os cargos de locutor, programador musical e operador de som. Em 2016, Ricardo Sousa Lima, aprovado no certame, foi nomeado servidor efetivo no cargo de operador de som.

Rodrigo Carvalho, autor desta pesquisa e também aprovado no concurso, atuava como terceirizado desde 2011. Sua nomeação e efetivação no cargo de locutor ocorreram em 2017. Nesse mesmo ano, Adriano Lima também foi nomeado, inicialmente lotado na Superintendência de Comunicação, sendo transferido em 2018 para a rádio como programador musical. Com novos servidores efetivos e aumento no número de bolsistas, a gestão do professor Paulo Fernando foi marcada por significativa ampliação na quantidade de programas exibidos pela emissora.

Entre os novos programas, destaca-se o Som Diferente, produzido e apresentado pelo programador musical e músico Rubens de Figueiredo (Foto 8). Como o próprio nome indica, o programa tinha como proposta apresentar músicas de “qualidade”, geralmente desconhecidas do grande público. A programação incluía artistas e composições fora do circuito comercial e trazia, ainda, uma sessão dedicada à música instrumental, intitulada No Mundo do Jazz, baseada na obra de François Billard.

Foto 8 - Rubens de Figueiredo no comando do programa Som Diferente



Fonte: Arquivos da UFPI.

O Universitária Pop, programa que anteriormente se limitava à veiculação de músicas, passou a contar com apresentador e com diversos quadros voltados à temática pop. Em sua fase inicial, era apresentado pelo comunicador Sérgio Holom (Foto 9). Com sua saída da emissora, alguns bolsistas assumiram o programa.

Foto 09 - Sérgio Holom apresentador do Universitária Pop



Fonte: Arquivos da UFPI.

O programa Educando Com(ns)Ciências era produzido e apresentado pelo professor Alessandro Façanha, trazia debates sobre questões sociais e educativas (Foto 10). E consistia em um projeto de Extensão Universitária contemplado em Edital do Ministério da Educação em 2014 (Edital Proext/MEC/SESu), coordenado por (Alessandro Façanha), e tendo como vice- coordenadora a Prof. Patrícia Nápolis,

ambos lotados no Curso de Ciências da Natureza.

Foto 10 - Professor Alessandro Façanha e equipe do programa



Fonte: Arquivos da UFPI, 2024.

À época, a rádio era gerida pelo professor Paulo Fernando, que ofereceu suporte ao projeto em termos de espaço físico. A proposta consistia em uma ação de educomunicação científica voltada à divulgação e à popularização das ciências por meio da radiodifusão, utilizando como metodologia a veiculação semanal de um programa com cerca de 40 minutos de duração, composto por mesas-redondas, debates e entrevistas com especialistas da academia, representantes de movimentos sociais, agentes públicos e pesquisadores. As temáticas abordavam meio ambiente, sustentabilidade, tecnologias, inovação e produção de conhecimento aplicado.

Como inovação logística, os programas eram gravados em CDs no formato MP3 e utilizados como material didático alternativo em escolas públicas de Teresina. As temáticas envolviam resíduos sólidos, uso de recursos naturais, transição energética, educação e saúde (ISTs), biologia molecular (transplantes), saúde mental, entre outras com impacto social relevante.

O projeto contou, no primeiro ano, com financiamento específico do MEC, incluindo recursos para bolsas e cerca de R\$ 40.000,00 destinados à infraestrutura da rádio universitária e demandas do CCN II. Após o término do edital, o programa permaneceu em atividade por mais três anos, sob coordenação do professor Façanha, com a participação de bolsistas das áreas de Comunicação Social e Ciências da Natureza, entre eles: Jociara Luz, Nehemias Lima, Hector Belém, Walfran Costa, Jéssica Libâneo, Clarissa Pontes, Elana Marwell e Douglas. O projeto também contou com o apoio técnico de Ricardo Sousa e Chiquinho, responsáveis pela logística da rádio.

Com a ampliação do programa, adotou-se a estratégia da multimodalidade, incorporando redes sociais como Facebook, Twitter (atualmente X) e um canal no

YouTube², onde os episódios eram disponibilizados ao público. Em 2015, com a redistribuição do professor Alessandro Façanha para a UFRN, o programa permaneceu na grade por mais um ano. O projeto gerou dois artigos científicos publicados em periódicos, palestras em escolas e um trabalho de conclusão de curso da aluna Jociara Luz.

O primeiro programa de *stand-up comedy* da rádio piauiense, Nas Ondas do TCM, surgiu por meio de parceria com o grupo Teresina Comédia News (TCM). Um de seus idealizadores foi o humorista Whindersson Nunes, que participou das reuniões iniciais com a direção da emissora, acompanhado do comediante Bob. Contudo, devido à agenda atribulada, Whindersson não prosseguiu no projeto.

Outro programa, o M3, foi apresentado pelas jornalistas Elizangela Noronha e Clarissa Carvalho, a convite do diretor Paulo Fernando de Carvalho Lopes. A proposta era criar um programa voltado ao universo feminino. O nome M3 fazia alusão à tripla jornada de muitas mulheres: em casa, como mães, e em seus trabalhos profissionais. O programa inovou tanto na temática quanto na abordagem das pautas, contando, inclusive, com a participação de correspondentes de outros países e do Distrito Federal.

O Balaio Pop foi criado a partir de um projeto de TCC desenvolvido por dois alunos do curso de Jornalismo da UFPI, Caio Brandão e Mayra Monteiro, com foco na musicalidade pop nordestina. O Direto da Rua era um programa produzido e apresentado por bolsistas, com a proposta de levar informações ao vivo de diversos pontos da cidade, incluindo dados sobre trânsito e previsão do tempo. O Musicalizando, também conduzido por bolsistas, permanece na grade da emissora e apresenta músicas e informações sobre artistas musicais. Com o encerramento do Universitária Esportiva, a direção decidiu criar outro programa esportivo: o Foco Esportivo, produzido e apresentado por bolsistas, mantendo o compromisso com o jornalismo esportivo local.

Na área jornalística, destaca-se o Jornal da Universitária (1ª e 2ª edição). Inicialmente com apenas uma edição, o programa surgiu em 2015, quando o jornalista Rodrigo Carvalho deixou a apresentação do Música e Notícia para liderar a criação de um noticiário. Dada a limitação da equipe, Carvalho recrutou alunos do curso de

² Links: <https://www.facebook.com/educandocomnsciencias?fref=ts> <https://twitter.com/educandofmufpi> <https://www.youtube.com/@educandofmufpi1754>

Jornalismo da UFPI: Viviane Gama, responsável pela produção e previsão do tempo; Roberto Araújo e Natanael Sousa, primeiros repórteres do programa; posteriormente, Erick Alexandrino também passou a integrar a equipe.

Antes da estreia, a direção da rádio realizou oficinas com a equipe, supervisionadas por Paulo Fernando de Carvalho Lopes. Um dos encontros contou com a participação do jornalista Ubiracy Saboia (*in memoriam*), que ministrou palestra sobre cobertura política.

O Jornal da Universitária passou por diversas fases ao longo da gestão do professor Paulo Fernando, com mudanças de equipe e de formato. Desde 2015, o programa contou com a colaboração de vários estudantes de Jornalismo da UFPI. Durante um período de ausência de Rodrigo Carvalho, a apresentação foi assumida por Natanael Sousa.

Além da criação de novos programas, esse período foi marcado por grandes coberturas, como eleições, festivais (ex.: Festival de Inverno de Pedro II) e o Salão do Livro do Piauí (SALIPI). No caso do SALIPI, a emissora montou estande no espaço Rosa dos Ventos da UFPI, local das últimas edições do evento, com deslocamento de toda a equipe para cobertura integral.

Durante os sete anos sob direção do professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes, a emissora também se destacou pela realização de campanhas educativas. Uma das mais notáveis foi Nas Ondas da Sustentabilidade, que envolveu entrevistas, matérias e programetes temáticos. Também participou de ações solidárias, como o Natal dos Correios, em que os integrantes da rádio escolhiam cartas de crianças de escolas públicas para presentear-las.

Com o crescimento no número de programas e campanhas, houve maior diversificação dos gêneros radiofônicos utilizados. Conforme a classificação proposta por Barbosa Filho (2009), é possível identificar na programação da emissora da UFPI, nesta fase, os seguintes gêneros radiofônicos, associados aos respectivos programas.

Os programas Som Diferente, Musicalizando e Universitária Pop constituem exemplares do gênero de entretenimento, por priorizarem a música como eixo central e apresentarem uma proposta voltada ao lazer e à fruição estética dos ouvintes. Com foco na diversidade musical, esses programas buscaram entreter e ao mesmo tempo valorizar produções sonoras que escapam do circuito comercial. Da mesma forma, o Balaio Pop, ao explorar a musicalidade pop nordestina, oferecia não apenas

entretenimento, mas também reforço à identidade cultural local.

Ainda dentro desse gênero, o programa Nas Ondas do TCM se destaca por representar uma inovação no contexto radiofônico do Piauí, ao incorporar o humor como linguagem predominante. Como primeiro programa de *stand-up comedy* radiofônico do estado, encaixa-se na categoria de programa interativo de entretenimento, promovendo uma relação mais descontraída e participativa com o ouvinte.

O programa M3, por sua vez, configura-se como uma proposta híbrida. Embora apresente traços marcantes do gênero de entretenimento, por seu formato leve e abordagem acessível, pode ser também classificado no Gênero Especial, por tratar de temas relativos à condição feminina em suas múltiplas dimensões. Além de pautar o cotidiano das mulheres nas esferas pessoal, profissional e familiar, o programa inovou ao introduzir correspondentes em outras localidades, caracterizando-se como programa de variedades e ampliando sua função informativa e crítica.

O Educando Com(ns)Ciências, idealizado como um projeto de extensão universitária, constitui um exemplo paradigmático do Gênero Educativo-Cultural. Com o objetivo de promover o conhecimento científico, ambiental e social, o programa operava na interface entre ciência e comunicação, assumindo um papel educ comunicativo. A utilização de suportes multimodais, como CDs e plataformas digitais, além da difusão nas redes sociais, contribuiu para potencializar seu alcance e reforçar seu caráter educativo.

O programa Direto da Rua é representativo do gênero de serviço. Voltado à prestação de informações de utilidade pública – como trânsito, clima e acontecimentos em tempo real – o programa buscava atender às demandas práticas dos ouvintes, contribuindo para seu cotidiano e conectando a emissora às dinâmicas urbanas de Teresina. Trata-se de um modelo típico de programa de serviço, de acordo com a tipologia de Barbosa Filho (2009).

No gênero jornalístico, destacam-se dois programas centrais: Foco Esportivo e Jornal da Universitária. O primeiro surgiu como retomada da linha editorial esportiva da emissora, apresentando notícias, comentários e análises sobre o cenário esportivo local e nacional. Já o Jornal da Universitária representa um marco para a emissora por ter sido o primeiro programa de cunho estritamente jornalístico. Seu formato envolvia reportagens, entrevistas e quadros informativos, seguindo os princípios clássicos do radiojornalismo. Ambos contribuíram para a consolidação de uma

programação mais comprometida com a informação e a pluralidade de vozes.

Ainda que de forma pontual, a emissora veiculou peças que se enquadram no Gênero Propagandístico, notadamente durante períodos eleitorais, com a exibição de programas institucionais obrigatórios por lei. Além disso, campanhas de conscientização, como Nas Ondas da Sustentabilidade, também se aproximam desse gênero, ao articularem mensagens de cunho institucional e interesse coletivo.

No que se refere ao gênero publicitário, a emissora exibiu spots e jingles, ainda que sem finalidade comercial, respeitando o caráter público da rádio. Tais inserções se voltavam, sobretudo, à divulgação de eventos acadêmicos e campanhas de interesse público, exercendo a função de apoio à comunicação institucional da UFPI.

Um marco simbólico importante desta fase foi a mudança da logomarca da emissora. A nova identidade visual foi concebida pelo bolsista Antônio Fontes, substituindo a logomarca original criada pelo jornalista, ilustrador e artista plástico Paulo Moura. A atualização da marca refletiu o novo momento da emissora, alinhando sua imagem à proposta de modernização e à diversidade de sua programação.

Foto 11 - Primeira logomarca da emissora da UFPI criada durante a gestão do professor Paulo Vilhena



Fonte: Arquivos da UFPI.

Foto 12 - Logomarca da rádio universitária criada durante a gestão do professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes



Fonte: Arquivos da UFPI.

3.6 FM Universitária passa a integrar a Rede Nacional de Rádios Públicas

Em 24 de maio de 2020, representantes da Empresa Brasil de Comunicação (EBC) estiveram na Reitoria da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para a entrega do Acordo de Cooperação entre a EBC e a UFPI, gestora local da FM Universitária 96,7.

Participaram da solenidade o reitor da UFPI, professor José de Arimatéia

Dantas Lopes; a vice-reitora, professora Nadir do Nascimento Nogueira; a superintendente de Comunicação da UFPI, professora Jacqueline Lima Dourado; o diretor da Rádio FM Universitária, professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes; a gerente de Rede de Rádios Públicas, Luciana Couto de Melo; a gerente de Assuntos Regulatórios e Projetos de Rede, Wanessa Bastos; e o representante da Diretoria de Operações, Engenharia e Tecnologia, Paulo Moura. Também participaram da reunião os servidores Adriano Lima e Ricardo Sousa, lotados na Rádio Universitária (Fotos 13 e 14).

Foto 13 - Entrega do Acordo de Cooperação entre a EBC e a UFPI



Fonte: Arquivo da UFPI.

Foto 14 - Representantes da EBC conhecendo os estúdios da emissora



Fonte: Arquivos da UFPI.

A implementação da Rede Nacional de Comunicação Pública é uma das atribuições da EBC, conforme previsto na Lei nº 11.652/2008, que institui os princípios e objetivos do sistema público de radiodifusão no país. Com a formalização da rede, busca-se assegurar pelo menos uma consignação em FM em cada capital brasileira.

A partir do acordo, a relação entre a emissora e a EBC tornou-se mais próxima, sendo estabelecida a transmissão mínima de quatro horas diárias de conteúdo gerado pela EBC. Além disso, a empresa compromete-se a oferecer suporte técnico e de

programação às rádios vinculadas.

A EBC administra diretamente nove emissoras de rádio e detém a consignação de outras treze. Destas, oito são rádios universitárias. Atualmente, integram a nova rede: a Rádio Universitária da UFPI, a Rádio UFS FM (Sergipe), a Rádio UFMS Educativa (Mato Grosso do Sul) e a Rádio Universitária da UNIFAP (Amapá).

Apesar das conquistas e das melhorias estruturais e operacionais vivenciadas durante a gestão do professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes — com a ampliação do número de programas, a criação de nova redação e a aquisição de um veículo para reportagens —, o período também apresentou desafios no que se refere à relação com a Superintendência de Comunicação Social (SCS) da universidade.

Embora tenha ocorrido maior dinamismo na produção de conteúdo e diversificação da grade, um dos entraves mais notáveis foi a ausência de integração efetiva entre a Rádio Universitária e a SCS. A emissora, ainda que vinculada à estrutura institucional da UFPI, operava de forma relativamente autônoma, com pouca interlocução com os demais setores da superintendência. A troca de informações e a articulação de ações conjuntas foram limitadas, refletindo-se diretamente na cobertura das atividades da universidade — uma das metas pretendidas pela equipe da rádio, mas dificultada pela falta de alinhamento institucional.

A descontinuidade de programas como o Direto com o Reitor, que já havia representado um canal de comunicação entre a gestão superior e a comunidade universitária, evidencia a desconexão progressiva entre a emissora e a administração central. Ao longo da gestão, a participação da administração nos conteúdos da rádio foi reduzida, o que comprometeu o fortalecimento da emissora como veículo institucional da universidade.

3.7 Momento de crise: do *impeachment* à pandemia

Durante a gestão de Paulo Fernando de Carvalho Lopes, a Rádio Universitária da UFPI também enfrentou períodos de instabilidade associados à conjuntura política e econômica nacional. Com a crise instaurada a partir do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, cortes de recursos afetaram diretamente as instituições federais de ensino superior, incluindo a emissora, que sofreu redução de pessoal, sobretudo pela diminuição das bolsas estudantis e do quadro de servidores terceirizados.

De acordo com Araújo e Macedo (2022, p.1):

Após o impeachment da Presidente Dilma Rousseff e com a aprovação da Emenda Constitucional n.º 095/2016, as políticas sociais foram duramente atingidas, em especial, a saúde e a educação, e têm sido recorrentes as dificuldades encontradas para assegurar esses direitos. Assim, assistimos à desconstituição das políticas públicas que posicionam o Estado como provedor exclusivo ou principal desses serviços públicos e um afrouxamento do controle do Estado sobre esses setores de políticas públicas para que se instale, “naturalmente”, o ambiente típico de mercado desejado pelos agentes privados que pretendem ocupar esse espaço.

A situação agravou-se com o início do governo Michel Temer. Segundo Pieranti (2017), uma das primeiras ações foi a fusão dos ministérios das Comunicações e de Ciência, Tecnologia e Inovação, o que sinalizou que a comunicação não seria prioridade. Adicionalmente, foi editada a Medida Provisória nº 744/2016, que extinguiu o Conselho Curador da EBC e a previsão de mandato fixo para o diretor-presidente da empresa, medida que gerou instabilidade entre as emissoras vinculadas à EBC.

Ainda segundo Pieranti (2017), pelo menos até junho de 2017, não foram publicados os editais para novas emissoras de radiodifusão educativa e comunitária, previstos em Planos Nacionais de Outorgas. Além disso, a Medida Provisória nº 747/2016, convertida na Lei nº 13.424/2017, anistiou todas as entidades atuantes no setor de radiodifusão que tinham perdido seus prazos para renovação de outorgas – todas, menos, em sua versão original, as detentoras de autorizações para executar os serviços de radiodifusão comunitária. Ou seja, as rádios comunitárias enquadradas neste caso perderiam suas outorgas, não fosse uma alteração do texto promovida pelo Congresso Nacional, para estender a elas o benefício da anistia.

Outro dispositivo deste documento extinguiu a necessidade de anuência prévia às transferências as indiretas de outorga, em outras palavras, a mudança de controladores das empresas detentoras de outorgas não depende mais de aceite anterior do ministério, o que implica em diminuição da possibilidade de regulação econômica do setor.

Nesse contexto, a Rádio Universitária da UFPI, mesmo com a redução do quadro de funcionários e de programas produzidos, manteve-se em funcionamento, com uma grade diversificada e plural, seguindo o que se espera de uma rádio universitária vinculada a uma instituição de ensino superior.

3.7.1 Os efeitos da pandemia de Covid-9 na rotina produtiva da Rádio

Universitária da UFPI

Outra crise, de dimensão mundial, a pandemia de COVID-19 também afetou de forma significativa a rotina produtiva da emissora. Nos primeiros meses, com o

decreto de isolamento social em Teresina, a rádio suspendeu todos os seus programas e passou a exibir apenas programação musical. Posteriormente, a direção da emissora, compreendendo o papel da rádio em um período de incertezas e necessidade de informação, iniciou a produção de programas especiais sobre a pandemia, em regime de home office. A equipe retornou à sede da emissora apenas após novos decretos governamentais que garantiam maior segurança aos funcionários e colaboradores.

A Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí ficou, no auge da pandemia, um período sem funcionar, mas logo retomou suas atividades para cumprir seu papel como veículo de comunicação de massa, oferecendo informações sobre o contexto pandêmico. O retorno ocorreu de forma remota, com os funcionários trabalhando em home office, a fim de preservar a saúde da equipe.

Sob a direção do professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes, do curso de Comunicação da UFPI, a emissora dividiu sua equipe para produzir programas e boletins especiais sobre a pandemia. Temas como notícias locais, nacionais e internacionais foram abordados, com o objetivo de manter o público informado. Houve também a preocupação em combater a desinformação, além da valorização de pesquisas científicas da UFPI e de outras instituições.

Para viabilizar a produção dos programas, a equipe adaptou suas residências em redações jornalísticas, utilizando celulares para gravação de sonoras, reportagens e locuções. A edição do material foi realizada remotamente, com a instalação de aplicativos de edição de áudio nos computadores pessoais dos estagiários e funcionários, evitando o contato presencial e garantindo a segurança de todos.

De acordo com Zago (2021), durante a pandemia, as rádios universitárias precisaram encontrar formas de continuar no ar, reformulando suas produções, mesmo com estúdios vazios. No caso da Rádio Universitária da UFPI, esse modelo remoto se manteve por vários meses, até que, de forma gradual e conforme os decretos da prefeitura de Teresina e do governo estadual, a equipe retornou ao trabalho presencial.

No entanto, muitas práticas adotadas durante o isolamento foram incorporadas às rotinas produtivas da emissora, mesmo após o restabelecimento das atividades presenciais. Durante a crise do transporte público da capital, por exemplo, com a paralisação dos ônibus, estagiários e colaboradores passaram a realizar seus trabalhos em casa, modelo adotado sempre que a presença física na sede da rádio

se mostra inviável.

Os smartphones tornaram-se instrumentos indispensáveis para o cotidiano da emissora. A gravação por telefone, prática já existente antes da pandemia, passou a ser ainda mais frequente. Fontes, assessorias e jornalistas intensificaram o uso de aplicativos e redes sociais como o WhatsApp para estabelecer comunicação.

O uso desses recursos beneficia todos os envolvidos: no ritmo acelerado das redações, jornalistas conseguem sonoras e notas com agilidade, enquanto assessorias transmitem o conteúdo solicitado sem necessidade de deslocamento.

Durante o período pandêmico, as chamadas linhas de transmissão — listas de contatos no WhatsApp que permitem o envio repetido de mensagens a um mesmo grupo — ganharam destaque entre as assessorias. Esse recurso facilitou a difusão de conteúdos como matérias, notas, vídeos e sonoras aos veículos de comunicação, inclusive às rádios. Segundo Lima *et al.* (p. 76), “no Brasil, o WhatsApp já se consolidou também como um importante canal para contato e agendamento de pautas e entrevistas na produção cotidiana do jornalismo.”

Os smartphones também passaram a ser utilizados para a gravação de offs e outros textos radiofônicos fora da redação. Com aplicativos de edição, esses dispositivos se tornaram ferramentas para a edição de áudio, prática intensificada durante a pandemia e que permanece nas rotinas das emissoras.

Durante e após a pandemia, no contexto da convergência de mídias, o rádio foi um dos meios que mais precisou se reinventar. Como aponta Kischinhevsky (2016, p. 13), “o rádio surpreendentemente mostrou maior capacidade de reação do que outros meios de comunicação.”

Outra contribuição da pandemia à rotina da Rádio Universitária da UFPI foi o fortalecimento do combate às *fake news* nos conteúdos jornalísticos. No período, a emissora firmou parceria com o grupo “Coar Notícias”, que, por meio de programetes, informava o que era fato ou boato, em um momento marcado pela desinformação. Chagas e Cruz (2021) observam o rádio, que já se encontrava diante de imensos desafios, com mudanças estruturais nas esferas de produção, recepção e circulação, luta para manter certo protagonismo. Ainda que certas emissoras acolham discursos negacionistas sob a justificativa de ouvir diferentes opiniões.

Apesar do cenário adverso, os veículos de comunicação, essenciais durante esse período, não puderam interromper suas atividades e precisaram se adaptar. A Rádio Universitária da UFPI, nesse contexto, modificou sua rotina produtiva com o uso

intensificado de recursos tecnológicos e do teletrabalho, práticas que seguem em vigor.

Os decretos de isolamento social alteraram significativamente as rotinas produtivas da emissora. Além de impor novos modelos de produção, a pandemia levou funcionários, estagiários e colaboradores a trabalharem remotamente. Muitas dessas práticas foram mantidas após o fim do isolamento.

A necessidade de produzir conteúdo durante o período de crise levou a equipe da emissora a incorporar definitivamente os recursos tecnológicos à sua rotina produtiva, o que reflete uma tendência geral das organizações e veículos de comunicação.

Entretanto, a pandemia também evidenciou fragilidades. A rádio enfrentou desafios estruturais, como a interrupção de sua programação em decorrência de problemas na torre de transmissão. Situações como essa revelam a falta de planejamento para garantir continuidade em momentos críticos.

Durante um período de alta demanda por informações confiáveis, a interrupção de programas como o Jornal da Universitária representou uma perda importante. Ainda que programas especiais tenham sido produzidos, houve um afastamento da grade regular, impactando a audiência acostumada a determinada organização.

A transição para o modelo remoto, embora eficiente, exigiu adaptação rápida, especialmente da equipe composta majoritariamente por estudantes. A ausência de um planejamento prévio para operação digital demonstrou a necessidade de investimentos em capacitação e infraestrutura tecnológica (Foto 15).

Foto 15 - Publicação no Instagram da emissora



Apesar dessas dificuldades, a Rádio Universitária da UFPI cumpriu seu papel informativo. Adaptou sua programação à nova realidade, produziu conteúdos relevantes e combateu a desinformação, demonstrando capacidade de resposta diante da crise. Em síntese, embora tenha revelado deficiências estruturais e de preparação, a pandemia confirmou a importância da rádio e a necessidade de planejamento de contingência que garanta, mesmo em cenários adversos, a continuidade da produção jornalística e comunicacional.

3.7.2 Governo Bolsonaro e os cortes das universidades

A pandemia de COVID-19 ocorreu no período em que Jair Messias Bolsonaro ocupava a presidência da República. Com o discurso de contenção de gastos públicos, em razão da crise provocada pela pandemia, o governo federal realizou uma série de cortes no orçamento das universidades e institutos federais.

Esses cortes comprometeram a execução de despesas por parte das universidades federais, levando à suspensão de diversas atividades. A Rádio Universitária da UFPI também foi afetada por essa conjuntura, sendo obrigada a reduzir seu quadro de funcionários terceirizados e de estagiários bolsistas. A emissora passou a operar com equipe bastante reduzida, o que impactou diretamente sua rotina produtiva.

Segundo de Araújo e Macedo (2022, p.13):

O conjunto de iniciativas do governo Bolsonaro podem ser vistas como um processo sistemático de desmonte das políticas públicas de educação superior pública. Os cortes expressivos de orçamento implicando em dificuldades para o funcionamento das instituições, os cortes nas agências de fomento à pesquisa e pós-graduação impactando fortemente todo o sistema de produção do conhecimento e de formação associados aos ataques às políticas de inclusão acentuando as históricas desigualdades de acesso e de oportunidades educacionais, o desrespeito ao processo democrático das IFES, o discurso permanente de desqualificação das instituições apresentando-as como perdulárias e de baixa produtividade.

De acordo com dados do Centro de Estudos Sociedade, Universidade e Ciência (Sou Ciência), da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), as instituições federais receberam R\$ 62,2 bilhões em 2019, enquanto em 2022, último ano da gestão do ex-presidente Jair Bolsonaro (PL), os repasses caíram para R\$ 53,2 bilhões.

3.8 A queda da torre da emissora

Além da instabilidade provocada pela pandemia e pelos cortes orçamentários,

uma forte tempestade atingiu Teresina na virada do ano de 2020 para 2021, derrubando a torre de transmissão da emissora. A rádio permaneceu por alguns meses sem sinal em frequência modulada, tendo seus programas veiculados apenas pela internet. O temporal do dia 31 de dezembro causou outros danos no campus da Universidade Federal do Piauí, no bairro Ininga, zona Leste da capital. Houve queda de árvores, destruição de muros e interdição de vias de acesso ao campus (Foto 16).

Foto 16 - A torre da Rádio Universitária da UFPI após grande tempestade



. Fonte: Arquivos da UFPI.

Em 1º de fevereiro de 2021, a emissora voltou ao ar com a instalação provisória de uma antena na torre da Vigilância da Universidade. Contudo, poucos dias depois, o sinal em FM foi novamente interrompido, e a programação passou a ser transmitida apenas pela internet. Assim como ocorreu durante o período pandêmico, o problema foi posteriormente solucionado, e o sinal da emissora foi restabelecido (Foto 17).

Foto 17 - A torre da emissora é reerguida.



Fonte: Arquivo da UFPI.

Em 31 de maio de 2021, a FM Universitária voltou a ser transmitida em sinal aberto, por meio da frequência 96,7 FM, com alcance e qualidade ampliados. A nova torre, com 40 metros de altura, substituiu a estrutura anterior, derrubada pelas chuvas na virada do ano de 2020 para 2021.

4 RÁDIO UNIVERSITÁRIA COMO AMBIENTE PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

As rádios universitárias são grandes aliadas dos Institutos de Ensino Superior (IES), contribuindo para a formação de futuros comunicadores no Brasil. Operam em sinal aberto, por meio de frequência modulada, ou no formato de web rádio, e oferecem aos estudantes dos cursos de Comunicação dessas instituições um espaço para estágios e para a aquisição de competências profissionais necessárias ao ingresso no mercado de trabalho.

Assim como as emissoras comerciais, as rádios universitárias narram a História e, além disso, também formam narradores. Conforme a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), existem no Brasil 7.604 cursos de Comunicação em atividade. Nesse contexto, as rádios universitárias a eles vinculadas assumem, além da missão de informar, entreter e educar, o papel de preparar os profissionais do rádio das próximas gerações (Silva, 2017).

A Rádio Universitária é essencial para que os alunos dos cursos de Comunicação compartilhem conhecimentos e vivenciem os conteúdos ministrados em sala de aula (Sousa, 2020). Desde a inauguração da programação jornalística, em 2011, a FM 96,7 da UFPI tem funcionado como laboratório e espaço fértil para a prática radiofônica, em especial para o radiojornalismo.

Seja por meio de estágios remunerados ou voluntários, seja nas atividades realizadas nas disciplinas do curso de Jornalismo da UFPI, centenas de estudantes já passaram pela Rádio Universitária, sempre acompanhados e supervisionados por docentes e profissionais da emissora. Essa vivência permite que adquiram competências específicas a partir da prática diária, o que potencializa sua formação profissional.

De acordo com Deus (2003), as rádios universitárias devem cumprir papel relevante na formação discente, na difusão do conhecimento, na democratização da comunicação e na consolidação da extensão universitária pública. Ainda segundo a autora, essas emissoras operam sob duas perspectivas fundamentais: a laboratorial e a pública.

A ligação entre as rádios universitárias e as instituições de ensino superior torna essas emissoras laboratórios valiosos para que os alunos exercitem a teoria aprendida em sala de aula. Essa conexão transforma a rádio universitária em ambiente de aprendizagem prática, pautado pela qualidade, pela resposta da audiência, pela

precisão e agilidade da informação e pelo compromisso ético. Ao produzirem conteúdo real, os estudantes compartilham com a sociedade não apenas os resultados de seu trabalho, mas também sua avaliação (Deus, 2003, p. 312).

Segundo Silva (2017), a Rádio Universitária caracteriza-se como uma rádio educativa, conforme previsão legal que vincula essa categoria de emissora a entidades educacionais. Sua origem está na função laboratorial, que possibilita aos estudantes vivenciar a prática radiofônica em ambiente real de trabalho.

Para desempenhar profissionalmente qualquer função em uma rádio, é necessário, além da formação acadêmica, um treinamento intensivo que desenvolva as habilidades vocacionais. A prática e o raciocínio rápido são indispensáveis à atuação nesse campo.

Para viabilizar essa formação, é fundamental dispor de um espaço onde os estudantes possam aplicar, na prática, os conhecimentos teóricos adquiridos. Assim, as rádios universitárias configuram-se como ambientes de experimentação e aprendizagem para alunos de Jornalismo.

Desde sua inauguração, a FM 96,7 da UFPI tem sido esse espaço de prática, sobretudo no campo do radiojornalismo (Sousa, 2020). A participação dos alunos na emissora ocorre por meio de disciplinas curriculares ou estágios em programas variados, como o Repórter Cigarra, entre outros de caráter cultural ou informativo.

Sousa (2020) ressalta que essas atividades permitem o acúmulo de experiências significativas, facilitando o ingresso dos estudantes em outras emissoras, públicas ou privadas.

Desse modo, entende-se que rádios como a da UFPI constituem um espaço propício à aplicação dos conteúdos trabalhados nas salas de aula, contribuindo de forma decisiva para a formação dos acadêmicos. Ao possibilitar que os estudantes apliquem a teoria na prática, a rádio universitária se consolida como um verdadeiro laboratório.

Embora não se possa apresentar um conceito rígido de rádio universitária, compreende-se que:

O conceito de rádio universitária ou emissora universitária se estabelece como um vínculo de comunicação radiofônica de uma determinada comunidade acadêmica, representando de forma direta ou indireta a instituição de ensino a que está vinculada. Os laboratórios radiofônicos podem estruturar-se a partir de módulos de elaboração, edição, produção e veiculação de programas, orientado pelos docentes da disciplina e supervisionado por monitores (Maluly, 2013, p 37).

Maluly (2013) destaca ainda que, a princípio, o conteúdo elaborado pelos alunos de comunicação ficava restrito ao universo das disciplinas, servindo apenas como exercícios ou como provas de avaliação. Na rádio da UFPI, isso também fica evidenciado com o programa Repórter Cigarra produzido pelos alunos da disciplina de rádio do curso de jornalismo. Porém, além da produção e da utilização de equipamentos da emissora (estúdios, microfones, gravadores, computadores), há também a veiculação do Repórter Cigarra na programação da emissora, que pode ser ouvida pelos ouvintes que sintonizam a 96,7 ou pelo site da rádio na web.

Ao permitir que essas produções ultrapassem a sala de aula, Maluly (2013) destaca que isso se trata de novo processo em que se: “[...]oferece a oportunidade de disponibilizar conteúdos jornalísticos, como matérias e programas, pelas mídias digitais, ou mesmo pela transmissão na programação das emissoras de rádio” (Maluly, 2013, p 33).

Essa possibilidade de ter os conteúdos veiculados em uma emissora de FM, como a Rádio Universitária da UFPI, insere os estudantes na prática jornalística ao possibilitar o conhecimento da rotina da produção radiofônica. Eles compreendem que:

No rádio, não existem espaços em branco, frases recheadas de adjetivos e que a mensagem radiofônica é fruto de um excelente conhecimento da língua, da agilidade na interpretação do fato e do rigor da pesquisa jornalística. Acabam por dividir com a sociedade o seu fazer e a sua avaliação. (Deus, 2003, p. 312).

Além do Repórter Cigarra, os alunos do curso de Jornalismo da UFPI podem integrar outros programas da emissora por meio de estágio extracurricular. A prática na FM da UFPI, portanto, ocorre tanto no âmbito das disciplinas quanto por iniciativa dos próprios estudantes em integrar a equipe da 96,7.

Para Ferreira e Costa (2021, p.):

A extensão é base para uma boa carreira acadêmica e para a formação dos discentes. Sua importância se dá pela oportunidade de vincular o conhecimento teórico discutido em sala de aula ao conhecimento prático semelhante ao mercado de trabalho, porém, com abordagem científica em todas as etapas. Idealizamos assegurar aos universitários tal vivência associada, com a perspectiva de alcançar resultados, a partir da reflexão, integração e capacitação pela prática interdisciplinar.

Ainda de acordo com Ferreira e Costa (2021), a formação jornalística não se restringe ao ambiente acadêmico”. As experimentações práticas, através dos projetos

de extensão universitária, possibilitam que os estudantes vivenciem a prática profissional. O projeto de extensão objeto do presente relato evidencia a importância da necessidade do aprimoramento das práticas extensionistas interdisciplinares. Além disso, é uma forma de relacionar o ambiente acadêmico com a sociedade.

A partir dos pensamentos de Ferreira e Costa, entende-se que, para que um estudante possa atuar no campo da comunicação, é necessário que entenda, na prática, o conteúdo teórico estudado em sala de aula, para que possa compreender, vivenciando durante a rotina produtiva, o passo a passo do exercício da profissão. No caso da Rádio Universitária da UFPI, essa prática, mediante projetos de extensão, pode ser destacada ao se falar do programa Educando Com(ns)Ciências.

Percebe-se, então, que a formação em Jornalismo deve ser um “casamento” entre teoria e prática, e que emissoras de rádio universitárias, como a da UFPI, funcionam como espaço para a difusão de conhecimentos teóricos e práticos aos alunos que nelas estagiam, ou que participam delas via projetos de extensão e pelas disciplinas do curso, sendo, portanto, um diferencial na formação profissional.

Ainda sobre essas características, Ventín (2018) destaca que são encontrados três objetivos missionários nas rádios universitárias: as rádios como elementos de difusão do conhecimento, como mecanismos de extensão acadêmica e como ferramentas de formação e desenvolvimento empírico de estudantes universitários de rádio. Para Lopez (2019), as rádios universitárias são, atualmente, mais do que um espaço de experimentação do conteúdo ministrado em sala de aula, mas sim um laboratório fundamental para haver conexão entre o processo de ensino-aprendizagem.

Outro autor que destaca a importância das rádios universitárias na formação profissional é Pedroza (2019), que enaltece o papel dessas emissoras nesse processo formador dos acadêmicos. Para ele, essas emissoras possibilitam, com essa experiência, maiores oportunidades no mercado de trabalho aos estudantes. Outra entrega esperada dessas rádios educativas e universitárias é sua contribuição para a formação de recursos humanos, voltada para atuação no rádio em geral e, em particular, em emissoras do campo público (Pedroza, 2019).

Além de servir aos estudantes, as rádios universitárias contribuem também para o trabalho dos professores dos cursos de Comunicação e Jornalismo, que podem utilizar o espaço e os recursos dessas emissoras para aprimorar as aulas. Muitas instituições de ensino superior carecem de laboratórios que permitam ao professor

explicar, na prática, a teoria ministrada aos alunos, e ao dispor de uma emissora de rádio ligada à IES, ampliam-se as possibilidades de ensino-aprendizagem.

Essa troca de experiências do aluno com o professor é fundamental para que ele possa aprimorar as competências profissionais. No caso da rádio da Universidade Federal do Piauí, o aluno tem o privilégio de contar com a orientação e a supervisão de um professor do curso de Jornalismo que exerce a função de diretor da emissora. Em um mercado de trabalho competitivo, sair da academia com essa experiência é um privilégio.

A formação de profissionais capacitados para o mercado é um dos desafios que mais motiva professores e pesquisadores, que identificam as rádios universitárias como um espaço privilegiado para a formação de profissionais, seja pelo exercício da prática como laboratório de experimentação, seja como instância complementar ao ensino da teoria e das técnicas do rádio (Pedroza, 2019).

Ademais, o aprendizado do aluno é muito maior em uma rádio universitária do que em rádios comerciais, pois, nestas, o trabalho é acompanhado por professor e ainda há mais espaço para experimentação no exercício de múltiplas funções (Spenthof, 1998).

Ainda para Spenthof (1998), são quatro as funções básicas que explicam e justificam a existência das rádios universitárias: a divulgação da produção universitária, a canalização da política de extensão das universidades, a atividade laboratorial e a democratização da comunicação e do conhecimento.

São várias as habilidades que o aluno pode aprender em uma emissora de rádio universitária, não só as competências técnicas do rádio, mas também noções de administração, como liderar uma equipe, por exemplo, e, assim, passam a ter maior discernimento para tomadas de decisões importantes que podem ser fundamentais para o que o mercado espera de um profissional.

A Rádio Universitária permite ao alunado o conhecimento da dimensão empresarial, o que possibilita uma integração profissional com maior eficiência no mercado de trabalho e, sobretudo, oferece alternativas para encontrar oportunidades de emprego (Sobrinho, 2016).

Ainda segundo Sobrinho (2016), em universidades onde são ministrados cursos de Comunicação, a formação profissional é a premissa das rádios universitárias, é sua razão de existir, pois, nessas emissoras, os alunos podem adquirir habilidades profissionais que os ajudarão no mercado de trabalho.

Sobre ainda as habilidades que podem ser aprendidas pelos alunos na rádio universitária, destaca-se que, com a experiência na emissora, podem adquirir conhecimento sobre as fontes e entender qual o público-alvo para determinado programa ou programação. Muitos profissionais chegam imaturos ao mercado de trabalho, sem conhecer o nome e a atuação das fontes necessárias para a produção das matérias e entrevistas.

O aluno que tem a oportunidade de ser habilitado nas estações de treinamento da rádio universitária tem maior capacidade de decisão na produção de conteúdo, consegue definir temas para programas, fica apto a fazer escolhas e buscas de fontes e é capaz de definir as diretrizes da relação com o público, pois tem liberdade no ambiente de trabalho, o que auxilia sua ação-formação (Ventín, 2019).

Ainda em relação à importância das práticas para a formação dos estudantes de Jornalismo, Fraga (2019) destaca que:

A prática na disciplina de rádio na formação dos estudantes de Comunicação é um período em que várias teorias apresentadas em sala de aula são postas em práticas como: a rotina da redação jornalística, com a produção de pautas, a realização de reportagens e entrevistas a apresentação de programas. Outro aspecto importante nesta prática é a possibilidade de interação com as rotinas do trabalho em equipe, além disso, estas atividades proporcionam ao estudante uma maior valorização dos conhecimentos de sala de aula.

O que era antes concebido como uma sala de aula em que se repassava conhecimento, agora ganha a dimensão de um laboratório de pesquisas para a experimentação e a criação de linguagens, processos, técnicas, tecnologias e aplicativos. A dicotomia entre teoria e prática tende a desaparecer, pois, por meio da reconstrução e da construção do conhecimento, a teoria constitui uma esfera de compreensão de limites e da necessidade de atualização da prática, e a prática funciona como campo de provas para testar as hipóteses teóricas e apontar as lacunas existentes nas teorias estabelecidas (Machado, 2007, p.17).

Portanto as rádios universitárias são um espaço privilegiado, pois além de incentivar a produção dos estudantes, suas produções são valorizadas no momento em que são veiculadas. Com isso o acadêmico que experimenta as rotinas nas diferentes etapas da produção da notícia em uma redação de rádio universitária agrega conhecimentos que o capacita para vida profissional. (Fraga, 2019)

Nesse contexto, a Rádio Universitária 96,7 completou, em 2021, uma década de jornalismo, seja veiculando conteúdos de outras emissoras públicas, seja produzindo seu próprio material com a participação dos acadêmicos da UFPI, sendo

fundamental no processo de ensino-aprendizagem dos alunos de Comunicação desta instituição, mesmo contando com uma equipe efetiva reduzida. Durante esse tempo, centenas de alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí puderam experimentar suas habilidades por meio do radiojornalismo desenvolvido pela emissora. Muitos desses acadêmicos, atualmente profissionais, atuam em outras emissoras de rádio do estado e em diversos veículos de comunicação, tendo a rádio funcionado como trampolim para sua inserção no mercado de trabalho.

A esmagadora maioria dos professores das cadeiras mais teóricas trabalha de costas para as chamadas disciplinas práticas ou técnicas, e os titulares destas não refletem teoricamente sobre a prática. Isso cria, nas escolas de Comunicação, um abismo profundo, que pode mergulhá-las numa prática pobre ou, na melhor das hipóteses, aquém de suas possibilidades. Esse comportamento transfere-se também para a relação dos estudantes com os seus laboratórios, oferecendo um sério risco para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem (Spenthof, 1998, p. 164).

Assim como a desvalorização da parte técnica gera consequências negativas para o curso de Jornalismo, a supervalorização dos laboratórios em detrimento do estudo teórico não é menos prejudicial para a eficiência do curso (Spenthof, 1998).

Uma boa maneira de unir teoria e prática no curso de Jornalismo é oferecer aos alunos espaços laboratoriais, inclusive em rádio, sob a supervisão de um professor, para que oriente sobre como empregar a teoria no fazer jornalístico. Isso porque “Enquanto há muitas discussões sobre qual seria o melhor caminho para o ensino de Jornalismo no Brasil, o jornal-laboratório tem se mostrado uma maneira simples e eficaz de unir prática e teoria como muitas atividades não fazem.” (Martins, 2012, p. 93)

No caso da Rádio Universitária da UFPI, os alunos que estagiam na emissora são supervisionados por um professor do curso de Jornalismo, que atua como diretor da emissora, e por servidores técnicos da área, que oferecem suporte para que esses estudantes possam aprimorar suas competências profissionais no exercício das atividades na rádio.

Em um mercado de trabalho cada vez mais exigente e concorrido, um profissional de Jornalismo que consegue sair da universidade habilitado para desempenhar as mais diversas funções da profissão pode ter vantagens sobre aqueles que não alcançaram a mesma qualificação.

Os conteúdos voltados às práticas laboratoriais são os que precisam ser

constantemente revisitados com vistas à experimentação. De acordo com o exarado nas Diretrizes, as práticas laboratoriais desenvolvem conhecimentos e habilidades inerentes à profissão, a partir da aplicação de informações e valores. Os órgãos laboratoriais, numa concepção dinâmica, envolvem o conjunto da formação do jornalista, deixando de ser apenas prática técnica ou tecnicista, para se transformarem em aparato de aprendizagem integral (Lopes, 1989).

Ressalta-se que a produção laboratorial constitui um amplo campo para experimentos inovadores e de reflexão. Nesse sentido, os alunos devem ser capacitados e incentivados a testar novas linguagens e formatos, e não apenas a desempenhar papéis como meros reprodutores do que já existe. O curso deve prever esse espaço exatamente para isso. A importância do órgão laboratorial reside, principalmente, não apenas no fazer, mas na reflexão sobre o fazer. Essa crítica e análise da prática profissional contribuem para a articulação entre teoria e prática desenvolvida nos órgãos laboratoriais (Lopes, 1989).

Por se tratarem de espaços de ensino-aprendizagem, essas emissoras devem redobrar a atenção quanto ao conteúdo produzido, pois é evidente a transferência de conhecimento e os ganhos para a formação profissional dos acadêmicos que realizam atividades nesse ambiente, antecipando o contato do aluno com as exigências do mercado (Del Bianco, 2014).

Sendo um espaço laboratorial, a Rádio Universitária da UFPI funciona também como ambiente de experimentação de novas ideias e formatos de programas. Em decorrência da pandemia da COVID-19, a emissora inovou ao suspender toda a programação normal e adotar o jornalismo monotemático, com programas dedicados exclusivamente à pandemia. Isso possibilitou aos estagiários e à equipe efetiva da emissora a experiência de uma nova forma de se fazer jornalismo, com produção realizada em regime de home office e o uso intensivo de ferramentas tecnológicas.

Segundo De Lima e Raddatz (2001), por possuir linguagem simples, o rádio é o veículo de comunicação que mais facilita a compreensão dos estudantes. Uma rádio-escola, ou mesmo um laboratório de rádio, instiga nos acadêmicos o desenvolvimento de técnicas de oralidade e dicção. Os autores destacam ainda que diversos elementos podem ser aprendidos e aprimorados com o uso desse recurso: linguagem e técnica radiofônica, redação, locução, boletins, entrevistas, reportagens, trilhas sonoras, criação e produção de vinhetas, além de técnicas de edição de áudio.

No caso da Rádio Universitária da UFPI, os alunos que nela estagiam têm a

oportunidade de aprender, na prática, todos esses recursos. Aprendem as técnicas da linguagem radiofônica com a produção de textos radiofônicos (matérias, notas, boletins e outros) e desenvolvem habilidades de locução, apresentando programas, vinhetas e spots. São também treinados na edição de áudio e na condução dos mais diversos tipos de entrevistas.

De acordo com Lopes e Souza (2020), numa emissora comercial ou educativa, ou até mesmo numa rádio-laboratório com produção contínua e sistematizada, pode-se acompanhar e vivenciar a criação diária de pautas, atendimentos e apurações telefônicas, cumprimento de *deadline* e acompanhamento da equipe de reportagem na rua. Observamos que a complexidade dessas relações estabelecidas e o contato com uma variedade maior de fontes em seu cotidiano oferecem uma rotina e desafios distintos aos estudantes.

Leite *et al.* (2005) afirmam que as aulas práticas servem como estratégias que auxiliam o professor a retomar um assunto já abordado, construindo com os alunos uma nova visão sobre o tema trabalhado teoricamente. E para Scherer, Buriol e Pereira (2018), para que se exerça uma docência com qualidade, é fundamental que teoria e prática sejam articuladas de forma adequada. Para os autores, a teoria é essencial para compreender como determinada atividade deve acontecer, mas, sem praticá-la, o aluno pode apresentar dificuldades quando deparado com tal situação.

Ainda segundo os mesmos autores, as práticas dentro das disciplinas abrem caminhos para o discente buscar a participação em projetos de ensino e extensão, nos quais ele aperfeiçoa o que foi aprendido em aula e adquire novas experiências para a sua carreira.”. Consoante Pavan e Araújo, a experiência jornalística durante a formação do estudante de jornalismo é essencial na constituição do profissional consciente e articulado. A prática também permite que o aluno identifique a área com que se afeiçoa e se habitue à rotina de produção.

Conforme o professor Edson Spenthof (2010, p. 95), a metodologia de trabalho adotada na Rádio Universitária:

Aprofunda-se o rigor na tentativa de permitir ao estudante vivenciar o processo produtivo do Jornalismo no Rádio, porém de forma gradativa, começando pela redação de notas até assumir a edição e a locução. (...) Dada a natureza da atividade jornalística, a repetição também é considerada estratégia pedagógica determinante na aquisição das habilidades técnicas e na reflexão sobre as situações novas que essa prática continua a revelar por um bom tempo.

De acordo com Deus (2004, p.317):

A atividade laboratorial desenvolvida em uma rádio universitária pública prepara diferenciados profissionais de comunicação aptos ao intercâmbio de ideias políticas e sociais, abertos à pluralidade e capazes de executar um serviço voltado ao interesse educativo e cultural da sociedade. Dentro dessas emissoras, estes futuros profissionais terão uma visão democratizadora da comunicação, pois é permitido fazer, e somente neste espaço é possível um trabalho que deve estar voltado para a sociedade e não para o consumo da sociedade, como ocorre nos monopólios de comunicação detentores das emissoras comerciais.

São as rádios universitárias públicas que, como veículo de comunicação e laboratórios da formação dos alunos e repensar dos professores, possibilitam às universidades públicas cumprir de forma mais abrangente o seu papel social.

O cenário em que se analisa a formação em nível superior na área do jornalismo radiofônico deve considerar diversos fatores:

1. a rádio é, hoje, multiplataforma, existindo na sua versão hertziana, mas estendendo-se às plataformas móveis, redes sociais e sites;
2. em virtude dessa multiplicidade de formas de distribuição de conteúdos radiofônicos, o perfil dos profissionais sofre alterações;
3. as rotinas dos profissionais das rádios, especialmente dos jornalistas, são modificadas em seus processos e modos de produção.

Ortiz e Cuesta (2003, p. 40) defendem que o perfil dos profissionais de rádio já não pode se limitar à manipulação sonora das mensagens. Isso porque “é um jornalista polivalente, com formação superior e capacitado para elaborar conteúdos com textos, imagens e sons em vários suportes.”

Num cenário de profundas transformações nos meios de comunicação em geral, e na rádio em particular, crescem as responsabilidades de todos os envolvidos no processo formativo: profissionais, alunos e docentes. Como sublinha o pesquisador brasileiro Lourival Junior, “No tocante ao ensino do Jornalismo Radiofônico, o preparo dos estudantes aptos a encarar os desafios atuais exige, dos docentes, constante reavaliação e atualização dos conteúdos ministrados nas salas de aula e nos laboratórios” (Junior, 2015, p. 27).

No mesmo sentido, Maluly e Maciel (2014, p. 944) observam:

Pensar o ensino de rádio e de radiojornalismo na conjuntura atual, em que as seguidas mudanças tecnológicas têm reconfigurado incessantemente o mercado de trabalho, os conteúdos produzidos e o público, permanece como desafio cotidiano na agenda dos docentes, pesquisadores e profissionais da área. Num cenário ainda incerto, mas prenhe de possibilidades, a preocupação premente é consolidar o conhecimento teórico da área e auxiliar na construção de novos parâmetros e processos, sem desconsiderar, porém, a tradição e a história do meio e seu papel fundamental no desenvolvimento

do jornalismo ágil, cidadão e voltado para os interesses mais amplos da sociedade.

Os mesmos autores sublinham a existência de diretrizes para o ensino do jornalismo radiofônico, que podem ser resumidas da seguinte forma: 1. necessidade de continuar promovendo a interatividade, incorporando, para isso, ferramentas digitais; acesso e uso dessas ferramentas como instrumentos criativos.

Dito isso, fica evidenciada a importância de se articular a teoria estudada em sala de aula com a prática, e é aí que reside a relevância das emissoras universitárias no processo de formação dos acadêmicos que por elas passam, seja por meio de estágios, seja por meio das disciplinas do curso de Comunicação.

Além disso, deve-se reconhecer a importância das rádios universitárias das IES públicas no atendimento ao interesse público, pois uma de suas principais características é o reconhecimento da pluralidade cultural. Assim, atingem diferentes públicos, oferecendo uma programação voltada a distintos setores da sociedade. Dessa forma, as rádios universitárias não têm por objetivo satisfazer os interesses individuais de um grupo específico, mas, sim, promover a educação (Deus, 2003).

4.1 A Rádio Universitária da UFPI e seu papel na formação discente

A história da Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí (UFPI) é marcada também por uma trajetória de aprendizado, dedicação e contribuição dos alunos que passaram pela emissora. Ao longo dos anos, a Rádio Universitária se consolidou não apenas como um espaço de difusão de conhecimento e cultura, mas também como um ambiente formativo essencial para estudantes de Jornalismo e áreas afins. Muitos desses alunos tiveram a oportunidade de estagiar na emissora, vivenciando de perto as rotinas jornalísticas e adquirindo experiências que moldaram suas carreiras profissionais.

Os estágios na Rádio Universitária da UFPI representam mais do que uma simples atividade complementar à formação acadêmica. Constituem um mergulho prático no universo do rádio, no qual os estudantes aprendem a produzir conteúdo, redigir textos, conduzir entrevistas, operar equipamentos e, principalmente, compreender a dinâmica de uma redação jornalística. A emissora funciona como um laboratório vivo, onde teoria e prática se encontram, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades essenciais para atuar no mercado da comunicação.

A passagem dos alunos pela Rádio Universitária deixa um legado que ultrapassa as técnicas jornalísticas. Fortalece o vínculo entre universidade e

sociedade, contribuindo para a formação de profissionais mais conscientes e preparados para os desafios da comunicação. A história da emissora é, portanto, uma história de mão dupla: enquanto os alunos aprendem e crescem profissionalmente, a Rádio Universitária se consolida como espaço de referência, graças ao empenho e à dedicação de todos que por lá passaram.

Sobre a importância dos estágios em emissoras universitárias como a da UFPI, é necessário observar que, antes do surgimento dessas emissoras, o rádio já era considerado uma grande escola para os que desejavam seguir carreira na comunicação.

Desde seu surgimento, na década de 1920, o rádio sempre teve um caráter educativo, preservado até os dias atuais, embora não tão profundamente enraizado como em seus primórdios. A experiência de muitos comunicadores mostrou que o rádio possui qualidades educacionais superiores às de outras mídias (Rebeil, Alva & Rodríguez, 1991).

Para Alonso (2004), por possuir características exclusivamente sonoras, o rádio possibilita ao ouvinte uma forma de compreensão distinta da que se desenvolve na leitura de jornais. Essa "magia" do rádio, de permitir ao ouvinte imaginar o fato narrado ou a aparência do locutor que apresenta os programas, conferiu ao meio grande popularidade. Com essas qualidades, o rádio se consolidou como o meio de comunicação mais popular, tornando-se também um canal de educação — não apenas para os comunicadores, mas também para o público.

Como “o ouvido não pode deixar de ouvir”, o rádio influencia a percepção do ouvinte, colabora com sua imaginação no processo de compreensão, gera memórias e afeta comportamentos. Por isso se afirma que o rádio ensina por natureza, sendo um dos meios mais eficazes para a educação, ao permitir o acesso à instrução formal mesmo àqueles que não dispõem de um ambiente educacional (Huertas; Perona, 1999).

Grandes nomes da comunicação no Brasil e no Piauí iniciaram suas trajetórias no rádio, tornando-se referências não apenas nesse meio, mas também na televisão e nas mídias digitais. No Piauí, destacam-se nomes como Carlos Said, Dídimo de Castro, Joel Silva, Deoclécio Dantas e Alexandre Carvalho, comunicadores que aprenderam a profissão atuando em emissoras de rádio antes mesmo de o estado contar com cursos superiores em comunicação.

O primeiro curso de Comunicação do Piauí, o da Universidade Federal do Piauí, foi criado apenas em 1984. O segundo, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI),

suruiu em 2001, conforme explica Berti (2019, p.11):

O curso de Jornalismo mais antigo do Piauí é o da Universidade Federal do Piauí (UFPI), fundado no meio dos anos 80 do século passado. Por quase duas décadas, foi a única instituição a formar jornalistas no estado, por cerca de 40 por ano. Somente no início deste século foi que a UESPI fundou seus dois cursos (ainda em funcionamento). Em 2001, na capital do Piauí, campus Poeta Torquato Neto, e no ano seguinte, na cidade de Picos (a 307 quilômetros ao sul da capital). Anos depois, foram fundados os cursos de Comunicação Social – Jornalismo no então CEUT – Centro de Ensino Unificado de Teresina, atualmente controlado pelo grupo internacional Kroton, chamando-se Estácio CEUT. O outro curso de Jornalismo do Piauí é o da Faculdade Raimundo Sá, também na cidade de Picos. Por mais de dez anos, a Faculdade Santo Agostinho (também privada) manteve o curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, mas foi descontinuado devido às estratégias comerciais da instituição e à pouca procura de alunos.

Ainda conforme Berti (2019), entre os principais desafios do ensino de jornalismo estão as incertezas quanto ao futuro dos profissionais formados pelos cinco cursos ainda existentes no estado. Diante das crises econômicas e institucionais que impactam o setor, não há garantias de continuidade dos dois cursos mantidos por instituições privadas no Piauí. Tal constatação reforça a importância da manutenção e do fortalecimento dos cursos de Comunicação ofertados pelas instituições públicas. Ainda de acordo com o autor:

Entre as instituições de ensino de Jornalismo no estado há, em média, visto que os dados mudam quase que semanalmente, mais de 750 estudantes na área, sendo aproximadamente 300 na UESPI, nos campi da capital e do Sertão, aproximadamente 250 na UFPI, aproximadamente 100 na Estácio CEUT e aproximadamente 100 na Faculdade R. Sá. Forma-se no estado uma média de 200 jornalistas por ano, sendo que o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Piauí não registra mais de 100 novos jornalistas anualmente, o que mostra que ou metade dos formados não se sindicaliza ou não ingressa diretamente no mercado ou ainda atua de forma precária. Outro ponto é que algumas emissoras de TV do Piauí não aceitam que os profissionais se sindicalizem na área de Jornalismo, mas sim na de Radialismo. No estado, o piso salarial dos radialistas é inferior ao dos jornalistas (Berti, 2019, p.13).

Berti destaca ainda que outro grande desafio da academia é demonstrar ao mercado, especialmente ao televisivo e ao radiofônico — ainda marcados pela espetacularização —, que o ensino universitário pode ser um aliado, e não um antagonista. Nesse contexto, a Rádio Universitária da UFPI tem sido, ao longo de sua história, um espaço significativo para que os estudantes aprimorem os conhecimentos adquiridos no curso de Jornalismo, constituindo-se como uma grande escola para o ensino do radiojornalismo.

Apesar dos inúmeros desafios enfrentados pelas instituições de ensino superior e pelos cursos de Comunicação Social e Jornalismo, estudiosos da área reconhecem

a importância da universidade na formação dos profissionais da comunicação. Antes da existência dos cursos superiores, os comunicadores aprendiam no exercício cotidiano da profissão, sendo conhecidos como profissionais de “batente”, isto é, aqueles que aprendiam na prática, no exercício direto da função.

Para Lima (2009), não se pode questionar a contribuição que o ensino superior de Jornalismo trouxe ao mercado piauiense. O autor ressalta que, antes da criação dos cursos, os profissionais aprendiam observando a atuação de outros comunicadores, sem referências metodológicas ou técnicas bem definidas, baseando-se apenas no que “imaginavam ser correto”.

Na década de 80, o Piauí apresentava um vasto e complexo Sistema de Comunicação Social, que atingia mais de 60% do território piauiense: 23 estações de rádio AM e 1 FM, localizadas nas principais cidades do Estado; 2 emissoras de TV, 1 localizada em Teresina e outra em Timon, com programação voltada para Teresina; 20 agências privadas de publicidade localizadas em Teresina; 4 jornais diários produzidos em Teresina e distribuídos para as principais cidades do Estado. Além destes veículos, inúmeras revistas e informativos especializados eram produzidos por empresas públicas e privadas, órgãos trabalhistas, associações de bairro e comunitárias. Diante deste quadro, percebeu-se a necessidade de profissionalização do mercado de comunicação no Estado. Assim, a Universidade Federal do Piauí, juntamente com outras instituições, monta o projeto de criação do curso de comunicação social. A institucionalização do curso e a chegada dos recém-formados ao mercado transformam o modo de produção de jornalismo no Piauí (Lima, 2009, p.8).

Ainda de acordo com Lima (2009), é perceptível que o ensino de Jornalismo é imprescindível para caracterizar e aprimorar a própria prática exercida no mercado, sendo que as universidades desempenham papel fundamental tanto na formação profissional dos jornalistas quanto na formação cidadã.

Ao observar a evolução dos estagiários da Rádio Universitária da UFPI durante as rotinas produtivas na emissora, é possível constatar o quanto essa experiência tem feito a diferença em suas trajetórias profissionais. Diante do exposto, é possível afirmar que a emissora tem se constituído como um pilar fundamental na formação dos estudantes de Jornalismo, cumprindo um papel histórico e educativo que transcende a simples transmissão de conteúdo.

Nesse contexto, a Rádio Universitária da UFPI se destaca como um ambiente essencial de aprendizado, contribuindo para a formação de centenas de jornalistas que atualmente atuam no mercado de trabalho, seja no Piauí ou em outros estados do país. A emissora proporciona aos alunos a vivência prática de todas as etapas da produção jornalística em áudio, da apuração de fatos e redação de notícias à locução,

edição e operação técnica. Os estudantes experimentam o cotidiano de uma redação radiofônica, desenvolvendo habilidades técnicas e criativas indispensáveis à profissão. Essa vivência prática é complementada por uma reflexão crítica sobre o papel do jornalismo na sociedade, estimulando nos alunos a consciência ética e a responsabilidade social que devem orientar sua atuação profissional.

Além de formar profissionais qualificados, a Rádio Universitária tem contribuído de forma significativa para o aprimoramento do curso de Jornalismo da UFPI. Ao integrar teoria e prática, enriquece a formação acadêmica e proporciona aos discentes uma experiência concreta e dinâmica, que complementa os saberes desenvolvidos em sala de aula. Essa integração gera reflexos diretos na qualidade do ensino, preparando os estudantes para os desafios do mercado e fortalecendo a reputação do curso como um dos mais relevantes da região.

Ao longo dos anos, a Rádio Universitária da UFPI tem sido um verdadeiro celeiro de talentos, contribuindo para a formação de profissionais que hoje atuam em veículos de comunicação, assessorias de imprensa, agências públicas e privadas, entre outros espaços. Esses jornalistas, que iniciaram sua prática profissional na Rádio Universitária, levam consigo não apenas as competências técnicas adquiridas, mas também os valores de pluralidade, ética e compromisso com a verdade cultivados no ambiente universitário.

Foto 18 – Bolsistas da Rádio Kamila Saraiva e Caio Brandão



Fonte: Arquivo da rádio Universitária

Kamila Saraiva, ao lado de Caio Brandão, nos estúdios da Rádio Universitária.

Ambos eram bolsistas da emissora. Em outra imagem, Kamila aparece na TV Clube.

A jornalista Kamila Saraiva é atualmente produtora da TV Clube. Iniciou suas atividades na Rádio Universitária em 2015, ainda no primeiro período do curso, por indicação, numa época em que não era exigida seleção para estagiar na emissora.

Kamila relata os inúmeros aprendizados obtidos durante o período em que estagiou na rádio da UFPI:

Na rádio universitária aprendi a ter uma listagem de contatos e a me manter atenta aos noticiários. Durante quatro anos estive de segunda à sexta-feira cumprindo a carga horária de produção nos intervalos das minhas aulas, essa rotina contribuiu para que eu ter um network com as assessorias e órgãos, já saí para o mercado de trabalho entendendo as rotinas produtivas para adaptar em outros meios”. (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Kamila reconhece que o estágio contribuiu significativamente para sua formação enquanto jornalista. Destaca ainda o apoio dos servidores da rádio, o que facilitou o uso dos equipamentos para gravação de sonoras e realização de entrevistas. Entre as competências desenvolvidas, menciona a ética jornalística, os critérios de noticiabilidade e a manutenção das fontes como aliadas no processo de apuração. Embora considere o estágio essencial para sua formação e inserção no mercado, acredita que a realização de mais projetos e campanhas que estimulem a interação com o público poderia ser aprimorada na emissora.

Outro exemplo de protagonismo estudantil na emissora é a jornalista Ilrianny Araújo.

Foto 19- Estudante/bolsista Ilrianny Araújo nos estúdios da Rádio Universitária



Fonte: Arquivo da rádio universitária.

Ilrianny Araújo atua atualmente na Rádio Clube de Teresina. Iniciou suas atividades na emissora da UFPI em 2017:

Sempre gostei de rádio. Quando comecei o curso de Jornalismo na UFPI, me

interessei em estagiar na FM Universitária, mas não sabia como ingressar. Uma colega do curso me informou que estavam precisando de equipe para a produção do programa *Música e Notícia*. Fui conhecer a rotina, conversei com o diretor da rádio, professor Paulo Fernando, passei por um teste e fui efetivada na produção (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Ela relata ter participado de todas as etapas de produção: elaboração de pautas, redação para rádio, entrevistas, matérias e entradas ao vivo como repórter. Ressalta que a prática laboratorial proporcionada pelo curso, por meio da rádio, contribui para a formação do jornalista ao permitir o aprendizado integral de todo o processo radiojornalístico — da redação à locução.

Afirma que o estágio na rádio lhe proporcionou base sólida, aliando teoria e prática. Destaca ainda a importância da supervisão do diretor e da equipe técnica da emissora, essencial para a correção de erros e para o esclarecimento de dúvidas. “A rádio foi importante para o meu aprendizado, mas também em outros aspectos, me ajudou a adquirir confiança profissional. hoje trabalho uma empresa de comunicação na parte de rádio” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024). Para aprimorar ainda mais o processo formativo, Ilrianny defende que os estudantes tenham oportunidade de atuar em todas as etapas: produção, reportagem e apresentação.

Outro exemplo é o jornalista Caio Rabelo, que começou a estagiar na Rádio Universitária da UFPI em 2017 e permaneceu por dois anos. Ele relata que, após cursar a disciplina prática de rádio, passou a se interessar mais pelo meio e recebeu o convite do professor Paulo Fernando para integrar a equipe.

Durante o período em que foi bolsista da emissora, aprendeu todas as etapas da apuração, produção e edição de matérias: “Na minha experiência, primeiro recebíamos a pauta e na sequência já começava a apuração, entrevistas com fontes, produção dos offs e edição. A matéria era revisada antes para ir ao ar” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Para Caio Rabelo, essa supervisão proporciona mais segurança e contribui para a construção do conhecimento. Ele observa que o estudante ingressa na emissora ainda em formação e, portanto, com muitas dúvidas sobre a execução das atividades.

Afirma, por fim, que o estágio na Rádio Universitária da UFPI teve papel essencial em sua formação profissional:

Hoje trabalho com rádio. O estágio me permitiu ter noção de como funciona o dia a dia da redação. Conhecer o formato e a forma de produzir para o rádio. Além disso a parte técnica, com edição e a mesa de áudio. Hoje

trabalho com a mesa de áudio, o programa de edição é o mesmo e a parte de trabalho em equipe e produção são parecidos (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Caio Rabelo acrescenta que a experiência na rádio universitária foi fundamental para que esteja atuando atualmente em uma emissora. Disse que “quando passei pela entrevista para integrar a equipe da rádio que atuo foi perguntado se tinha experiência na área e ajudou na minha contratação” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Para que essa experiência na rádio Universitária seja ainda mais aproveitada, o ex-estagiário acredita que é necessário que haja uma ampliação tanto de equipe profissional, quanto espaço físico e de equipamentos. Para ele quanto mais gente com experiência e material de trabalho de qualidade, melhor vai ser para o estudante absorver os conhecimentos.

Ainda ilustrando nossas informações sobre a formação de profissionais, o Jornalista Eliezer Rodrigues atua (no período desta entrevista) na TV Antena 10 e iniciou na emissora da UFPI no ano de 2013, como aluno da disciplina de rádio, atuando no programa “repórter Cigarra” que fazia parte das atividades práticas da disciplina. “A gente aprendeu locução, edição, montagem de roteiros, reportagens, exibição todas essas etapas que fazem parte da produção de rádio a gente teve a oportunidade de vivenciar” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

O jornalista Eliezer Rodrigues acrescenta:

Esse estágio foi fundamental, eu comecei como aluno da disciplina, depois me tornei voluntário da rádio e depois consegui uma bolsa. Para um aluno iniciante a estrutura da rádio é extraordinária, é uma escola exemplar que dar para você aprender o básico com qualidade. Então eu não me arrependo nenhum dia do que eu me dediquei a rádio universitária, tanto que quando me apresentei ao mercado, sei o que eu faço, pois eu sei fazer, pois eu aprendi errando na rádio Universitária, sendo fundamental para mim até hoje (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Para Eliezer Rodrigues, a supervisão dos servidores da rádio e do diretor da emissora que era um professor do curso foi indispensável, ele explica que o aluno iniciante é inseguro e inexperiente e precisa de alguém mais maduro e a correção feita pelos supervisores foi fundamental para seu aprendizado.

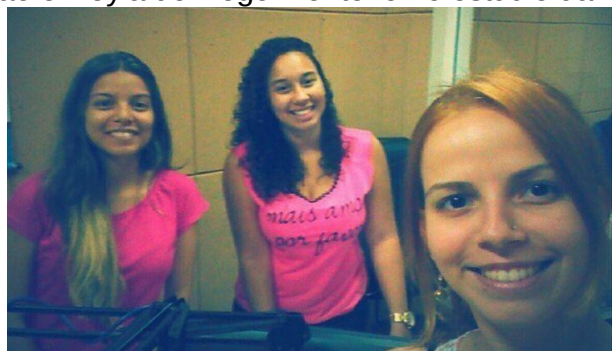
Em relação ao que precisa ser melhorado no ensino-aprendizagem que ocorre na rádio da UFPI, Eliezer Rodrigues afirma que sempre é possível melhorar e aprimorar, mas considera o trabalho desenvolvido pela emissora bastante satisfatório. Ele acrescenta que várias práticas que aprendeu na rádio universitária ele executa no veículo de comunicação em que atua, como texto, edição, o tipo de conteúdo que

repercute mais na opinião pública, seleção de recortes. Assim, considera que a sua passagem pela rádio universitária abriu portas para o mercado de trabalho pois permitiu que ele saísse do curso com mais experiência.

Também observamos na rádio o espaço para o protagonismo feminino, como o exemplo a Jornalista Ananda Omati, que ingressou na Rádio Universitária no ano de 2014 e é mais um exemplo ex-estagiária da rádio da UFPI bem-sucedida no mercado de trabalho. Ananda Omati afirma:

Dentro da universidade, a rádio se mostrou um espaço para que pudéssemos praticar e aprender sobre as dinâmicas do jornalismo. Era um apoio prático e profissional dentro da UFPI, que me ajudou na minha inserção ao mercado de trabalho. Além do conhecimento adquirido, abriu caminhos para que eu pudesse conhecer e ter experiência em outras redações. A rádio FM Universitária por si só era esse espaço de ganho de experiência (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Foto 20 - Equipe do Programa Universitária Esportiva, Ananda Omati ao lado de Pâmela Maranhão e Neyla do Rego Monteiro no estúdio da rádio Universitária



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Ananda Omati relata que aprendeu diversas práticas na Rádio Universitária da UFPI, entre elas: roteirização, locução, edição, produção, reportagem, escrita e outras habilidades jornalísticas, como relacionamento com as fontes, criatividade, liderança e trabalho em equipe. Grata pela oportunidade de estagiar na emissora, pontua que “Tudo o que sou devo primeiramente à Rádio FM Universitária, ao trabalho em equipe e à convivência diária, que, segundo ela, também a orientou no desenvolvimento pessoal e social” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Para Ananda Omati, a rádio universitária foi uma aliada na aplicação dos conhecimentos teóricos da universidade. A supervisão dos servidores e do diretor da emissora a tornou mais comprometida com os princípios do jornalismo. Ela completa dizendo que, por meio desses aprendizados, ampliou sua visão profissional.

Ananda acredita que, para que o ambiente laboratorial da Rádio Universitária

da UFPI se torne ainda mais efetivo para os alunos, seria necessário oferecer um número maior de bolsas para estagiários e voluntários que participam das ações da emissora. Ela expressa sua gratidão à rádio e afirma que, no veículo de comunicação onde atua, aplica as habilidades desenvolvidas durante o estágio na UFPI.

Assim como ela, Neyla do Rego Monteiro fez história na emissora com sua atuação no programa Universitária Esportiva. Ademais, integra a equipe do grupo Cidade Verde. Sua trajetória profissional começou na Rádio Universitária da UFPI em 2011, ano em que a emissora passou a operar com programas experimentais desenvolvidos por alunos do curso de Comunicação.

Neyla foi uma das primeiras alunas a participar do projeto e relembra: “Na época, a rádio havia iniciado programas experimentais, com projetos apresentados à diretoria. Um dos aprovados foi o de um programa de esporte, e acabei ingressando a convite da responsável pelo projeto” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Durante sua passagem pela emissora, a jornalista desempenhou diversas funções: produtora, apresentadora, comentarista, repórter e auxiliar na coordenação de reportagens. Essa experiência múltipla foi essencial para seu crescimento profissional. Ela destaca que, embora não fosse uma prática laboratorial formal, o ambiente funcionava como um estágio de grande responsabilidade, contribuindo para sua formação e sua atuação em diferentes áreas do jornalismo:

Lá foi a escola para minha formação profissional. Também serviu como porta de entrada para o mercado, com o trabalho desenvolvido sendo reconhecido por grandes veículos de comunicação do Piauí e proporcionando contatos para outras experiências e empregos (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Ela acrescenta que as atividades desenvolvidas na rádio a capacitaram para assumir diversas funções no mercado. Isso porque “As atividades exercidas na rádio me ajudaram a assumir diferentes funções e me prepararam para atuar em pelo menos quatro áreas do jornalismo” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Neyla também reconhece o papel dos profissionais e do diretor da emissora em seu crescimento, destacando o suporte e a troca de experiências que recebeu. Contudo, sugere que a Rádio Universitária poderia ampliar as oportunidades aos alunos, “uma maior liberdade para a criação de programas e conteúdos únicos permitiria que os profissionais apresentassem produtos inovadores, com potencial para transformar e fortalecer o jornalismo e a imprensa do Estado” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Neyla atua como apresentadora, produtora de rádio, editora de áudios e produtora jornalística em TV — competências adquiridas durante o estágio na Rádio Universitária. Ela reforça que a experiência na rádio foi crucial para sua inserção no mercado e abriu portas para suas primeiras oportunidades profissionais. Para Neyla, a Rádio Universitária foi uma verdadeira escola, preparando-a para múltiplas funções no jornalismo e tornando-se um diferencial em sua carreira (Foto 21).

Foto 21 - Estúdio da emissora montada no Salão do Livro Piauí



Fonte: Arquivo rádio Universitária.

Outro nome de destaque é o do jornalista Natanael Sousa. Com passagens por diversos veículos de comunicação, incluindo emissoras de rádio, e trabalhando no Sistema O Dia de Comunicação, Natanael afirma que iniciou na emissora da UFPI em 2014, após convite dos jornalistas Rodrigo Carvalho, Viviane Gama e do então diretor da rádio, Paulo Fernando de Carvalho Lopes, para integrar a equipe que estruturou o Jornal da Universitária, programa que ainda hoje está no ar.

Foto 22 - Natanael Sousa



Fonte: Arquivo da rádio Universitária.

Natanael (Foto 22) relata que, durante sua passagem pela rádio, teve a oportunidade de atuar em várias funções jornalísticas, como produção, reportagem e apresentação. Ele também exerceu o cargo de editor-chefe do Jornal da Universitária entre 2015 e 2017.

A Rádio Universitária é o ambiente, dentro do curso de Jornalismo da UFPI, que mais se aproxima da dinâmica do mercado de trabalho. Os estúdios e demais espaços da emissora não são inferiores aos utilizados por outros veículos de comunicação da cidade. Além disso, tive a oportunidade de produzir pautas externas e participar de grandes coberturas, como a visita de autoridades (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Natanael Sousa acrescenta que, durante o estágio na FM Universitária, aprendeu a construir um bom texto jornalístico para rádio e TV, além de desenvolver habilidades de comando e gestão, que ainda hoje aplica em sua atuação profissional. Para ele, estagiar na Rádio Universitária foi fundamental para sua formação, pois possibilitou a vivência de rotinas produtivas e o preparou para os desafios do mercado.

Afirma que foi graças às atividades realizadas na emissora que compreendeu o funcionamento de uma redação, o que fez grande diferença em suas experiências posteriores. “Todas as oportunidades de emprego que consegui foram através do meu trabalho na Rádio Universitária. Através da minha passagem pela rádio, fiquei conhecido no meio jornalístico de Teresina” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Ainda de acordo com Natanael Sousa:

A supervisão do professor Paulo Fernando de Carvalho foi fundamental para garantir o funcionamento e a dinâmica da rádio Universitária, nos anos em que fiz parte da emissora. A gestão conseguiu conquistar alguns avanços importantes, que possibilitaram um melhor aproveitamento do estágio. A participação de servidores efetivos da casa, como Rodrigo Carvalho, Adriano Lima e Ricardo Sousa, também foi de fundamental importância para garantir um bom funcionamento das atividades (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Apesar de considerar extremamente relevante sua passagem pela emissora da UFPI, Natanael avalia que maiores investimentos em equipamentos, melhorias na estrutura física e valorização dos estagiários (por meio de reajuste das bolsas) seriam fundamentais para aprimorar ainda mais a experiência formativa.

Outro nome de destaque é o jornalista Roberto Araújo, que iniciou sua trajetória na rádio universitária antes mesmo de firmar vínculo como estagiário, ao participar de um projeto de pesquisa em 2013, ainda no primeiro período do curso. Foi nesse contexto que passou a integrar programas da emissora, começando pelo Som

Diferente e depois outros.

Eu comecei em um projeto de pesquisa ainda no 1º período sobre a história da rádio universitária. Com esse processo de fazer o levantamento de informações, de pesquisa, de contato com os funcionários e outros estudantes que estagiavam na rádio, surgiu a oportunidade de ajudar com um Quadro do programa Som Diferente. E a partir daí, fui participando de outros projetos. Integrei a primeira equipe do Jornal da Universitária e foi onde permaneci por mais tempo (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Roberto Araújo relata que, durante sua passagem pela rádio da UFPI, teve a oportunidade de desenvolver diversas práticas do radiojornalismo, como produção, apuração, edição, locução, reportagem (gravada e ao vivo), além de atividades de gerenciamento de equipe, organização de demandas, sistematização do processo de produção e definição de pautas.

Foto 23 - Roberto Araújo no estúdio da Rádio Universitária



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Para ele, a experiência contribuiu significativamente para sua formação profissional, tanto nos aspectos técnicos quanto no desenvolvimento de contatos com fontes e outros profissionais da área. Roberto observa:

Da experiência que tive, é um contato muito próximo do que o mercado exige. No aspecto técnico, é possível ter contato com todas as etapas de produção, com a premissa de que se trata de uma rádio universitária, ou seja, com características do jornalismo público e levando em conta situações do mundo da universidade, onde se há uma proximidade de temas diversos relativos à ciência e tecnologia e outros temas debatidos no contexto acadêmico (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Continua pontuando que foi na Rádio Universitária que ele aprendeu, tecnicamente, todas as etapas de produção no radiojornalismo, o que também o ajudou a exercer a profissão em outros meios e plataformas. Destaca que a emissora permitiu construir uma rede de contatos profissionais, tanto com fontes externas quanto com professores e colegas da universidade. Essa aproximação contribuiu para

uma visão mais crítica dos temas abordados, tornando seu olhar jornalístico mais atento às demandas sociais.

A supervisão do diretor da rádio, que também era professor do curso, foi fundamental para que ele compreendesse a responsabilidade envolvida na produção de conteúdo. Ressalta que sempre houve cuidado com a linguagem radiofônica e que as pautas eram orientadas por critérios de noticiabilidade e responsabilidade social. O olhar atento do diretor, segundo ele, influenciava diretamente toda a equipe da rádio.

Ao refletir sobre o que poderia ser aprimorado, Roberto aponta a necessidade de um maior entrosamento entre a rádio e o curso de Jornalismo. Explica que, embora a equipe da rádio fosse composta majoritariamente por estudantes, as experiências nas disciplinas ainda eram limitadas. Apesar disso, reconhece que o circuito da rádio otimiza o aprendizado dos participantes e que, mesmo nas disciplinas com menor integração, há amplas possibilidades de participação em outros projetos.

Roberto Araújo afirma, por fim, que diversas competências adquiridas na Rádio Universitária são aplicadas em sua atuação, como apuração, elaboração de texto jornalístico, edição e relacionamento com fontes. Por isso, considera que o estágio na emissora foi determinante para sua entrada no mercado de trabalho.

Sem sombra de dúvidas. A maior parte do tempo que estive como estudante do curso de jornalismo na UFPI, atuei como estagiário na rádio universitária. Com experiência na rádio, quando fui para um estágio fora de lá, já tinha uma boa bagagem para atuação no mercado. Além disso, você passa a ter contato com outros repórteres, assessores e jornalistas em geral que passam a conhecer o seu trabalho. A rádio universitária também passa a ser uma vitrine de novos talentos, e com expertise que quem passa por lá aprende, passa a ser uma boa referência profissional no mercado (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

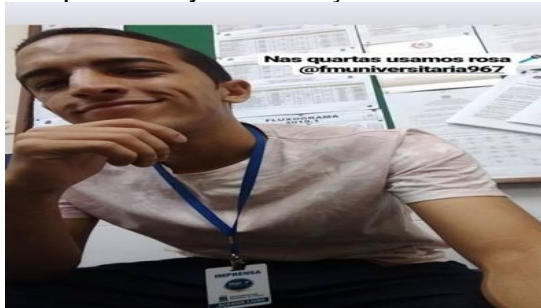
O jornalista Ezequiel Araújo trabalha no Sistema O Dia de Comunicação e iniciou sua trajetória na emissora da UFPI em 2019. Ele relata que a FM Universitária lhe proporcionou a primeira oportunidade de estágio e recorda que precisou passar por um processo seletivo para ingressar na emissora. “Foi um processo bem tranquilo e enriquecedor, onde eu pude aprender diversos procedimentos, principalmente na área do radiojornalismo” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Ezequiel relata ter aprendido inúmeras habilidades como estagiário da Rádio Universitária, desde pesquisa e apuração até elaboração de pautas, locução e apresentação, todas relacionadas às práticas do radiojornalismo. Ao lembrar as atividades que desempenhou na emissora da UFPI, destaca a relevância dessa

experiência para sua carreira: “Eu considero que eu não seria a metade do que eu sou hoje como profissional se não tivesse passado pela rádio Universitária” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024).

Ele acrescenta que a Rádio Universitária foi sua porta de entrada para o mercado de trabalho e define sua passagem pela emissora como um divisor de águas em sua vida. Ezequiel também destaca a importância da supervisão dos profissionais e da direção da rádio para seu aprendizado. “O momento de errar é no estágio e você ter um supervisor ali é de extrema importância para lapidar o que você tá aprendendo. Tudo que aprendi na FM Universitária utilizo na TV que trabalho” (Rodrigues, informação verbal, nov. 2024). Sobre possíveis melhorias no estágio da emissora, Ezequiel sugere a ampliação das opções de turnos e a criação de oportunidades aos finais de semana.

Foto 24 - Ezequiel Araújo na redação da Rádio Universitária



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

4.1.2 A Rádio Universitária da UFPI: um espaço de oportunidades e diversidade profissional

Ao longo de sua história, a Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí (UFPI), além de funcionar como laboratório para os estudantes, também tem oferecido oportunidades para profissionais de diversas áreas. É um ambiente de aprendizado e experimentação para os alunos do curso de Comunicação e, simultaneamente, local de trabalho para muitos profissionais — sejam terceirizados, prestadores de serviço ou servidores efetivos.

Entre os nomes que marcaram a história da rádio destacam-se os servidores Ricardo Sousa e Adriano Lima. Ricardo, com sua expertise técnica, atua como operador de som, assegurando a qualidade das transmissões. Adriano, como programador musical, é o responsável por selecionar e organizar o repertório da emissora, refletindo a diversidade musical e cultural que ela promove.

Também é importante lembrar de profissionais que atuaram nos primeiros anos da emissora, como Maria de Lourdes Oliveira Cruz, a primeira recepcionista, que teve papel essencial no atendimento ao público e na organização interna. Após ela, ocuparam a função nomes como Luciana Matos, João Dantas, Fabrícia Gomes e, mais recentemente, Seu Ibiapina. João do Som, operador técnico, também merece destaque por sua contribuição na manutenção e operação dos equipamentos. Outro nome marcante foi o locutor Sérgio Holom, cuja voz tornou-se referência para os ouvintes da rádio.

Em uma de suas fases, a emissora contou ainda com jornalistas consagrados no mercado, como Elenita Karla e Solfiere Markan, que realizaram um trabalho notável na supervisão dos programas, além Rubens de Figueiredo, responsável por parte da programação musical e apresentador de programas da casa.

A trajetória da Rádio Universitária também é composta por profissionais que, embora atuem em funções menos visíveis, são essenciais ao seu funcionamento. Augusto César, carinhosamente conhecido como "El Cambut Demiqueira", e Seu Raimundo, que ainda hoje integra a equipe da rádio, são exemplos de dedicação. Aílton, conhecido como Cebola, foi o responsável por colocar a emissora no ar. Também são lembrados nomes como Chiquinho Sousa, responsável pela instalação do sinal da rádio, e Renato Basílio, primeiro programador musical — ambos já falecidos.

Além desses nomes, muitos outros profissionais contribuíram e continuam contribuindo para a construção da identidade da Rádio Universitária da UFPI. Com suas habilidades e experiências, ajudaram a consolidar a emissora como uma referência no mercado da comunicação e entre o público, graças à produção de conteúdos de qualidade. A seguir, depoimentos de profissionais que atuaram ou atuam na rádio e que marcaram sua história.

Ao longo da história da emissora, poucas pessoas contribuíram tanto para seu sucesso e manutenção quanto o servidor Ricardo Sousa, técnico em som, considerado um dos pilares da rádio. Ricardo (Foto 25) é o funcionário mais antigo em atividade e relata como começou sua trajetória na FM Universitária: “Eu fui lá pra rádio a convite do Renato Basílio, que foi meu diretor na FM Cultura, rádio da prefeitura de Teresina, onde eu era concursado na época” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Foto 25 - Servidor Ricardo Sousa



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Tempos depois, Ricardo deixou a FM Cultura e passou a integrar o projeto da Rádio FM Universitária com o professor Paulo Vilhena. “Ele me convidou pra dar assessoria, pois já havia implantado o mesmo sistema na Rádio FM Cultura de Teresina. Então, fui ajudá-lo na implantação do sistema de automação da rádio, se não me engano, no final de 2012 para 2013.” Afirma:

No início, a rádio ainda estava em fase de estruturação. Ricardo relembra:

Nesse início, a Rádio FM Universitária funcionava na casa dos transmissores dela. O PC ficava lá, ligado a um pequeno console de áudio conectado ao transmissor com a programação musical. Lembro que eram dois computadores: enquanto um tocava na semana, o outro ia pra casa do Renatinho Basilio que foi o primeiro programado musical da rádio, onde iniciávamos a construção do acervo da rádio, hoje com mais de 100 mil arquivos musicais (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Esse trabalho minucioso foi essencial para consolidar a identidade sonora da emissora, que se tornaria referência em programação musical e jornalística. Ricardo também destaca a importância da parceria com a empresa Radiotel, especializada em radiodifusão:

Nessa época, se não me engano, foi quando surgiu o primeiro contrato de prestação de serviço de manutenção preventiva e corretiva da rádio. A empresa Radiotel, do técnico em radiodifusão Chiquinho, meu pai que era referência na época por já ter montado mais de 100 emissoras AM e FM na capital Teresina e em todo o estado do PI, MA e CE, foi a vencedora por ser autorizada no transmissor Seratel, importado da Espanha, o qual a rádio utilizava. Prestei serviço para a referida empresa como operador de áudio e essa experiência técnica foi fundamental para garantir a qualidade e a estabilidade das transmissões da Rádio Universitária (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Em 2014, um novo capítulo teve início com a aprovação de Ricardo em

concurso público da UFPI:

Já em 2014, surgiu o edital de um concurso geral para a UFPI, onde havia vagas para técnico em som, programador e locutor para rádio. De pronto, me inscrevi e passei em primeiro lugar geral para o cargo de técnico em som, cargo no qual completei 10 anos agora no dia 05 de dezembro de 2023 (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Para ele, trabalhar na Rádio Universitária é mais que um emprego: é uma missão.

Trabalhar na FM Universitária é muito bom. Temos um ambiente saudável, onde o companheirismo é muito forte. Sempre desempenhamos nosso trabalho com o maior afinco possível, e é sempre um novo desafio com a rotatividade dos alunos e estagiários que passam pela rádio, que é uma verdadeira sala de aula, um laboratório prático do curso de Comunicação Social da UFPI. (informações verbais).

Além de suas funções técnicas, Ricardo também atua como mentor, treinando e orientando estudante. Ele completa:

Contribuímos também no ensino, no treinamento dos alunos e estagiários que por lá passam e já passaram, na pesquisa e na extensão. É muito gratificante ver alunos que já passaram pela Rádio FM Universitária nos grandes meios de comunicação do estado, como apresentadores, locutores, redatores, produtores e assessores de comunicação nos mais variados órgãos públicos e privados (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Adriano Lima chegou à Rádio Universitária em 2015, após aprovação em concurso público, trazendo consigo uma bagagem sólida em radiodifusão. Ele relembra:

Eu comecei na rádio em setembro de 2015, proveniente de concurso público. Já tinha tido experiências em outras emissoras de rádio, como a Antena 10 e a Meio Norte, como operador de áudio, sonoplasta e editor. Na UFPI, assumi o cargo de programador de rádio e TV, que engloba a parte da programação musical e dos programas. Tudo isso faz parte da minha função: selecionar músicas, conteúdo para a rádio, spots e até mesmo avaliar a veiculação de programas para saber se eles se enquadram no perfil editorial da rádio (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Desde então, Adriano tem sido um dos responsáveis por moldar a identidade sonora da Rádio Universitária, garantindo que a programação reflita os valores e a missão da emissora. Ele destaca a importância da música piauiense e dos programas informativos na grade da rádio da UFPI:

Na programação da rádio, é muito valorizada a música piauiense, e os programas são voltados para informação, principalmente os jornalísticos. Ajudamos também na questão de temas e homenagens, selecionando músicas que se conectem com o público e com o momento (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Para Adriano (Foto 26), trabalhar na Rádio Universitária é uma experiência enriquecedora. Ele destaca: “Trabalhar na rádio é muito satisfatório, pois podemos desenvolver, pesquisar e levar ao público a melhor qualidade de programação. Como não temos a preocupação com audiência, como as emissoras comerciais, temos o cuidado de oferecer uma programação de qualidade.” Essa liberdade criativa permite à Rádio Universitária explorar conteúdos diversificados, sempre com foco no interesse público e na formação dos ouvintes.

Foto 26 - Servidor Adriano Lima



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Ao completar 10 anos na emissora, Adriano reflete sobre sua trajetória:

Completo 10 anos na rádio agora, e pra mim tem sido um aprendizado maravilhoso. Trouxe o que aprendi nas outras emissoras e ajudo os bolsistas com espelhos e edições de programas produzidos por nós e os de fora da EBC. Sempre preocupado em oferecer ao ouvinte o que ele gosta de ouvir, com qualidade (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

A passagem do servidor Justino Barbosa começou antes da inauguração oficial da rádio, quando ainda era apenas um projeto em construção. Desde o início, Justino foi convidado pelo professor Luís Júnior para auxiliar o professor Paulo Vilhena, primeiro diretor da emissora, durante a implantação. Ele acompanhou a instalação dos transmissores e, após essa etapa, continuou colaborando com os técnicos, assegurando o bom funcionamento para o dia da inauguração.

No dia da cerimônia, um fato curioso marcou a história da rádio. Segundo Justino Barbosa (Foto 27), os técnicos administrativos da UFPI estavam em greve e tentaram impedir a inauguração. Na ocasião, estavam presentes autoridades como o

reitor da UFPI, o reitor da Universidade de Coimbra, políticos e outras figuras da sociedade. Justino, que já atuava no sindicato dos técnicos administrativos, teve papel crucial ao intervir e convencer o comando de greve a permitir o evento. Graças à sua mediação, a inauguração aconteceu como planejado.

Foto 27 - Justino Barbosa



Fonte: Arquivo pessoal de Justino Barbosa.

Com a rádio em funcionamento, Justino assumiu os cargos de secretário administrativo e chefe da unidade de manutenção, funções criadas especialmente para ele. Suas atribuições eram predominantemente administrativas: redação de documentos, gestão de materiais, resolução de questões financeiras e controle do expediente. Paralelamente, manteve-se atuante no sindicato, conciliando múltiplas responsabilidades.

Um de seus maiores orgulhos foi chefiar, por um ano, a comissão de licitação de obras da universidade. Ele destaca que foi responsável pela licitação do prédio da rádio, um marco tanto para sua carreira quanto para a história da emissora. Em 2013, após anos de contribuição à UFPI, Justino aposentou-se e se desligou da rádio: “Em 2013 me aposentei e afastei da rádio, foi um prazer trabalhar com o Paulo Vilhena e com os demais colegas foi uma experiência muito boa pra mim” afirma (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

João Gualberto, mais conhecido como João do Som (Foto 28), também é lembrado como figura emblemática da Rádio Universitária. Como um dos primeiros funcionários da emissora, teve papel crucial no funcionamento técnico. Ele relembra: “No final de 2009 pra 2010, através do professor Nenê Monteiro, eu conheci o diretor da rádio Paulo Vilhena e conheci também o reitor Luís Junior, e aí começamos a construção de colocar a FM Universitária no ar” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Foto 28 - João do som



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

João recorda que, quando chegou, havia apenas o projeto da rádio, e enfrentaram muitas dificuldades para colocá-la no ar. Inicialmente, não havia sede apropriada, e o local disponível era inadequado por causa do barulho dos transmissores. Com o apoio do professor Paulo Vilhena e de Renato Basílio, as transmissões foram iniciadas. A professora Jackeline Dourado, segundo João, cedeu uma sala provisória para que a equipe pudesse trabalhar, principalmente para viabilizar a transmissão da Voz do Brasil e dos programas eleitorais, missão prioritária de João naquela fase.

Ele relata ainda que, após a montagem da sede, a manutenção da rádio era feita por uma empresa externa, a Saratel, mas o processo era complicado. Por isso, sugeriu ao reitor Luís Junior a contratação de Seu Chiquinho Sousa, profissional experiente em instalação e manutenção de emissoras, para prestar os serviços na FM Universitária.

João do Som, também conhecido como “o homem da Voz do Brasil” na UFPI, é lembrado por seu carisma e suas histórias marcantes. Ele descreve com carinho o tempo que passou na rádio: “Quando eu lembro da rádio, lembro de pessoas maravilhosas que fizeram parte dessa história. A emissora é uma grande família que me orgulha ter feito parte” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

A trajetória de Rubens de Figueiredo (Foto 29), ou Rubinho, também é marcante na história da Rádio Universitária da UFPI. Com sua expertise musical e sensibilidade artística, deixou um legado importante para a identidade musical da emissora.

Após o falecimento de Renato Basílio, figura relevante na programação da rádio, Rubinho assumiu, ao lado de Ricardo Sousa, a função de programador musical.

Sua atuação foi caracterizada por uma curadoria criteriosa e variada, oferecendo aos ouvintes estilos musicais afinados e diferenciados. Seu conhecimento profundo em música permitia explorar desde clássicos até produções contemporâneas e independentes, sempre atento à qualidade e originalidade.

Foto 29 - Rubens de Figueiredo



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Ele conta como ingressou na rádio: “À época o diretor era o Paulo Vilhena e o programador Renato Basílio, e meu tio, Justino Barbosa, funcionário da UFPI, trabalhava na reitoria e ajudou a montar a rádio, basicamente. Então entrei nesse clima inaugural” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Um dos pontos altos de sua contribuição foi a criação do programa O Som Diferente, que se tornou referência entre os ouvintes interessados em boa música. O programa se destacava por fugir do repertório convencional e valorizar artistas e gêneros pouco explorados pelas rádios comerciais. Alinhado ao *slogan* da emissora, “valorização do bom gosto”, o programa oferecia ao público uma alternativa qualificada e sensível.

Rubens de Figueiredo (Foto 30) descreve como desenvolveu seu trabalho:

Cheguei a ser programador após o falecimento de Renatinho e em seguida fiz um programa chamado Sempre MPB, onde eu criava textos e resenhas musicais, de acordo com o artista aniversariante aí veio a oportunidade de fazer um programa exclusivo, que batizei de Som Diferente, onde tive a experiência de entrevistar vários nomes locais e nacionais (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Augusto César é uma figura icônica na história da Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí (UFPI) (Foto 30). Com seu jeito descontraído, brincalhão e humor característico, marcou presença na emissora, conquistando a

simpatia da maioria dos colegas — embora, como ele mesmo admite, seu estilo caricato e irreverente nem sempre tenha sido compreendido por todos. Cambut relembra com carinho sua chegada à Rádio Universitária:

Foto 30 - Augusto César



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Eu entrei na rádio Universitária no início, na fundação. Na época, fui convidado para ser o responsável por colocar e retirar o programa *A Voz do Brasil* e, quando fui falar com o professor Paulo Vilhena, a pessoa que me convidou para trabalhar lá, cheguei atrasado e colocaram outra pessoa no meu lugar. Mas, como eu sempre fui apaixonado por esse ambiente de rádio, aceitei trabalhar na parte da limpeza e conservação da rádio (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Para Cambut, a experiência na emissora o marcou profundamente. Ele relata o que mais o tocou em sua passagem:

Fiquei na rádio por volta de uns 5 anos, eu abria a emissora cedinho, o João do Som fechava a noite. O que me marcou foi ver que muitas pessoas que passaram por lá hoje estão seguindo a carreira e fico feliz de ter feito muitas amizades nesse período que trabalhei lá (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Com a saída de Cambut da emissora, quem assumiu a função de cuidar da limpeza foi o senhor Raimundo, que, desde 2017, passou a integrar a equipe da Rádio Universitária. Seu Raimundo (Foto 31) conta como foi sua chegada: “Quando vim para a UFPI, vim direto para a Editora e Livraria em 2015. Depois, a empresa estendeu mais setores de trabalho para os terceirizados e me colocou na rádio. Comecei a trabalhar na emissora em 2017” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Ao refletir sobre sua vivência na rádio, ele afirma: Quando eu lembro da rádio,

lembro de pessoas maravilhosas que fizeram e fazem parte da rádio. Considero a rádio uma grande família que me orgulha fazer parte".

Foto 31- Seu Raimundo



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Foto 32 - Motorista Fábio Carvalho



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Em 2013, a Rádio Universitária passou a contar com um carro para reportagens externas e, com ele, chegou o motorista Fábio Carvalho⁴², que por mais de dez anos foi o condutor oficial da emissora. Com ele, alunos e servidores viveram momentos de descontração e boas conversas nas pautas externas. Fábio guarda com carinho suas lembranças: “Hoje eu atuo mais na coordcom c(oordenadoria de comunicação da UFPI) e tenho muita saudade do período da rádio, tenho muito carinho pelas pessoas que trabalhei, gostava muito de trabalhar lá” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

A chegada dos jornalistas Elenita Carla e Solfieri Markan marcou um capítulo importante na trajetória da Rádio Universitária. Vindos da Rádio Antares, emissora pública vinculada ao governo estadual, trouxeram vasta experiência e profissionalismo. Na UFPI, assumiram funções de supervisão e auxiliaram o então

diretor da emissora, Paulo Fernando de Carvalho Lopes, na gestão de projetos e conteúdos.

Com sua atuação, bolsistas e demais membros da equipe tiveram a oportunidade de desenvolver novos conhecimentos e técnicas, o que resultou em um salto de qualidade nas produções da emissora. A presença de Elenita Carla e Solfieri Markan não apenas elevou o padrão da programação, como também fortaleceu a formação profissional dos que atuavam na rádio, deixando um legado duradouro.

A vinda de ambos representou um marco significativo para a emissora. Elenita, à época, era Gerente de Jornalismo da Rádio Antares 800, e Solfieri atuava como Gerente de Produção. Convidados a integrar a equipe da FM Universitária, tinham o objetivo de profissionalizar a emissora.

Focamos em estabelecer uma Rotina Produtiva com o objetivo de profissionalizar as atividades já desenvolvidas pelas equipes existentes", relatou Elenita Carla. Para alcançar esse objetivo, foram promovidos workshops, oficinas e outras atividades de capacitação voltadas para produtores, redatores, repórteres, locutores, editores e também para a equipe técnica de edição de áudio e programação musical. Essas ações contribuíram para que os bolsistas e integrantes da equipe aprimorassem suas competências e elevassem a qualidade das produções (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Além da capacitação interna, Elenita e Solfieri trabalharam junto à direção da rádio para desenvolver ações estratégicas, como a formalização de parcerias, a criação de materiais promocionais e a cobertura de eventos especiais, a exemplo do Salipi 2015 e das Olimpíadas de 2016. "Ajudamos a construir, junto com a direção, ações estratégicas para formalização de parcerias, criação de material promocional, coberturas jornalísticas especiais", destacou Elenita (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025). Também atuaram em projetos voltados à sustentabilidade, como o uso racional da água e energia elétrica, descarte adequado de resíduos e uso consciente de plásticos, além de simpósios e ações de extensão junto a outros departamentos da universidade.

O trabalho desenvolvido por Elenita Carla e Solfieri Markan gerou impactos positivos e estruturantes para a Rádio Universitária. Com o tempo, a emissora passou a se relacionar de forma mais direta com diferentes segmentos da sociedade piauiense, como instituições públicas e privadas, movimentos sociais e a população em geral. Esse vínculo se consolidou por meio da cobertura de pautas relevantes, programas especiais, campanhas, entrevistas e participação em prêmios de reportagem.

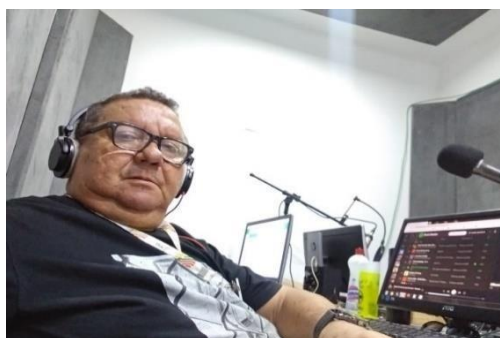
Elenita Carla ressaltou a importância de um canal direto de participação para ouvintes e a comunidade em geral, o que ajudou a consolidar uma programação diversificada e de qualidade. Afirmou (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025):

Esse relacionamento se deu não só a partir da cobertura de pautas, matérias e eventos factuais, como também de campanhas, matérias e programas especiais, entrevistas, participações em prêmios de reportagens, sem falar num canal direto de participação para ouvintes e a comunidade em geral.

A contribuição de Elenita Carla e Solfieri Markan foi fundamental para elevar o padrão da programação da Rádio Universitária e fortalecer a formação dos profissionais que ali atuavam, deixando um legado significativo para a emissora. Solfieri Markan relembra sua participação na reformulação da grade de programação da Rádio Universitária da UFPI em 2013, após ser convidado pelo professor Paulo Fernando durante um encontro nacional de rádio em Brasília. Ele pontua, “eu estava representando a Fundação Antares e, ao mesmo tempo, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o professor Paulo Fernando, que até então só conhecia de nome” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Destaca ainda que uma de suas principais preocupações era oferecer um ambiente de aprendizado prático e teórico aos estudantes: “Queríamos criar um espaço onde eles pudessem desenvolver habilidades e se tornar profissionais competentes na comunicação”, explica (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025). Para isso, ministrou palestras, oficinas e workshops, buscando “criar uma atmosfera de colaboração e criatividade.” Além disso, ele comenta que a reformulação da grade incluiu a criação de novos jingles, vinhetas e programas, com o objetivo de “tornar a programação atraente e relevante, ao mesmo tempo em que os estudantes desenvolviam suas habilidades práticas” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Foto 33 - Solfieri Markan



Fonte: Arquivo pessoal de Solfieri Markan.

Markan encerra destacando o papel fundamental da Rádio Universitária como uma rádio-escola: “Ela cumpre um papel essencial na formação de futuros profissionais, preparando-os para o mercado de trabalho” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025). Ele se diz feliz ao ver muitos ex-participantes da emissora da UFPI atuando em outras rádios e veículos de comunicação, aplicando o que aprenderam.

Foto 34 - Elenita Carla e Paulo Fernando no Congresso de Radiofusão Fala e Nordeste



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Outra figura que marcou a história da Rádio Universitária foi o locutor Sérgio Holom (Foto 35), conhecido por seu bordão “a sua voz”. Holom contribuiu com locuções de chamadas e *spots*, além de apresentar programas na emissora — com destaque para o *Universitária Pop*, que se tornou o carro-chefe das tardes da rádio. Trabalhou como terceirizado na emissora e, após passagens por outros veículos, atua na TV Antena 10 e na rádio Teresina FM.

Foto 35 - Locutor Sergio Holom



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Mais recentemente, já na gestão do professor Sílvio Henrique Barbosa, a Rádio Universitária recebeu mais um reforço com a chegada do jornalista Maurício Santana (Foto 36). Servidor da UFPI, Maurício já havia atuado na Coordenadoria de Comunicação da universidade, onde exerceu a função de coordenador. Ele apresenta o programa Tarde Universitária, que combina música, entrevistas e informações.

Foto 36 - Jornalista Maurício Santana no comando do tarde Universitária



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Aílton César (Foto 37), mais conhecido como Cebela, foi contratado em 2018 pela empresa Suporte Transmissão de TV-FM para atuar como técnico de eletrônica na Rádio Universitária da UFPI. Suas responsabilidades incluem a manutenção e o reparo de equipamentos, assegurando o funcionamento contínuo da emissora. Além disso, é responsável por solucionar problemas técnicos que possam tirar a rádio do ar, como falhas de energia, defeitos em aparelhos ou manutenção na torre e no transmissor. Seu trabalho é essencial para garantir que a rádio esteja sempre no ar, com qualidade e estabilidade.

Foto 37 - Aílton Cesar realizando manutenção no transmissor da emissora



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

A Rádio Universitária também contou, ao longo dos anos, com recepcionistas que deixaram marcas profundas na história da emissora e lembranças carinhosas para todos que tiveram a oportunidade de trabalhar com elas.

A primeira recepcionista foi Maria de Lourdes Oliveira Cruz (Foto 38), que atuou na emissora como terceirizada. Ficou marcada por sua simpatia e pelas fortes amizades construídas com a equipe e os alunos. Sempre colaborativa e prestativa, tornou-se uma figura essencial para o bom funcionamento da rádio.

Foto 38 - Maria de Lourdes



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Outro nome de destaque foi o do músico João Dantas (Foto 39), que também atuou como recepcionista da Rádio Universitária. Conhecido por seu bom humor e sua personalidade brincalhona, João alegrava o ambiente com sua presença leve e divertida.

Foto 39 - João Dantas



Fonte: Arquivo pessoal de João Dantas.

Luciana Matos (Foto 40), também integrou a equipe da recepção. Figura presente e engajada nos eventos realizados pela emissora, Lu era responsável, inclusive, por trazer pratos preparados por ela nos encontros festivos da rádio, já que também trabalhava com culinária. Sua dedicação, carinho e envolvimento fizeram dela uma colaboradora fundamental nas ações da Rádio Universitária.

Foto 40 - Luciana Matos



Fonte: Arquivo pessoal de Luciana Matos.

Outra recepcionista que deixou sua marca foi Fabrícia Gomes (Foto 41). Reconhecida por sua simpatia e disposição, Fabrícia era muito querida por todos. Sua atenção aos colegas e sua postura sempre solícita tornaram sua presença indispensável no dia a dia da emissora.

Foto 41- Fabrícia Gomes



Fonte: Arquivo pessoal de Fabrícia Gomes.

Com as crises e cortes de orçamento, a Rádio Universitária passou por um período sem recepcionistas, o que deixou uma lacuna na rotina da emissora. No

entanto, recentemente, a função foi retomada com a transferência do servidor Francisco Ibiapina (Foto 42) para trabalhar na rádio.

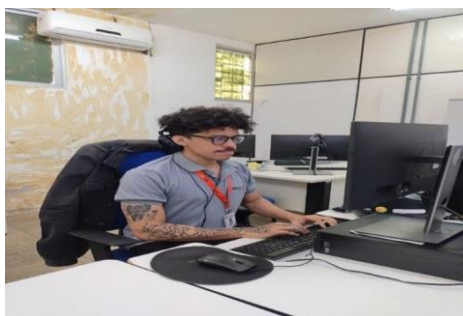
Foto 42 – Ibiapina



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Servidor da UFPI com passagens por vários setores da universidade, Seu Ibiapina relata que estava pensando em pedir aposentadoria, mas, ao chegar ao setor de Recursos Humanos, foi designado para a emissora. Para ele, é uma satisfação trabalhar na rádio: “Eu tive pensado em pedir minha aposentadoria, e chegando no Recursos Humanos, me colocaram pra cá na rádio. Aqui todo mundo é gente boa, eu gosto muito daqui, e a rádio vai ser o meu último trabalho, e sou muito feliz de trabalhar na rádio” (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Foto 43 - Erick Alexandrino



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Foto 44 - Pedro Melo



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Foto 45 - Leia Alencar



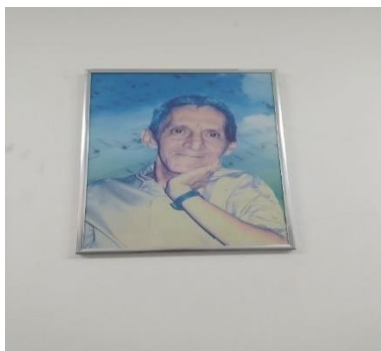
Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

No âmbito das oportunidades profissionais na Rádio Universitária da UFPI, alguns ex-bolsistas passaram a integrar o quadro de colaboradores da emissora como terceirizados. A rádio reconheceu o valor da mão de obra que ajudou a formar, destacando-se os casos de Erick Alexandrino (Foto 43), Pedro Melo (Foto 44) e Leila Alencar. Após concluírem suas formações, foram contratados como terceirizados, consolidando-se como talentos essenciais na emissora. Os três se destacaram na apresentação de diversos programas.

4.1.3 O legado dos que chegaram primeiro

Muitos que visitam ou trabalham na Rádio Universitária da UFPI já viram o quadro abaixo com a foto de um senhor, o que desperta a curiosidade sobre sua identidade. Trata-se de Renato Basílio (Foto 46), o primeiro programador musical da emissora. O quadro, que antes ficava na redação e agora está na sala da técnica, presta homenagem à sua contribuição à história da rádio.

Foto 46 - Renato Basílio



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Renato foi o responsável por selecionar e armazenar o acervo musical da rádio da UFPI, além de imprimir o padrão musical da emissora. Foi dele também a criação do primeiro *slogan* da Rádio Universitária: “Uma rádio para todo bom gosto”. Renato Basílio faleceu em 2012, vítima de um câncer na laringe.

No começo de 2011, integrou a equipe da emissora Francisco Alves de Sousa Filho (Foto 47), que atuava como responsável técnico pela manutenção da Rádio Universitária. Proprietário da empresa Radioté, referência na época por ter montado mais de 100 emissoras AM e FM em Teresina e em todo o Piauí, Maranhão e Ceará, sua empresa venceu o processo para colocar a emissora da UFPI no ar e oferecer suporte técnico.

Foto 47- Chiquinho Sousa



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Seu Chiquinho era pai do servidor da emissora Ricardo Sousa e faleceu em 2021, também vítima de câncer, deixando muita saudade em todos que conviveram com ele na Rádio Universitária.

4.1.4 Os desafios da emissora da UFPI no setor de recursos humanos

A Rádio Universitária da UFPI tem se consolidado como um importante espaço de oportunidades e diversidade profissional, especialmente para estudantes e profissionais em início de carreira. No entanto, a realidade interna da emissora revela desafios estruturais que comprometem sua capacidade de manter um quadro de funcionários estável, o que afeta diretamente a continuidade e a qualidade dos trabalhos realizados.

Apesar de seu papel essencial como ambiente de formação e experimentação, a rádio enfrenta alta rotatividade, consequência de problemas como a precarização do trabalho e a ausência de incentivos para a permanência de profissionais qualificados.

A emissora conta com apenas três servidores efetivos, número insuficiente para garantir o pleno funcionamento de uma rádio universitária. A dependência de bolsistas e terceirizados, embora comum nas instituições públicas, torna-se um entrave quando esses profissionais deixam a rádio após o fim de seus contratos ou estágios. Os bolsistas, em sua maioria alunos, veem na rádio uma excelente oportunidade de aprendizado, mas naturalmente seguem outros caminhos após esse período. Já os terceirizados enfrentam a instabilidade desses contratos, e muitas vezes migram para veículos comerciais ou outras áreas em busca de maior segurança e valorização.

Essa rotatividade constante prejudica a continuidade de projetos e a qualidade da programação. Um exemplo claro foi o período em que a emissora ficou anos sem

recepcionista, uma função essencial ao cotidiano de qualquer rádio. A ausência de técnicos de áudio, produtores e jornalistas também impactou a diversidade e o nível da programação nos últimos anos.

É evidente a falta de investimento e planejamento institucional, embora se compreendam as dificuldades enfrentadas pela Universidade Federal do Piauí em diversos setores, em decorrência das constantes crises econômicas e cortes orçamentários impostos pelo governo federal às instituições de ensino superior.

5 AS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFPI DE 2011 A 2024

Para entender o funcionamento das práticas jornalísticas no rádio, é necessário compreender que essas práticas visam principalmente à construção da notícia. “A invenção do jornalismo no século XIX, com a emergência de uma nova mercadoria – a informação – e sua autonomia enquanto atividade social, vincula-se ao nascimento de uma ordem específica de discurso: a notícia” (Aguilar, 2008, p.17).

De acordo com Traquina (2005, p.63), a principal etapa da rotina produtiva de um jornalista é desvelar, entre os fatos, o que vai ser notícia. Assim, “Do ponto de vista da técnica, a questão central do jornalismo é decidir o que é notícia e organizar metodologicamente um conjunto de práticas para narrar os acontecimentos. Surge aí o conceito de noticiabilidade (*newsworthiness*), definido por Traquina como o “conjunto de critérios e operações que fornecem” aos acontecimentos “a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia” (Traquina, 2005, p. 63).

Os critérios para definir o que será ou não notícia podem variar conforme a linha editorial do veículo. Por exemplo, para uma emissora de rádio comercial, a prisão de um ladrão de celulares pode ter valor jornalístico; já para uma rádio pública, como a Universitária, esse tipo de conteúdo dificilmente ocupará espaço em sua programação informativa.

Quem decide o que entra ou não no noticiário é o editor-chefe, que, em muitos casos, também apresenta o programa. A equipe de um noticiário de rádio geralmente conta ainda com repórteres, responsáveis por produzir matérias ou reportagens, e produtores, que organizam o conteúdo, realizam pautas e acompanham a execução do programa.

Dessa forma, definem-se as principais práticas jornalísticas no rádio: apresentação de programas jornalísticos; atuação como editor-chefe; produção de pautas e conteúdos; reportagem (produção de matérias e coberturas); edição de áudios e sonoras. Essas funções podem ser desempenhadas por profissionais distintos ou, dependendo da estrutura da equipe, acumuladas por um único colaborador.

5.1 Surgimento do radiojornalismo da Rádio Universitária da UFPI

Desde a criação dos primeiros programas, a Rádio Universitária apresenta uma programação diversificada, com programas de vários gêneros que perpassam pelo

entretenimento ao radiojornalismo. Os primeiros programas produzidos pela emissora da UFPI foram:

Quadro 1 – Resumo da programação

PROGRAMA	CARACTERÍSTICAS
Revista Universitária	Exibido semanalmente às sextas-feiras, trazia informações da Universidade Federal do Piauí e o conteúdo exibido era quase todo extraído do portal de notícias da UFPI. A atração trazia também entrevistas com professores, alunos e outras pessoas ligadas à universidade.
Gira Poesia	Criado e produzido pela sociedade de poetas por vir, um grupo de alunos que compartilhavam suas produções poéticas, o programa trazia, além de poesias e conteúdo literário, música e debates sobre temas do cotidiano.
: Universitária Esportiva	Exibido de segunda a sexta-feira no início com meia hora de duração e posteriormente ampliado para uma hora. No início, trazia um compilado de notícias esportivas extraídos de portais e outros meios de comunicação, além de interação entre as apresentadoras do programa. Com o passar do tempo, a rotina produtiva do programa foi modificada e a equipe passou a produzir o seu próprio conteúdo.
Microfonia	Exibido semanalmente nas tardes de quinta-feira, o programa trazia informações sobre cinema, quadrinhos e games.
Clube do Vinil	Programa de entretenimento produzido e apresentado pelo professor do curso de Letras da UFPI Alcione Correia.
Universitária Entrevista	O primeiro programa de entrevistas da emissora era exibido semanalmente e trazia convidados para debater e explicar temas do cotidiano.

Música e Notícia	Exibido de segunda a sexta, o programa no início preenchia boa parte da programação matinal da emissora, sendo exibido de 8h ao meio-dia e, como o nome sugere, surgiu com a proposta de trazer, além de música, informações aos ouvintes da emissora. No início, assim como todos os programas da emissora, não produzia seu conteúdo próprio, extraía informações de portais e outros veículos de comunicação, como agências de notícias. Com a ampliação da equipe da rádio, o programa passou a produzir matérias e conteúdos jornalísticos próprios.
-------------------------	---

Fonte: Informações do autor, 2024.

Quanto aos primeiros programas com características jornalísticas na emissora da UFPI, foram construídos e apresentados, no início, com pouca ou quase nenhuma produção própria. Com uma equipe pequena e constituída principalmente por alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí, os programas utilizavam matérias jornalísticas de terceiros, tais como portais e agências de notícias.

As primeiras práticas jornalísticas que surgiram nos programas da Rádio Universitária da UFPI foram as entrevistas em estúdio. Programas como o Universitária Esportiva, Música e Notícia e Universitária Entrevista passaram a utilizar esses recursos e a estabelecer o primeiro passo, na prática, para a implantação do radiojornalismo na emissora. As entrevistas gravadas também, aos poucos, começaram a ser utilizadas pelos primeiros programas da Rádio Universitária, possibilitando o aumento do conteúdo próprio produzido.

O primeiro *flash* ao vivo da emissora aconteceu com a chegada do jornalista Rodrigo Carvalho, que entrou ao vivo na programação da rádio, diretamente da inauguração de um laboratório do curso de Farmácia da UFPI. Aos poucos, os *flashes* e participações ao vivo passaram a fazer parte de alguns programas da Rádio Universitária da UFPI.

As primeiras matérias ou reportagens radiofônicas da emissora foram produzidas pelo programa Universitária Esportiva. A equipe do programa, em sua primeira fase, era constituída por alunas do curso de Jornalismo da UFPI e, por

iniciativa das próprias discentes, passou a cobrir grandes eventos esportivos do estado. Com as sonoras coletadas nesses eventos, principalmente do futebol local, elas passaram a produzir as primeiras reportagens com todos os elementos que constituem matérias radiofônicas, compostas por *offs* e sonoras, editadas no *software* de edição que passou a ser instalado nesse período nos computadores da rádio.

5.2 Construção da redação da rádio

Na primeira fase da emissora, quando a Rádio Universitária foi fundada e era dirigida pelo professor Paulo Vilhena, a logística do espaço físico da emissora era dividida em várias salas. Além dos estúdios de gravação e programação ao vivo, o espaço destinado à produção dos programas era separado em pequenas salas: produção, secretaria administrativa e outra destinada a reuniões.

Com a mudança de direção e a chegada de Carvalho Lopes como diretor da emissora, a rádio passou por uma grande reforma em sua estrutura física. As três salas (de produção, secretaria administrativa e reunião) deixaram de existir, e todo esse espaço passou a compor a redação da emissora.

A nova redação da Rádio Universitária passou a contar com dezenas de computadores e mesas organizadas, inspirada nos *newsrooms*, redações dos principais veículos de comunicação. Dessa forma, facilitou-se a interação entre os integrantes da equipe da emissora e a própria locomoção, que precisava ser cada vez mais ágil devido à rotina produtiva intensa nessa nova fase, com mais produção de programas e de conteúdo.

Com essa mudança, as práticas jornalísticas da Rádio Universitária da UFPI e as rotinas produtivas da emissora sofreram mudanças significativas. As equipes dos mais diversos programas passaram a interagir umas com as outras, compartilhando conteúdos produzidos, trocando ideias de pautas. Foi instalado também um quadro de acrílico no espaço da redação, onde todos os membros da rádio passaram a ter acesso às informações dos conteúdos produzidos pelos programas.

Todos os computadores da redação da rádio passaram a ser equipados com softwares de edição, como o *Sound Forge*, que ainda hoje é o programa de edição de áudios mais utilizado pela equipe da rádio. Isso também facilitou muito o trabalho de produção do material jornalístico dos programas da emissora.

5.3 O Jornal da Universitária e o avanço da produção jornalística da Rádio da UFPI

O primeiro programa exclusivamente com conteúdo jornalístico da Rádio Universitária da UFPI foi o Jornal da Universitária, que surgiu no ano de 2015, durante um período de transformação que a rádio passou com a mudança de sua direção e a chegada do professor Paulo Fernando de Carvalho Lopes como diretor.

O noticiário, exibido de segunda a sexta-feira, no início às 6 da tarde, alterou de forma significativa as práticas jornalísticas na emissora. A equipe do programa era, no início, composta pelo jornalista Rodrigo Carvalho, que já havia participado de outros programas da emissora e ficou responsável pela apresentação e produção do jornal, e por três alunos do curso de Jornalismo da UFPI, que se tornaram estagiários da emissora: Viviane Gama, que atuava na produção, e Roberto Araújo e Natanael Sousa, que foram os primeiros repórteres do Jornal da Universitária. A participação de estagiários em emissoras universitárias é destacada por diversos autores, como Del Bianco, que afirma:

Nos cursos superiores de comunicação tem sido frequente associar o ensino das disciplinas de jornalismo à experiência e vivência do aluno, na prática, através do uso de laboratórios no qual possa “reproduzir” as rotinas produtivas do exercício do jornalismo e as rádios ligadas as IES são um exemplo disso (Del Bianco, 2014).

Sendo espaços para o ensino de disciplinas de jornalismo e locais para a prática de alunos por meio de estágios, Medina e Sanchez (2018, p.104) definem assim as rádios universitárias: “As rádios universitárias são uma nascente de conhecimento, local de expressões e troca de experiências entre professores, alunos e a sociedade, buscando sempre uma participação ativa de seus usuários”

Com uma equipe restrita de profissionais, a participação dos estagiários foi determinante para o surgimento do primeiro programa noticioso da emissora. Vale destacar que, antes da criação do Jornal da Universitária, todos os programas da emissora que exibiam informações ou conteúdos jornalísticos utilizavam produções de terceiros, tais como portais e agências de notícias. Com o jornal, a rádio passou a produzir matérias jornalísticas próprias, e a rotina produtiva foi profundamente alterada.

Para adotar essa nova rotina produtiva, a equipe do jornal e da rádio da UFPI como um todo enfrentou algumas dificuldades. A primeira delas foi a inexperiência da equipe, que não estava habituada ao ritmo acelerado de colocar um noticiário diário com conteúdo próprio no ar. A equipe do noticiário teve que passar por treinamentos oferecidos pela direção da rádio para compreender, entre outras coisas, a linguagem

radiofônica, técnicas de produção de *scripts* e elaboração de reportagens para o rádio.

Outra dificuldade enfrentada, no início, pelos integrantes do Jornal da Universitária foi estreitar as relações com fontes e assessorias, fazendo com que a Rádio Universitária fosse reconhecida como produtora de conteúdo jornalístico e desconstruindo a imagem de que a emissora era apenas um canal interno, voltado exclusivamente à divulgação de informações relacionadas à Universidade Federal do Piauí.

Superadas essas dificuldades, a equipe passou a amadurecer e a ampliar a rotina produtiva, produzindo cada vez mais conteúdo próprio e melhorando a qualidade do material exibido durante o horário do noticiário. Com o tempo, o principal produto jornalístico da emissora passou a ser conhecido pelas fontes e assessorias, que passaram a disponibilizar *releases*, áudios e sonoras para a equipe do jornal, o que facilitou bastante o processo de produção de conteúdo noticioso do Jornal da Universitária.

O jornal supracitado é exibido em duas edições: a primeira vai ao ar das 12h40 às 13h30; a segunda, das 18h às 18h30, sempre com ênfase nas notícias locais, com matérias produzidas pela equipe do jornal, composta por estagiários da Rádio Universitária, alunos do curso de Jornalismo da UFPI. Além de matérias produzidas pela equipe, o jornal, em seu modelo atual, exibe notas de assessorias e outros meios de comunicação, e ainda dá espaço às notícias nacionais com matérias das agências Radioweb e EBC. Além disso, conta com um quadro com informações esportivas, denominado Resumo Esportivo, no qual um repórter participa ao vivo com o apresentador do jornal, havendo um debate entre eles sobre os assuntos esportivos do dia.

5.3.1 A construção da notícia do Jornal da Universitária

Para compreender como é feita a construção da notícia, principal produto jornalístico da Rádio Universitária da UFPI, deve-se, antes de tudo, definir um conceito para “notícia”. Segundo o dicionário Michaelis (2023), notícias são relatos de fatos e acontecimentos atuais de interesse público, veiculados em jornal, televisão, rádio e revista.

Conforme Traquina (2005), notícia é um fato, ou algo em que os jornalistas acreditam que interessa ao público do meio de comunicação e que, para que esse fato passe a ser notícia, é preciso que ele esteja conforme o que o autor chama de critérios de noticiabilidade.

[...] o conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores - notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor – notícia” (Traquina, 2008, p. 63).

Portanto, entende-se a noticiabilidade como os critérios que vão definir que fatos serão transformados em notícia, e essa análise de valores-notícia difere bastante entre os mais variados tipos de meios de comunicação, empresas e organizações jornalísticas. “A noticiabilidade é um conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, dentre os quais há que selecionar a notícia” (Wolf, 1995, p. 175).

Além de entender o que é notícia, para explicar como é feita a construção da notícia pela equipe do Jornal da Universitária, é preciso entender também algumas características da Rádio Universitária da UFPI. A emissora, por ser ligada e pertencente a uma IES (Instituição de Ensino Superior), no caso a Universidade Federal do Piauí, deve seguir algumas regras. Sendo uma rádio pública, nenhum comercial pode ser exibido na emissora. De acordo com Bianco et al.:

A maioria das emissoras de rádio e TV públicas em funcionamento na América Latina está vinculada ao aparato estatal, de forma direta ou indireta. Nessa condição estão subordinadas a um aparato jurídico que nem sempre favorece a gestão administrativa eficiente e, sobretudo, autônoma (Bianco *et al.* 2012).

Além disso, a Rádio Universitária da UFPI é afiliada à EBC, Empresa Brasil de Comunicação, que estabelece algumas regras em contrato que devem ser cumpridas pela emissora da UFPI. No Artigo 5.2.3 do contrato da EBC com a Rádio Universitária, a Empresa Brasil de Comunicação estabelece que a programação local deverá observar os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública, conforme artigo 2º da Lei n.º 11.652/2008:

Art. 2º A prestação dos serviços de radiodifusão pública por órgãos do Poder Executivo ou mediante outorga a entidades de sua administração indireta deverá observar os seguintes princípios:

- Complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal;
- Promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo;
- produção e programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas;

- Promoção da cultura nacional, estímulo à produção regional e à produção independente;
- Respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família;
- Não discriminação religiosa, política partidária, filosófica, étnica, de gênero ou de opção sexual;
- observância de preceitos éticos no exercício das atividades de radiodifusão;
- autonomia em relação ao Governo Federal para definir produção, programação e distribuição de conteúdo no sistema público de radiodifusão;
- e
- Participação da sociedade civil no controle da aplicação dos princípios do sistema público de radiodifusão, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira.
- Atualização e modernização tecnológica dos equipamentos de produção e transmissão; (Incluído pela Lei nº 13.417, de 2017)
- formação e capacitação continuadas de mão de obra, de forma a garantir a excelência na produção da programação veiculada (Incluído pela Lei nº 13.417 de 2017).

Consoante Del Bianco e Curado (2014), espera-se que uma emissora pública se caracterize pela difusão de conteúdo cultural, educativo, artístico e informativo. Além disso, acrescentam as autoras, as rádios e televisões públicas devem dar privilégio à informação de qualidade com a busca incessante pela imparcialidade.

Partindo desse contexto da rádio universitária como uma emissora pública e afiliada à EBC, entende-se que, diferente de uma rádio privada, o que tem valor para ser notícia e como essa informação será trabalhada e veiculada pela emissora precisa seguir as regras vigentes em contrato. Além disso, por pertencer a uma IES, a preocupação em exibir matérias educativas deve ser uma constante da emissora, que deve sempre buscar produzir programação de qualidade.

5.3.2 O fazer notícia do Jornal da Universitária

A rotina produtiva do Jornal da Universitária começa com o editor-chefe e apresentador do noticiário utilizando a teoria do *Gatekeeper*, que pressupõe que as notícias são como são porque os jornalistas assim as determinam. Assim, seleciona quais acontecimentos se tornarão pautas para que os repórteres transformem essas pautas em notícias, seja em formato de matéria ou “grande off” (quando o repórter grava informações sobre determinado assunto sem sonoras das fontes, contendo apenas o *off*, o texto dos repórteres).

O processo de seleção dos acontecimentos começa muitas vezes no dia anterior à exibição do noticiário. O trabalho é concluído durante a manhã, no período das 7h às 12h40, que é quando se inicia o jornal. Durante esse processo, o editor-chefe do Jornal da Universitária checa os principais portais de notícias e outros veículos de comunicação para saber o que está sendo veiculado como notícia. Cabe ainda a ele verificar o recebimento de *releases* no WhatsApp e e-mail, e, por vezes,

indicações de pautas que chegam à redação da emissora.

Contudo, a Rádio Universitária, por ser afiliada à EBC e pertencente a uma IES, tem como característica ser um veículo de comunicação pública. Com isso, os acontecimentos selecionados pelo editor-chefe devem cumprir as regras das normativas que a constituem.

Por conseguinte, os acontecimentos selecionados pela produção do Jornal da Universitária são aqueles que remetem principalmente às seguintes temáticas: social, prestação de serviço, cultura, saúde, educação e pesquisas científicas. Algumas informações, como grandes operações policiais e tragédias que impactam de forma significativa a sociedade, também são destacadas pelo noticiário, que evita trabalhar com notícias policiais corriqueiras. Em relação a informações de política, o noticiário trabalha com assuntos que remetem a um interesse social, deixando de lado assuntos partidários.

Feita a seleção dos acontecimentos, o editor-chefe dirige as pautas aos repórteres do jornal, que devem pesquisar informações sobre o assunto e buscar as fontes para possíveis entrevistas e gravações de sonoras. Algumas entrevistas e sonoras são realizadas ou adquiridas, por meio das fontes e assessorias, pelo próprio editor-chefe, que as direciona aos repórteres para que eles produzam suas matérias.

Atualmente, cada repórter do Jornal da Universitária fica encarregado de uma ou duas pautas por dia. Após realizarem a pesquisa sobre o assunto e gravarem as sonoras com as fontes, os repórteres escrevem o texto da matéria — na linguagem radiofônica, chamado de *off*. Em seguida, gravam o texto no estúdio de gravação e retornam à redação para editar o material (*off* e sonoras), utilizando *softwares* como o *Sound Forge* para concluir a matéria que será exibida no jornal da rádio da UFPI.

Sobre a gravação das sonoras, vale destacar que, nos primeiros anos do Jornal da Universitária, elas eram feitas presencialmente, com o deslocamento do repórter até a fonte, utilizando um carro da emissora ou por meio de um equipamento denominado “híbrida”, que, ligado a um aparelho telefônico, permite a gravação por telefone. Hoje, com o avanço dos smartphones, grande parte dessas gravações é feita por ligações de celular ou via mensagens de áudio em redes sociais como o WhatsApp.

Ainda durante esse processo, o editor-chefe checa com os repórteres eventuais necessidades para a conclusão dos trabalhos e, ao mesmo tempo, escreve o *script* que será lido durante a apresentação do noticiário. Esse roteiro é produzido seguindo

uma ordem de importância ou destaque dos assuntos do dia. As matérias consideradas mais “quentes” aparecem primeiro no noticiário, com ênfase no primeiro bloco. As informações locais e o quadro com notícias da UFPI, denominado Agenda Universitária, aparecem no segundo bloco. Nesse mesmo bloco, são colocadas matérias nacionais de agências como a Radioweb e EBC. No terceiro e último bloco do noticiário, aparecem informações culturais e o quadro Resumo Esportivo.

Com o advento tecnológico e a expansão e consolidação da internet, o mundo mudou, assim como a forma de trabalhar nos mais diversos campos e profissões também. Quando falamos em meios de comunicação, essas transformações são muito nítidas. O rádio, por exemplo, objeto central deste trabalho, deixou de ser um veículo transmitido apenas pelas frequências AM e FM, passando a ser conectado pelas mais diversas plataformas, através da rede mundial de computadores, conquistando mais alcance e, conseqüentemente, mais ouvintes.

Desde o seu surgimento até o ano de 2024, o veículo de comunicação mais popular de todos teve que buscar novas fórmulas e se reinventar. Quando surgiram outros meios de comunicação, como a televisão, muito se questionou sobre o futuro do rádio (e ele se manteve forte). Com a chegada da internet, esse questionamento foi retomado, e o rádio se reinventou mais uma vez, utilizando a rede mundial de computadores como aliada também em sua rotina produtiva. Para Amorim *et al* (2023):

O rádio precisou se reinventar muitas vezes durante sua história por conta de novas tendências, e já diziam que ele iria acabar quando o auge era a televisão, mas o diferencial do rádio é simples... a imaginação do ouvinte pode triplicar quando se escuta somente a voz do locutor (Revista Esquinas, 2023).

Em meio às grandes crises que o planeta atravessou durante o último século, desde que surgiu, esse veículo de comunicação sempre contribuiu com seu papel de entreter e informar. Na última grande crise mundial, a pandemia da Covid-19, não foi diferente. Essencial, o rádio teve que encontrar fórmulas para continuar produzindo conteúdo em meio a inúmeros decretos de isolamento social. Nesse contexto, a Rádio Universitária da UFPI aparece como exemplo de veículo de comunicação que se reinventou durante esse período pandêmico.

5.3.3 Grandes reportagens e premiações

Com a volta de Rodrigo Carvalho à emissora, inicia seu projeto de produção de grandes reportagens e séries especiais. Entre essas, destaca-se a série “Jaider Esbell”, o índio peregrino, que contava a história de um artista de Roraima, de origem

Macuxi, que esteve na UFPI com uma exposição de desenhos em preto e branco, retratando os problemas provocados pelo homem na floresta amazônica. A série foi exibida em vários programas da emissora.

Tendo um jornalista efetivo para realizar matérias especiais, a emissora começa a participar de concursos de reportagens e, num período de dois anos, conquista vários prêmios com reportagens do jornalista Rodrigo Carvalho: 1ª e 3ª colocação no Prêmio SESCOOP, 2ª colocação no concurso de reportagem da STRANS (Foto 48), 2º lugar no concurso do Ministério Público do Piauí e 1º lugar no concurso de reportagens da Caminhada da Fraternidade.

Foto 48 - Rodrigo Sousa ao lado de Roberta Araujo e Jéssica Sales na premiação da Strans



Fonte: Arquivos da UFPI.

Foto 50 - Fernando Lopes, Rodrigo Carvalho e Jéssica Sales. durante a premiação da Caminhada da Fraternidade



Fonte: Arquivos UFPI.

Foto 49 - Paulo Fernando Lopes, Rodrigo Carvalho e Antônio Fontes durante a premiação da SESCOOP



Fonte: Arquivos da UFPI.

Foto 51 - Rodrigo Carvalho com o troféu do primeiro prêmio de jornalismo do Ministério Público do Piauí



Fonte: Arquivos da UFPI.

Além dessas conquistas, a emissora ainda venceu, por dois anos consecutivos,

o Prêmio Rubra de Rádio Universitária. A Rádio FM Universitária da UFPI foi premiada em duas categorias do 1º Prêmio Rubra de Rádio Universitário. Nesta primeira edição, o foco foi, num cenário de pandemia, a produção radiofônica resultante das universidades e rádios mobilizadas em produzir e divulgar ciência.

Comandado pelo aluno bolsista do primeiro período do curso de Jornalismo, Pedro Melo, o programa Universitária Especial: cobertura Covid-19 – Instituições e Pesquisas ficou em terceiro lugar na categoria Divulgação Científica. Contou ainda com as reportagens das alunas bolsistas Marta de Sousa, Stefanny Sales, Luísa Araújo e Naiane Feitosa como repórteres. Concorrendo na categoria Reportagem Especial, a notícia “Os desafios da educação em tempos de quarentena” (Foto 52), feita pelas alunas bolsistas Tatiele Souza (Foto 53) e Izaura Martins, recebeu Menção Honrosa.

Foto 52 - Universitária Especial: cobertura Covid-19



Foto 53 - Tatiele Souza



Fonte: Arquivos da UFPI.

Fonte: Arquivos da UFPI

Foto 54 - Prêmio Octávio Miranda, na categoria melhor FM pública em 2016.



Fonte: Arquivos da UFPI

Outra conquista da emissora foi o Prêmio Octávio Miranda, na categoria Melhor FM Pública (Foto 54) em 2016. Honraria concedida pela Academia Piauiense de Jornalismo (APJ) à FM Universitária em reconhecimento ao trabalho de veículos e profissionais da comunicação que se destacaram no estado nos últimos dois anos.

A Rádio Universitária da UFPI ainda conquistou o primeiro lugar na categoria Universitário do 1º Prêmio Águas de Teresina de Jornalismo Ambiental, em 2018. A matéria vencedora, com o tema “Conscientização e atitude: ações contribuem para a preservação da água em Teresina”, dos estudantes Andrea Patrícia e Walter Higino, foi exibida no Repórter Cigarra, um programa do curso de Jornalismo da UFPI, feito pelos alunos na disciplina de Radiojornalismo.

5.3.4 Festas e campanhas da Rádio Universitária

A Rádio Universitária é sinônimo não apenas de entretenimento, mas também de festa e solidariedade. Em eventos como as festas juninas e o Natal, a equipe da emissora se mobiliza para celebrar essas datas de forma especial. Um dos momentos mais marcantes na história da rádio foi a participação em campanhas sociais, como o "Natal dos Correios" (Foto 55 e 56).

Fotos 55 e 56 - Equipe da emissora na Campanha de Natal dos correios.



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Fonte: Instagram, 2019.

Nessa iniciativa, os profissionais e bolsistas da emissora adotavam cartinhas com pedidos de presentes de crianças carentes, em parceria com os Correios, ajudando a levar alegria e esperança a quem mais precisa. Essas ações reforçam o compromisso da Rádio Universitária com a comunidade e sua missão de unir pessoas por meio de projetos que fazem a diferença (Foto 57).

Foto 57 – Confraternização da equipe



Fonte: Instagram, 2019.

5.4 A FM 96,7 de 2020 a 2024

A Rádio Universitária está vinculada à Superintendência de Comunicação da UFPI, dirigida pela professora doutora Samantha Castelo Branco. Desde 2022, está sob a direção do professor doutor Silvio Henrique Barbosa. Fazem parte, como servidores efetivos, Rodrigo Carvalho Sousa, Adriano Lima e Ricardo Sousa Lima.

Foto 58 - Silvio Henrique Barbosa



Fonte: Arquivos da UFPI.

De acordo com as informações obtidas por meio de observações e entrevistas, a programação da Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí é feita quase que totalmente pelos estagiários da emissora, que são alunos do curso de Jornalismo da UFPI. Foram mantidos programas já criados, e está aberta a criação de novos. Pelo contrato, a Rádio Universitária é obrigada a reservar, no mínimo, quatro horas

diárias para a programação da EBC. É nesse espaço que se insere o Repórter Nacional. Além dessas quatro horas, a emissora também é obrigada, assim como outras rádios do país, a transmitir a Hora do Brasil, programa editado pela própria EBC, que reúne conteúdo dos três poderes da República: Executivo, Legislativo e Judiciário.

Perguntado sobre a programação, destaca:

Essa programação que nós criamos ela é feita também em parceria com outros cursos, por exemplo temos uma parceria com o novo curso de psicologia o programa terapia universitária, que é um programa semanal com duração de meia hora e temos ainda um programa de moda com parceria com o curso de moda da UFPI. Nossa programação própria começa às 9h da manhã com o programa música e notícia e no período de 10h as 11h nós temos três programas semanais o programa da moda, o terapia universitária e o revista universitária, em seguida às 11h da manhã temos o musicalizando, às 12h30 temos o jornal da Universitária que é o carro chefe do nosso jornalismo, temos ainda em seguida o programa repórter cigarra produzido pelos alunos do curso de jornalismo da disciplina de rápido nas tarde temos o tarde universitária e o jornal da universitária segunda edição, quando o jornal acaba, termina a nossa programação ao vivo e depois vamos ter reprises e programas da EBC (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Sobre o perfil do conteúdo programático, o diretor o caracteriza da seguinte forma:

Uma rádio universitária ela tem mesmo esse perfil de educação e cidadania e a nossa programação é muito voltada para isso, as reportagens que os nossos bolsistas preparam elas têm essa preocupação, nós não estamos interessados de ficar cobrindo a violência diária da metrópole, não a gente tá preocupado sim em discutir questões que envolvam os interesses da sociedade, os interesses da cidadania e claro os interesses da própria comunidade acadêmica (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Também foi perguntado ao diretor Silvio Barbosa sobre o diálogo da emissora com a comunidade universitária e com a comunidade em geral, com o objetivo de identificar para quem a rádio produz seu conteúdo:

A rádio universitária tem no momento três projetos de extensão em vigor, um projeto do curso de moda, outro do curso de psicologia que ainda não está formalizado na verdade, ainda é uma intenção e outro que agrupa também a universidade estadual do Piauí, primeiro projeto de extensão da rádio com outra universidade, que é o momento UESPI que vai ao ar dentro do revista Universitária as sexta-feira. Nosso público-alvo é a comunidade acadêmica e como a gente transmite para a área urbana aqui de Teresina, mas como é sinal aberto em FM e não é muito poderoso e sofre interferências, nós entendemos que não dar para cultivar uma audiência fixa na cidade por esse sinal ser muito fraco em comparação a outras rádios e que tem torres mais altas em locais mais elevados da cidade. Nossa antena é pequena e abrange uma área pequena de Teresina, mas por outro lado pela internet, se a gente popularizar realmente a internet como forma das pessoas ouvirem aí sim nós podemos alcançar o mundo inteiro porque o sinal da internet é aberto geral (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Pela fala do diretor, a emissora se propõe a um perfil educacional e cidadão, visando atender prioritariamente à comunidade acadêmica. Ou seja, não há uma preocupação central com a audiência geral, em razão de limitações técnicas que impossibilitam maior alcance das ondas da emissora. A grade com a programação da emissora consta em anexo.

Durante a gestão do professor Silvio Henrique Barbosa, a emissora se consolida como vencedora de premiações. Nesse período, a equipe da Rádio FM Universitária (Foto 59) conquistou o 4º Prêmio Águas de Teresina de Jornalismo Ambiental, por uma matéria produzida pelo estudante de Jornalismo Carlos Eduardo “Kadu” Lima Andrade, na categoria de produção estudantil universitária.

Foto 59 - Da esquerda para direita: Prof. Silvio Henrique Barbosa, Natália Costa, Pedro Melo, Giovanna Rêgo, Kadu Andrade, Miguel Andrade e Sávio Alencar



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Foto 60 - Joyce Nirvana, Natália Costa e Pedro Silva



Fonte: Arquivo da Rádio Universitária.

Além desse, a emissora também saiu vencedora na 11ª edição do Prêmio SEBRAE. Três estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Piauí

(UFPI), que atuaram na Rádio FM Universitária, foram os vencedores na etapa estadual da premiação, conquistando o primeiro e segundo lugares na categoria universitária, e o terceiro lugar na categoria áudio (Foto 60).

Apesar das inúmeras conquistas, a Rádio Universitária da UFPI, embora ainda representando uma importante ferramenta de formação para os estudantes de jornalismo, enfrenta desafios que comprometem sua eficácia, tanto no aspecto estrutural quanto na integração de suas equipes. Um dos pontos mais críticos é a forma como os programas são produzidos de maneira individualizada, sem uma real integração entre as equipes responsáveis por diferentes produções. Essa falta de colaboração entre as áreas resulta em uma programação segmentada, sem um fluxo contínuo de informações ou uma visão coesa entre os conteúdos. Cada programa, embora de boa qualidade em termos de produção, acaba se limitando a um espaço isolado, o que prejudica a construção de uma identidade unificada para a rádio.

A integração entre as equipes de produção seria fundamental não só para melhorar a qualidade do conteúdo, mas também para proporcionar aos estudantes uma experiência mais enriquecedora, em que a troca de ideias e práticas jornalísticas se tornasse uma constante. Um ambiente colaborativo permitiria que os alunos de diferentes programas compartilhassem conhecimentos e experiências, o que refletiria de forma mais fiel o mercado de trabalho no qual ingressarão após a graduação. A ausência dessa integração também impede que a rádio tenha uma abordagem mais dinâmica, com uma programação que se complementa, oferecendo ao ouvinte uma experiência mais rica e fluida ao longo do dia.

Além disso, a rádio tem apresentado uma grade de programação consideravelmente reduzida ao longo dos anos. Originalmente, a emissora oferecia uma variedade de conteúdos, abrangendo diferentes áreas do conhecimento e da cultura.

No entanto, nos últimos tempos, muitos programas foram descontinuados ou não são mais produzidos com a mesma frequência. Essa redução na programação reflete não apenas uma diminuição no número de projetos e atividades realizadas, mas também uma falta de atualização em relação às tendências do rádio e da comunicação em geral. A rádio poderia ampliar sua grade, diversificando os temas abordados e investindo em novos formatos que atraíssem uma audiência mais variada, incluindo o público jovem e outros segmentos da sociedade piauiense. O formato da programação acaba limitando as possibilidades de engajamento com uma

audiência mais ampla e diversa.

Nesta fase, mantiveram-se alguns dos programas mais tradicionais da emissora, como Música e Notícia e Musicalizando, que se consolidaram na programação matutina da rádio da UFPI, além do Jornal da Universitária, que permanece na grade no horário do meio-dia e que ganhou uma nova edição no final da tarde, às 17h.

A Rádio FM Universitária 96,7 da UFPI mantém uma programação diversificada, que reflete sua missão educativa, cultural e informativa. A emissora continua a explorar os gêneros radiofônicos de acordo com a classificação de Barbosa Filho (2009), adaptando-se às demandas contemporâneas e ao perfil do seu público. A seguir, analisamos os gêneros presentes na grade atual da rádio e como eles se manifestam nos programas em exibição.

O gênero jornalístico permanece como um dos pilares da programação da Rádio Universitária, cumprindo o papel de informar e contextualizar o ouvinte sobre temas relevantes. Os programas que se destacam nesse gênero são:

Jornal da Universitária (1ª e 2ª edição), um noticiário que traz informações sobre a universidade, o cenário local, nacional e internacional. O programa segue o formato clássico de boletins e reportagens. Revista Universitária: Focado em notícias sobre a Universidade Federal do Piauí (UFPI), o programa combina notas, entrevistas e reportagens, oferecendo um panorama do que acontece no ambiente acadêmico. Música e Notícia, que é um dos mais antigos da emissora, mistura música e informação, caracterizando-se como revista radiofônica. Traz notícias curtas, dicas culturais e entrevistas, intercaladas com uma seleção musical diversificada.

A Rádio Universitária mantém uma forte presença do gênero educativo-cultural, com programas que promovem a reflexão, o conhecimento e a valorização da cultura. Destaque para o Clube do Vini, um programa que resgata a estética do vinil, oferecendo uma experiência sonora única. Além de valorizar a história da música, o programa também educa o ouvinte sobre diferentes gêneros e artistas, enquadrando-se no gênero educativo-cultural. Esse programa é o mais antigo da emissora ainda no ar.

Também o Na Frequência da Moda, realizado em parceria com o curso de Moda da UFPI, o programa aborda temas relacionados à moda, cultura e sociedade, promovendo a interação entre a universidade e a comunidade. Terapia Universitária, aborda temas de saúde mental, psicologia e bem-estar, oferecendo informações

educativas e reflexões importantes para o público. Esse programa é um exemplo claro de conteúdo educativo com foco em temas sociais.

O gênero musical é amplamente explorado com programas que valorizam a diversidade sonora e a experiência estética. Os principais exemplo são o Tarde Universitária, um programa que combina música, informação e entrevistas, oferecendo uma seleção musical variada e conteúdos leves para o período da tarde; Clube do Vini, além de seu caráter educativo-cultural, o programa também se enquadra no gênero musical, ao apresentar músicas em vinil e explorar diferentes estilos e épocas; e Musicalizando e também Música e Notícia, além de informativos, têm um forte componente musical, com seleções que vão desde o popular até o erudito.

O gênero de entretenimento está presente na programação em programas que buscam proporcionar momentos de descontração e identificação com o público. Destaque para Tarde Universitária, além de seu caráter musical e informativo, o programa também oferece entretenimento, com entrevistas leves e interação com o público. E Na Frequência da Moda, os temas relacionados à moda e cultura, o programa também tem um caráter descontraído, atraindo ouvintes interessados em tendências e estilo.

O gênero de serviço aparece de forma mais discreta na programação, mas ainda está presente em notas de utilidade pública e informações relevantes para a comunidade. Esses conteúdos são geralmente veiculados nos intervalos dos programas ou em espaços específicos nos programas.

Por ser uma emissora pública, a Rádio Universitária não prioriza o gênero publicitário. No entanto, *spots* e *jingles* institucionais são utilizados para promover a própria programação da rádio e eventos da UFPI. O gênero propagandístico, como programas eleitorais, é raro e só aparece em situações específicas, conforme exigido por lei.

Sobre o gênero especial, a programação atual da Rádio Universitária não inclui programas infantis ou de variedades, focando-se mais em conteúdos jornalísticos, educativos, culturais e musicais. No entanto, a diversidade dos programas existentes já atende a um público amplo e variado.

Com dificuldades financeiras provocadas pela falta de investimentos do governo federal e sucessivos cortes de orçamentos nas universidades, a emissora conta com um recurso humano muito enxuto, o que tem provocado a diminuição de

conteúdo e programas produzidos. O diretor da Rádio Universitária, Silvio Henrique Barbosa, fala sobre as dificuldades enfrentadas pela emissora:

Bom, os maiores problemas foram realmente relacionados à falta de verba, não é? Por conta do governo Bolsonaro, da redução brusca que as universidades sofreram, nós chegamos a perder três bolsistas na rádio, né? Aí conseguimos cair de 10 para 7, depois recuperamos uma bolsa, e finalmente recuperamos mais uma. Agora já voltamos ao normal novamente. Isso é muito positivo. Então, assim, a falta de dinheiro direcionou a nossa contenção de gastos. Impediu, por exemplo, que a gente pudesse fazer uma reforma interna com a retirada da proteção acústica dos nossos estúdios, a troca por um mais moderno, porque aqui ele já está muito defasado, está esfarelado já, que era uma necessidade realmente muito importante da nossa rádio. E isso a gente não conseguiu fazer (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Apesar disso, com criatividade, a direção inaugurou um mural comemorativo em alusão ao centenário do rádio. A iniciativa foi resultado de uma parceria entre a Superintendência de Comunicação Social/Rádio Universitária da Universidade Federal do Piauí (SCS/UFPI), o Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD) e o curso de Artes Visuais do Centro de Ciências da Educação (CCE).

Fez parte do projeto multidisciplinar “Grafite nas ondas da Rádio”, localizado nas laterais da Rádio FM Universitária (Foto 61 e 62). O mural contou com a participação de cinco alunos do curso de Licenciatura em Artes Visuais. O nome do projeto foi grafitado com inspiração nos estilos tipográficos que remetem aos anos 1970, época em que o rádio era o meio de comunicação mais presente na comunidade brasileira, e na música, inspirado por movimentos culturais como o Tropicalismo, o Soul, o Funk e o Disco.

Desde então, a sede da emissora passou a ter mais cores e beleza, despertando a atenção de quem passa ou visita a Rádio Universitária.

Fotos 61 e 62 - Fotos da inauguração do mural com a presença do reitor Gildásio Guedes, alunos do projeto de grafitação, a equipe da rádio Universitária e de outros membros da UFPI





Fonte: Arquivo da UFPI.

Silvio Henrique Barbosa explica como foi possível realizar a pintura com grafiteagem na parte externa da sede da emissora:

Conseguimos a pintura externa, felizmente, porque quando eu realizei o Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo aqui, eu ouvi a crítica. Um professor de uma universidade do Sul, que é de uma universidade particular, me disse: 'Que pena que o espaço público é tão abandonado, né? Nós vemos aqui os prédios de vocês como estão sem pintura e realmente pega muito mal, sabe? A gente não apresentar algo visualmente bonito.' Aí, finalmente, depois de muito esforço, conseguimos organizar um concurso cultural, não é? Para realizar a pintura e a decoração das paredes externas da rádio, com a temática 100 anos do rádio, e conseguimos que os alunos do curso de arte fizessem a pintura. Eles ganharam uma pequena bolsa para isso também, conseguimos a verba para as tintas com uma parceria com o CEAD, o Centro de Educação Aberta e à Distância, transformando isso num projeto, numa aula também, numa aula em que os alunos grafiteiros explicaram como foi feita a técnica do grafite e tal. Então, nós unimos o útil ao agradável, transformando uma obra de reforma externa do prédio, também numa aula prática de arte. Então, essa foi a nossa conquista externa (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Apesar dos esforços da direção, que conseguiu reformar a fachada da emissora com um projeto de grafiteagem, a falta de recursos tem provocado outro ponto crítico: a infraestrutura da rádio. A parte interna está bastante desgastada e carece de melhorias urgentes. A pintura dos estúdios, já em estado de deterioração, contribui para um ambiente pouco convidativo aos alunos e profissionais envolvidos na produção.

Além disso, os equipamentos de informática da rádio são antigos, prejudicando a fluidez das rotinas de trabalho. A falta de investimentos em novos computadores e na atualização de *softwares* específicos para as produções radiofônicas limita a

capacidade dos estagiários e produtores de desenvolverem suas atividades com mais eficiência. A aquisição de *softwares* atualizados é essencial para otimizar as rotinas de edição e produção de conteúdo, permitindo maior qualidade nos programas e reportagens.

Sobre a situação dos equipamentos da emissora, o diretor Silvio Henrique Barbosa relata que a parceria com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC) tem sido muito positiva. Ele afirma que a FM da UFPI recebeu seis computadores em esquema de comodato, ou seja, por empréstimo.

Além de melhores equipamentos, os estúdios da rádio também precisam passar por uma reforma estrutural. A troca das espumas, comprometidas pelo tempo e uso constante, é fundamental para melhorar a acústica do ambiente e, conseqüentemente, a qualidade sonora das transmissões. A manutenção e atualização dos estúdios são essenciais não apenas para a qualidade do trabalho dos alunos e da equipe técnica, mas também para garantir uma experiência auditiva satisfatória para os ouvintes, que são a razão de ser da emissora.

Sobre o que deve ser pensado para a evolução da Rádio Universitária nos próximos anos, o diretor Silvio Henrique Barbosa destaca que, com mais recursos, além de resolver os problemas estruturais, a universidade poderia avançar com a criação de um canal de televisão, funcionando em conjunto com a rádio:

Recebemos também um convite da EBC para, já que nós temos o sinal da FM, solicitar também ao governo federal o sinal de uma TV, que eu acho fundamental para o nosso curso de jornalismo. Da mesma forma como os alunos no rádio aprendem tanto, entram tímidos e saem como radialistas mesmo, com a capacidade de expor uma informação nessa mídia tão importante, seria, sim, também crucial que a gente tivesse um estúdio de TV, ali ao lado da nossa rádio mesmo. (Rodrigues, informação verbal, jan. 2025).

Portanto, a Rádio Universitária da UFPI, apesar de sua importância na formação dos estudantes e seu papel na divulgação de conteúdos voltados à cidadania, precisa urgentemente passar por um processo de reestruturação. A falta de integração entre as equipes, a redução da programação, a deterioração das instalações e a obsolescência tecnológica são problemas que precisam ser enfrentados com seriedade.

Investimentos em infraestrutura, modernização dos equipamentos e ampliação da grade de programação são fundamentais para que a rádio continue cumprindo seu papel educativo e se torne um ponto de referência mais sólido para a comunicação no estado do Piauí. Ademais, o fortalecimento da rádio, com uma abordagem mais

colaborativa e inovadora, contribuirá não apenas para a formação dos estudantes, mas também para o enriquecimento do debate público e da disseminação de conteúdos relevantes para a sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo geral descrever o processo de criação, implantação e mudanças da rádio e do departamento de jornalismo da FM 96,7. O estudo buscou compreender como ocorreu a implantação e o desenvolvimento da emissora, destacando seu papel pioneiro na comunicação e na educação local, bem como as conquistas e os desafios enfrentados ao longo de sua história. Além disso, a pesquisa analisou as rotinas produtivas e as práticas jornalísticas adotadas pela rádio, assim como suas contribuições para o desenvolvimento do radiojornalismo piauiense.

O problema de pesquisa que norteou este trabalho foi: como ocorreu o processo de criação, implantação e transformação da FM 96,7 da UFPI e das práticas jornalísticas da primeira rádio universitária do Piauí? A partir dessa questão, foi possível traçar um panorama histórico da emissora, desde sua idealização até os dias atuais, evidenciando os principais marcos, obstáculos e transformações que moldaram sua trajetória.

Ao longo da pesquisa, constatou-se que a Rádio Universitária da UFPI surgiu em um contexto político e social favorável, marcado por debates sobre a radiodifusão pública no Brasil e pelo apoio de figuras políticas e acadêmicas que viabilizaram sua criação. A emissora foi concebida como um espaço de experimentação e formação para os estudantes do curso de Comunicação Social da UFPI, cumprindo funções educativas e extensionistas. No entanto, sua história também é marcada por desafios, como a escassez de recursos, a necessidade de adaptação a mudanças políticas e econômicas, e a superação de crises, como a pandemia de COVID-19 e a queda da torre de transmissão.

A análise das práticas jornalísticas da Rádio Universitária revelou uma evolução significativa ao longo dos anos. Desde os primeiros programas experimentais, produzidos por alunos, até a consolidação de uma grade de programação diversificada e profissional, a emissora demonstrou um compromisso constante com a qualidade e a pluralidade de conteúdos. A criação do Jornal da Universitária, por exemplo, representou um avanço importante no radiojornalismo da emissora, com a produção de notícias, reportagens e entrevistas que contemplam tanto o contexto local quanto temas de interesse nacional.

Adicionalmente, observou-se que a Rádio Universitária da UFPI tem cumprido um papel fundamental na formação de profissionais de comunicação. Ao longo dos

anos, centenas de estudantes passaram pela emissora, vivenciando na prática os desafios e as rotinas do jornalismo radiofônico. Muitos desses ex-estagiários ocupam atualmente posições de destaque no mercado de comunicação, tanto no Piauí quanto em outros estados, o que reforça a importância da rádio como espaço formativo e de experimentação profissional.

Contudo, a pesquisa também identificou desafios persistentes. A escassez de recursos financeiros e humanos, a dependência de bolsistas e terceirizados e a necessidade de maior articulação com a Superintendência de Comunicação da UFPI são aspectos que demandam atenção para garantir a sustentabilidade e o crescimento da emissora. A pandemia de COVID-19 e a queda da torre de transmissão, por sua vez, evidenciaram fragilidades na infraestrutura da rádio, ressaltando a urgência de investimentos em tecnologia e planejamento para situações de crise.

Diante do exposto, pode-se afirmar que a Rádio Universitária da UFPI se consolidou como um importante veículo de comunicação pública, desempenhando funções educativas, culturais e informativas. Sua trajetória espelha os desafios e as conquistas enfrentados pelas rádios universitárias no Brasil, que buscam equilibrar a formação acadêmica com a produção de conteúdos de qualidade voltados para a sociedade. A emissora não apenas contribui para o fortalecimento do radiojornalismo piauiense, como também se constitui em espaço de referência na formação de profissionais de comunicação, reforçando a importância das rádios universitárias como laboratórios vivos de aprendizado e inovação.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para a reflexão sobre o papel das rádios universitárias no cenário da comunicação brasileira, destacando a necessidade de políticas públicas que garantam sua sustentabilidade e fortalecimento. A Rádio Universitária da UFPI, com sua trajetória de pioneirismo e resiliência, representa um exemplo de como a comunicação pública pode ser um instrumento de transformação social e educacional.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana; MEIRELES, Norma. **Rádios universitárias: experiências e perspectivas**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2019.

AMORIM, André. **Com mais de 100 anos de história, ainda existe futuro para o rádio no Brasil?** 2023. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/arte-e-cultura/com-mais-de-100-anos-de-historia-ainda-existe-futuro-para-o-radio-no-brasil/>. Acesso em :8 de ago. de 2023.

ANTONIOLI, MARIA ELISABETE. Diretrizes Curriculares e cursos de Jornalismo: a formação do jornalista à luz da legislação educacional. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 4, n. 15, p. 6-6, 2014.

ANTONIOLI, Maria Elisabete. **Ensino de Jornalismo e legislação educacional**. São Paulo: L'Editora, 2006.

ARAÚJO, Maria Arlete Duarte de; MACEDO, Marconi Neves. O desmonte da educação superior no governo Bolsonaro. **Encontro Brasileiro de Administração Pública**, 2022. Disponível em: <https://sbap.org.br/ebap/index.php/home/article/view/358>. Acesso em: 14 dez. 2024.

BARBOZA, Marli; SARDINHA, Antonio. O estágio em jornalismo sob uma perspectiva pedagógica: a experiência na Universidade Estadual de Mato Grosso. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 1, n. 10, p. 3-3, 2012.

BRASIL. Lei n. 11.652, de 7 de abril de 2008. Institui os princípios e objetivos dos serviços de radiodifusão pública explorados pelo Poder Executivo ou outorgados a entidades de sua administração indireta; autoriza o Poder Executivo a constituir a Empresa Brasil de Comunicação – EBC; altera a Lei n. 5.070, de 7 de julho de 1966; e dá outras providências. Brasília, DF, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11652.htm. Acesso em: 10 dez. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1 maio 2020.

CARVALHO BERTI, Orlando Mauricio. Etnografando o ensino de Jornalismo na UESPI–Universidade Estadual do Piauí: Reflexões, lições e autocríticas. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 9, n. 24, p. 4-23, 2019.

CARVALHO LOPES, Paulo Fernando; DE ARAUJO SOUSA, Roberto. **Rádios Universitárias: Proposta de Indicadores-Chave com Base nos Marcos Conceituais de Emissoras Públicas Federais**.

CHAGAS, Luan; DA CRUZ, Marcio Camilo. **Nem tudo tem dois lados**: a cobertura sobre a vacina no programa Os Pingos nos Is da Jovem Pan. 2021. Disponível em: <https://proceedings.science/encontros-sbpjor/sbpjor-2021/trabalhos/nem-tudo-tem-dois-lados-a-cobertura-sobre-a-vacina-no-programa-os-pingos-nos-is>. Acesso em: 20 nov. 2024.

COMASSETTO, Leandro Ramires; RHODEN, Valmor; COLVERO, Ronaldo Bernardino. A integração pelas ondas do rádio: a rede educativa da Universidade Federal do Pampa. **Conexão-Comunicação e Cultura**, v. 15, n. 29, 2016.

Lima, Venício de. A do. As Concessões de radiodifusão como moeda de barganha política. **Revista Adusp**, São Paulo, p. 27-33, jan/2008. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/files/revistas/42/r42a02.pdf>. Acesso em: dez 2024.

DEUS, Sandra de Fatima Batista de. O papel das rádios universitárias públicas na extensão universitária. **Navegar é preciso. transformar é possível**: trabalhos selecionados para apresentação oral]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pró-Reitoria de Extensão, 2005. p. 91-96, 2005.

DEUS, Sandra. Rádios das Universidades Federais: função pública e compromisso laboratorial. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2003.

DEUS, Sandra. Rádios Universitárias Públicas: compromisso com a sociedade e com a informação. **Em Questão**, v. 9, n. 2, p. 327-338, 2003.

FERREIRA, Mayara Sousa; DE BRITO COSTA, Ruthy Manuella. Práticas de extensão no ensino de Jornalismo: a experiência com a revista Das Antigas. **Em Extensão**, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 205–217, jan.–jun. 2021.

FONSECA, Vicente Fernandes Dutra. **Rádios universitárias federais gaúchas: um estudo da programação jornalística**. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

GALVÃO JÚNIOR, Lourival da Cruz. O ensino do Jornalismo Radiofônico na ESEP e na UNITAU: duas experiências em recantos de Portugal e do Brasil. **Aprender**, p. 25-39, 2015.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KISCHINHEVSKY, Marcelo et al. Por uma historiografia do rádio universitário no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 7, n. 2, 2018.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Mauad Editora Ltda, 2017.

LEITE, Adriana Cristina Souza; SILVA, Pollyana Alves Borges; VAZ, Ana Cristina

Ribeiro. A importância das aulas práticas para alunos jovens e adultos: uma abordagem investigativa sobre a percepção dos alunos do PROEF II. **Ensaio pesquisa em educação em ciências (belo horizonte)**, v. 7, n. 03, p. 166-181, 2005.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues et al. O rádio expandido no enfrentamento à pandemia de Covid-19: a experiência da Rádio Universitária Paulo Freire. **Radiofonias–Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 12, n. 1, p. 33-33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4416/3762>. Acesso em: 25 nov. 2024.

LIMA, George Santos. O ensino de Jornalismo no Piauí e a prática no mercado. In: **CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE**, 11., 2009, Teresina. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2009.

LIMA, Taíse Cristina Heberle de; RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Projeto rádio na escola: uma prática educacional. **Revista conhecimento online**, v. 1, p. 86-103, 2011.

LOPES, Dirceu Fernandes. **Jornal laboratório**: do exercício escolar ao compromisso com o público leitor. São Paulo: Summus, 1989.

LOPES, Paulo Fernando de Carvalho; SOUZA, Roberto de Araújo. As rádios universitárias como espaços de fortalecimento de uma política pública em radiodifusão. **Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 1, p. 204-219, 2020.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Diversidade de experiências e desafios na gestão de rádios universitárias. In: **XVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–Intercom. Joinville**. 2018.

MUSTAFÁ, Izani; KISCHINHEVSKY, Marcelo; MATOS, Cristiana Martins de. Cartografia das rádios universitárias do Brasil (1950-2016). In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. 2017.

OTA, Daniela Cristiane; MALULY, Luciano Victor Barros. Entre a Rádio USP e a Rádio UFMS—a consolidação de modelos educativos de programação nas emissoras universitárias1. In: **XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2014.

PAVAN, Ricardo; ARAÚJO, Gabriela Starneck Lopes de. Uma reflexão acerca da formação laboratorial em rádio e a perspectiva das novas DCNs para o curso de Jornalismo. **Série-Estudos**, v. 24, n. 52, p. 217-230, 2019.

PELLEGRINI, Paulo; FERREIRA, Rose. A Rádio Universidade FM como instrumento de mediação cultural. **Revista Cambiassu**, São Luís, v. XVI, n. 2, p. 114–122, jan.–dez. 2006. Publicação científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. ISSN 0102-3853.

PEZZO, Mariana R.; BOTELHO, Rodrigo; RODRIGUES, Ricardo. Funções e projeto de rádios e TVs universitárias: a experiência da UFSCar na implementação de seus veículos. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação–INTERCOM**. 2006.

PIERANTI, Octavio Penna. **Políticas públicas de radiodifusão no Governo Dilma**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2017.

REIS, Clóvis; VARGAS, Regina Célia Senna Lima. Proposta de programação para a emissora de rádio educativa e oportunidades de promoção institucional para a Universidade Regional de Blumenau. In: **V COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO UNIVERSITÁRIA NA AMÉRICA DO SUL**, 2004, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: INPEAU/UFSC, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/35660>. Acesso em: 2 fev. 2025.

SANTOS, Gláucio Antônio; LOPEZ, Debora Cristina. Rádio educativo como proposta pedagógica de formação de novos repórteres em espaço não escolar. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, v. 10, n. 26, p. 128-142, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/13371/1/ARTIGO_R%c3%a1dioEducativoProposta.pdf. Acesso em: 5 out. 2024.

SCHERER, Mateus; BURIOL, Fernanda; PEREIRA, Adriana Soares. A importância de um laboratório de rádio na formação do jornalista: aperfeiçoamento da oralidade, escrita e linguagem radiofônica. **Trajatória Multicursos**, v. 9, n. 1, p. 88-103, 2020.

SILVA, Sérgio Pinheiro da. **Rádio universitária: o ambiente laboratorial da Rádio Gazeta AM**. 2017. Tese (Doutor em Comunicação) – Universidade Paulista, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, São Paulo, 2017. Disponível em: https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/tainacan-items/191/9780/com_sergiopinheirodasilva.pdf. Acesso em: 2 fev. 2025.

SPENTHOF, Edson Luiz. Aprender Fazendo e Fazer Pensando: Breve análise dos quase 40 anos de experiência pedagógica do curso de Jornalismo na Rádio Universitária da UFG. In: **Jornalismo UFG**. Goiânia: FUNAPE/Facomb, 2010.

VALVERDE, Franklin Larrubia. **O papel pedagógico do estágio na formação do jornalista**. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.franklinvalverde.com.br/tese.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

YOSHIDA, Deisi Akemi Iha; LESZCZYNSKI, Sonia Ana Charchut; DE DEUS, Sandra de Fátima Batista. **Rádio Web Universitária como artefato tecnológico no processo educacional University Radio Web**: Technological Artefact in the Educational Process.

ZAGO, Giovana. Entre desafios e adaptações: como os programas produzidos para as rádios universitárias seguiram durante a pandemia. **Revista TXT**, Santa Maria, 29 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/experimental/revistatxt/2021/08/29/entre-desafios-e->

adaptacoes-como-os-programas-produzidos-para-as-radios-universitarias-seguiram-durante-a-pandemia. Acesso em: 25 de jul. de 2023.

**APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO: HISTÓRIA DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA
UFPI- PRIMEIRO DIRETOR PAULO VILHENA**

1. *Como surgiu a ideia da criação da Rádio Universitária da UFPI?*

 - Qual foi a motivação ou necessidade que levou à proposta de criação da Rádio Universitária?
 - Houve algum evento ou contexto histórico que influenciou essa decisão?

2. *Como ocorreu o processo de criação da Rádio?*

 - Como foi o processo de outorga do sinal de rádio? Quais foram as etapas e desafios enfrentados?
 - Como se deu a construção do prédio que abriga a Rádio?
 - Como foram adquiridos e instalados os equipamentos necessários para o funcionamento da Rádio?

3. *Quais foram as pessoas fundamentais para a construção e inauguração da Rádio Universitária?*

 - Quais nomes foram essenciais no processo de criação, desde a idealização até a concretização do projeto?
 - Houve apoio de alguma instituição ou órgão específico?

4. *Como se deu a inauguração da Rádio?*

 - Quando e como ocorreu a inauguração oficial da Rádio Universitária?
 - Quando a Rádio entrou no ar pela primeira vez?
 - Quando a Rádio deixou de ser experimental e passou a ter os primeiros programas regulares?

5. *Como foi a chegada dos primeiros alunos e a produção dos primeiros programas?*

 - Como os alunos foram integrados ao projeto da Rádio?
 - Quais foram os primeiros programas produzidos e como eles contribuíram para a identidade da Rádio?
 - Houve algum programa ou momento marcante nos primeiros anos de funcionamento?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Comunicação através do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das folhas nem assinar o questionário. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. As questões são subjetivas. Obrigado pela sua colaboração.

- 1- Quando iniciou como estagiário (a) na rádio Universitária da UFPI?
 - 2- O que levou você a se tornar um estagiário(a) e como foi o processo para estagiar na emissora?
- 3- Quais as práticas você exercitou e aprendeu como estagiário da rádio Universitária?
- 4- Como funciona a prática laboratorial na rádio Universitária da UFPI?
 - 5- Você considera que o seu estágio na rádio Universitária contribuiu na sua formação como jornalista?
 - 6- De que forma as atividades desenvolvidas e executadas por você na rádio Universitária da UFPI contribuíram na sua formação?
 - 7- De que forma a supervisão de um professor do curso como diretor da rádio e o apoio de servidores contribuem para o aprendizado dos estagiários da rádio Universitária?
 - 8- Como esse aprendizado poderia ser melhor no ambiente laboratorial da rádio Universitária?
- 9 - Quais aprendizados na rádio Universitária você executa atualmente no veículo de comunicação em que você atua?
- 10 - Você acredita que ter estagiado na rádio Universitária abriu portas para você no mercado de trabalho? Se sim, por quê?

**APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO: ENTREVISTA COM O EX-DIRETOR DA
RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFPI, PAULO FERNANDO DE CARVALHO LOPES**

1. *Sobre o convite para assumir a direção da Rádio Universitária*
 - Como e quando o senhor recebeu o convite para dirigir a Rádio Universitária da UFPI?
 - Quem fez o convite e qual foi o contexto dessa escolha?
 - Como foi o processo desde o convite até a sua posse como diretor? O senhor se lembra de datas específicas?
2. *Primeiras medidas como diretor*
 - Quais foram as primeiras ações que o senhor implementou ao assumir a direção da Rádio?
 - Que mudanças foram feitas na organização física e estrutural da emissora?
 - Como a programação foi ajustada ou renovada durante o início da sua gestão?
 - Houve alterações significativas na equipe ou nos recursos humanos?
3. *Programas criados durante a sua gestão*
 - Quais foram os principais programas criados ou reformulados sob a sua direção?
 - Como esses programas contribuíram para a identidade e o alcance da Rádio Universitária?
 - Houve algum programa que se destacou ou teve um impacto especial junto ao público?
4. *Conquistas e premiações*
 - Quais foram as principais conquistas alcançadas pela Rádio Universitária durante a sua gestão?
 - A Rádio recebeu alguma premiação ou reconhecimento nesse período?
 - Como essas conquistas impactaram a visibilidade e a credibilidade da emissora?
5. *Recursos humanos na emissora*
 - Como foi organizada a equipe da Rádio durante a sua gestão?
 - Qual foi o papel dos profissionais terceirizados, dos efetivos após o concurso e dos bolsistas estagiários?
 - Como o senhor avalia a contribuição de cada um desses grupos para o funcionamento da Rádio?
6. *Reformas e melhorias estruturais*
 - Como foi realizada a reforma na parte física da Rádio? Quais foram os recursos utilizados para viabilizar essa reforma?

- O que motivou a decisão de reformar a estrutura física e montar uma redação na emissora?

- Quais foram os principais benefícios trazidos por essas mudanças?

7. *Funcionamento durante a pandemia*

- Como a Rádio Universitária se adaptou para continuar funcionando durante a pandemia de COVID-19?

- Quais foram os maiores desafios enfrentados nesse período e como a equipe superou esses obstáculos?

- A Rádio desenvolveu alguma programação especial ou campanhas voltadas para o contexto da pandemia?

8. *Sua saída e legado*

- Como foi o processo da sua saída da direção da Rádio Universitária?

- Como o senhor avalia o estado em que deixou a Rádio ao final da sua gestão?

- Qual o legado que o senhor acredita ter deixado para a Rádio Universitária da UFPI?

**APÊNDICE D- QUESTIONÁRIO: ENTREVISTA COM FUNCIONÁRIOS,
COLABORADORES, EX-FUNCIONÁRIOS E EX- COLABORADORES DA RÁDIO
UNIVERSITÁRIA DA UFPI**

1. *Ingresso na Rádio Universitária*

- Quando e como foi o seu ingresso na Rádio Universitária da UFPI?
- O que motivou você a se integrar à equipe da emissora?
- Você se lembra de como foi o processo de seleção ou convite para atuar na Rádio?

2. *Função na emissora*

- Qual foi ou é a sua função na Rádio Universitária?
- Quais eram as suas principais responsabilidades e atividades no dia a dia?
- Como você descreveria a sua experiência atuando nessa função?

3. *Legado e contribuições*

- Qual legado ou contribuições você acredita ter deixado para a Rádio Universitária durante o seu tempo na emissora?
- Houve algum projeto, programa ou iniciativa que você ajudou a desenvolver e que marcou a história da Rádio?
- Como você avalia o impacto do seu trabalho para o crescimento e a identidade da emissora?

4. *Significado de fazer parte da Rádio Universitária*

- O que significou para você fazer parte da equipe da Rádio Universitária?
- Quais foram os momentos mais marcantes ou gratificantes da sua trajetória na emissora?
- Como a experiência na Rádio contribuiu para o seu crescimento pessoal e profissional?

5. *Desafios e superações*

- Quais foram os maiores desafios que você enfrentou durante o seu trabalho na Rádio Universitária?
- Como você e a equipe superaram esses desafios?
- Houve algum aprendizado ou experiência que você leva para a vida após atuar na emissora?

6. *Relações e trabalho em equipe*

- Como era o relacionamento com os colegas de trabalho, colaboradores e direção da Rádio?
- Como o trabalho em equipe contribuiu para o sucesso das atividades da emissora?

- Há alguma história ou momento especial que você gostaria de compartilhar sobre a convivência na Rádio?

7. *Perspectivas para o futuro*

- Como você enxerga o futuro da Rádio Universitária da UFPI?
 - Que conselhos ou sugestões você daria para as novas gerações que estão ingressando na emissora?
 - Há algo que você gostaria de ver implementado ou fortalecido na Rádio nos próximos anos?

APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO: ENTREVISTA COM O EX-REITOR LUÍS JUNIOR SOBRE A CRIAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA DA UFPI*

Bom dia, professor Luís Junior!

1. *A ideia da criação da Rádio Universitária*

- Como surgiu a ideia de criar uma Rádio Universitária na UFPI?
 - Qual foi o contexto ou a motivação que levou à proposta de implantação da emissora?
 - Houve alguma inspiração ou modelo de outras rádios universitárias que influenciou o projeto?

2. *Desenvolvimento do projeto*

- Como foi desenvolvido o projeto da Rádio Universitária? Quais foram as etapas iniciais?
- Quem foram as pessoas ou equipes envolvidas na elaboração do projeto?
- Quais foram os principais objetivos estabelecidos para a Rádio desde o início?

3. *Implantação do sinal e construção da sede*

- Como foi o processo de implantação do sinal da Rádio Universitária? Quais foram os desafios técnicos e burocráticos?
- Como se deu a construção da sede da Rádio? Quais foram as etapas e os recursos utilizados?
- Houve parcerias ou apoios externos que foram essenciais para a concretização desse projeto?

4. *Desafios enfrentados*

- Quais foram os maiores desafios enfrentados durante a criação e implantação da Rádio Universitária?
- Como a equipe superou esses desafios?
- Houve algum momento crítico ou decisivo que marcou o processo?

5. *Conquista da concessão*

- Como foi o processo de obtenção da concessão do sinal de rádio junto aos órgãos competentes?
- Quais foram as etapas e os trâmites necessários para garantir a outorga?
- Houve alguma dificuldade ou obstáculo específico nesse processo?

6. *Escolha da equipe*

- Como foi definida a equipe que iria trabalhar na Rádio Universitária?

- Quais foram os critérios utilizados para a seleção dos profissionais e colaboradores?
- Como o senhor avalia a contribuição dessa equipe para o sucesso do projeto?

7. *Inauguração da Rádio*

- Como foi o processo de inauguração da Rádio Universitária? O senhor se lembra de datas e detalhes desse momento?
- Qual foi a programação inicial da Rádio e como ela foi recebida pela comunidade universitária e pelo público em geral?
- Houve algum evento ou cerimônia especial para marcar a inauguração?

8. *Compra de equipamentos e orçamento*

- Como foi organizado o orçamento para a compra dos equipamentos necessários para a Rádio?
- Quais foram os principais equipamentos adquiridos e como eles contribuíram para a qualidade da emissora?
- Houve alguma dificuldade em garantir os recursos financeiros para a implantação do projeto?

9. *Legado da Rádio Universitária*

- Qual o legado que o senhor acredita que a Rádio Universitária deixou para a UFPI e para a sociedade?
- Como o senhor avalia o impacto da Rádio no cenário acadêmico, cultural e comunicacional do estado?
- O que o senhor destacaria como a maior conquista da Rádio Universitária durante o seu período de criação e implantação?

10. *Reflexões finais*

- Olhando para trás, como o senhor avalia a experiência de ter liderado o projeto da Rádio Universitária?
- O que essa experiência significou para a sua trajetória como reitor da UFPI?
- Que mensagem o senhor gostaria de deixar para as gerações atuais e futuras que fazem parte da emissora.

**APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO: ENTREVISTA COM O EX-COORDENADOR DE
COMUNICAÇÃO DA UFPI, ELIEZER MENDA, E DIRETORES DA TV
ASSEMBLEIA SOBRE A DISPUTA DE CONCESSÃO DE TV ENTRE A UFPI E A
ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO PIAUÍ**

1. *Existência da disputa de concessão de TV*

- Houve realmente uma disputa pela concessão de TV entre a UFPI e a Assembleia Legislativa do Piauí?
- Qual foi o contexto que levou a essa disputa?
- Como essa disputa foi conduzida por ambas as instituições?

2. *Consequências da disputa na aquisição da concessão da Rádio Universitária pela UFPI*

- A disputa pela concessão de TV teve algum impacto no processo de aquisição da concessão da Rádio Universitária pela UFPI?
- Houve atrasos, dificuldades ou mudanças de estratégia por parte da UFPI em função dessa disputa?
- Como a UFPI lidou com os desafios decorrentes dessa situação?

3. *Processo de conquista da concessão da TV Assembleia*

- Como foi o processo de conquista da concessão da TV Assembleia pela Assembleia Legislativa do Piauí?
- Quais foram as etapas e os trâmites necessários para garantir a outorga?
- Houve algum desafio específico enfrentado pela Assembleia Legislativa nesse processo?

4. *Processo de conquista da concessão da Rádio Universitária pela UFPI*

- Como foi o processo de conquista da concessão da Rádio Universitária pela UFPI?
- Quais foram as etapas e os trâmites necessários para garantir a outorga?
- Houve algum desafio específico enfrentado pela UFPI nesse processo?

5. *Relação entre as instituições durante a disputa*

- Como era a relação entre a UFPI e a Assembleia Legislativa do Piauí durante o período da disputa?
- Houve diálogo, negociação ou mediação entre as partes para resolver a disputa?

6. *Impactos da disputa para a comunicação no Piauí.*

- Quais foram os impactos dessa disputa para o cenário da comunicação no estado do Piauí?

- Como a resolução (ou não) da disputa influenciou o desenvolvimento da TV Assembleia e da rádio Universitária?

**APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO PARA O DIRETOR DA RÁDIO UNIVERSITÁRIA,
SILVIO HENRIQUE BARBOSA***

1. *Programação da Rádio Universitária:*

Como é feita a programação da Rádio Universitária? Quais são os critérios e processos utilizados para selecionar e organizar a grade de programação?

2. *Foco Educacional e Qualidade:*

Existe um cuidado em manter uma programação voltada para a educação. Quais os cuidados que a direção da emissora tem para exibir uma programação de qualidade, atendendo ao perfil esperado de uma rádio universitária?

3. *Programas Próprios:*

Quantos programas próprios a emissora produz atualmente? Quais são os principais formatos e temas abordados?

4. *Equipe da Emissora:*

Quantos bolsistas e servidores a emissora tem atualmente? Como é a divisão de funções entre eles?

5. *Projetos de Extensão:*

A emissora possui e está aberta a projetos de extensão? Como a comunidade acadêmica pode participar ou propor novas iniciativas?

6. *Público-Alvo:*

Qual o público-alvo que a emissora pretende alcançar com sua programação? Há estratégias específicas para engajar diferentes segmentos de ouvintes?

7. *Conquistas e Premiações:*

Quais são as principais conquistas e premiações que a Rádio Universitária já alcançou durante sua gestão?

8. *Desafios para o Próximo Gestor:*

Quais são os principais desafios que o próximo gestor da Rádio Universitária deverá enfrentar?

9. *Realizações e Metas Futuras:*

O que o senhor gostaria de realizar à frente da Rádio Universitária e ainda não conseguiu? Quais são suas expectativas ou recomendações para o futuro da emissora?